

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA**

Kelyn Cristina Castão

**A transversalidade da temática da puberdade em Freud e as interseções com a noção de
desamparo**

**São Carlos-SP
2025**

Kelyn Cristina Castão

A transversalidade da temática da puberdade em Freud e as interseções com a noção de desamparo

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de São Carlos, para obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Área de concentração: Estrutura e gênese do conceito de subjetividade – A subjetividade na filosofia da Psicologia e da Psicanálise.

Orientadora: Prof.^a Dra. Janáina Namba

**São Carlos-SP
2025**

Castão, Kelyn Cristina

A transversalidade da temática da puberdade em Freud e as interseções com a noção de desamparo / Kelyn Cristina Castão -- 2025.
111f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos
Orientador (a): Janaína Namba
Banca Examinadora: Eduardo Name Risk, Josiane Cristina Bocchi
Bibliografia

1. Psicanálise. 2. Puberdade. 3. Desamparo. I. Castão, Kelyn Cristina. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Arildo Martins - CRB/8 7180



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Filosofia

Folha de Aprovação

Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Kelyn Cristina Castão, realizada em 18/11/2025.

Comissão Julgadora:

Profa. Dra. Janaina Namba (UFSCar)

Prof. Dr. Eduardo Name Risk (UFSCar)

Profa. Dra. Josiane Cristina Bocchi (UNESP)

AGRADECIMENTOS

À Professora Dra. Janaína Namba, pela orientação cuidadosa e gentil, pela confiança em meu trabalho e pela amizade generosa.

Aos Professores Dra. Josiane Cristina Bocchi e Dr. Eduardo Name Risk, pelas valiosas contribuições durante o Exame de Qualificação e por aceitarem participar da Banca de Mestrado.

Aos meus pais, carinhosamente chamados de vó Tereza e vô Roberto, pela presença e pelo suporte sempre que foi preciso.

Aos meus sogros, Marilza e Moacir, pela generosidade e pelo apoio.

Ao meu filho, Luca, por alegrar e transformar a vida.

Ao meu companheiro, Alexandre, por ser a base – e também pela tolerância e pelo cuidado.

RESUMO

A dissertação investiga a transversalidade da temática da puberdade na obra de Sigmund Freud e suas interseções com a noção de desamparo, propondo uma leitura que articula o desenvolvimento da teoria psicanalítica à compreensão da constituição psíquica e dos sofrimentos próprios da adolescência. O estudo parte da constatação de que, embora Freud não tenha dedicado uma elaboração sistemática à adolescência, a puberdade aparece de forma recorrente em diferentes momentos de sua produção teórica, assumindo relevância na compreensão da constituição psíquica dos indivíduos. A pesquisa busca reconstruir o percurso da temática da puberdade em Freud, considerando que as transformações conceituais em torno da sexualidade refletem na importância que a puberdade adquire na elaboração freudiana. Inicialmente, a puberdade é compreendida como um momento fisiológico propício à eclosão das neuroses, vinculada ao aumento da excitação sexual. Com a revisão teórica freudiana, ela passa a ser concebida como o segundo tempo da sexualidade, etapa de ressignificação das experiências infantis e de conformação da sexualidade adulta. O trabalho propõe que a análise da puberdade em Freud permita compreender os modos de sofrimento psíquico dos jovens na atualidade a partir da articulação com a noção de desamparo (*Hilflosigkeit*), central na obra freudiana a partir da década de 1920, destacando como a adolescência pode ser compreendida como um período de enfrentamento desse desamparo originário, no qual o humano é convocado a criar formas de lidar com a alteridade e com as perdas constitutivas da condição humana.

Palavras-chave: Puberdade; Adolescência; Desamparo; Identificação.

ABSTRACT

The essay investigates the transversality of the theme of puberty in the work of Sigmund Freud and its intersections with the notion of helplessness, proposing a reading that articulates the development of psychoanalytic theory with the understanding of psychic constitution and the specific forms of suffering characteristic of adolescence. The study begins with the observation that, although Freud did not devote a systematic elaboration to adolescence, puberty appears recurrently at different moments of his theoretical production, assuming relevance for the understanding of the psychic constitution of individuals. The research seeks to reconstruct the trajectory of the theme of puberty in Freud's work, considering that the conceptual changes surrounding sexuality reflect the importance that puberty acquires within his theoretical elaboration. Initially, it is understood as a physiological moment conducive to the outbreak of neuroses, linked to the increase in sexual excitation. With Freud's theoretical revision, puberty comes to be conceived as the second stage of sexuality – a phase of re-signification of childhood experiences and of the shaping of adult sexuality. The essay proposes that the analysis of puberty in Freud allows for an understanding of the modes of psychic suffering experienced by young people today, based on its articulation with the notion of helplessness (*Hilflosigkeit*), which became central in Freud's work from the 1920s onward. It also highlights how adolescence can be understood as a period of confrontation with this original helplessness, in which the human being is called upon to create new ways of dealing with otherness and with the losses constitutive of the human condition.

Keywords: Puberty; Adolescence; Helplessness; Identification.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. CONSTRUÇÃO DA PUBERDADE NA OBRA DE FREUD	12
1.1 Estudos sobre a histeria: a puberdade como momento da neurose.....	13
1.2 Teoria da sedução: puberdade como o segundo tempo da neurose	18
1.3 Da sedução à fantasia	23
1.4 A puberdade nos <i>Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade</i>	27
2. DO COMPLEXO DE ÉDIPO NA PUBERDADE À PUBERDADE COMO SEGUNDO TEMPO DO ÉDIPO	38
2.1 Fantasias edípicas e puberdade.....	40
2.2 Sobre o complexo de Édipo infantil	51
2.2.1 <i>Narcisismo</i>	53
2.2.2 <i>Identificação</i>	63
2.3 Amadurecimento do complexo de Édipo	76
3. A PUBERDADE E A VIVÊNCIA DO DESAMPARO	85
3.1 Desamparo em Freud.....	87
3.2 Adolescência e desamparo.....	96
CONSIDERAÇÕES FINAIS	101
REFERÊNCIAS	104

INTRODUÇÃO

A psicanálise nasceu do interesse de Freud em compreender os mecanismos psíquicos associados às neuroses observadas em pacientes adultas. Com base em sua experiência clínica, o enfoque deslocou-se para a infância, permitindo identificar as diversas influências dos primeiros anos de vida na constituição psíquica do indivíduo adulto.

No início da história da psicanálise, a puberdade não era um tema a ser trabalhado, nem teoricamente, nem na clínica. Tradicionalmente, os psicanalistas dirigiam seu interesse à infância ou à vida adulta. Apesar de Freud se referir à puberdade durante toda sua obra, há apenas um texto dedicado à compreensão dessa fase da vida: o terceiro capítulo de *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* ([1905]/1992). O uso da palavra *adolescente* é pequeno e eventualmente Freud também utiliza a palavra *jovem* ao refletir sobre o período que hoje se nomeia como adolescência (Matheus, 2020).

O termo adolescência era utilizado, em sua versão latina (*adulescentia*), no Império Romano, como meio de delimitar um período específico da vida dos cidadãos. Na Idade Média europeia há registros do uso do termo para descrição erudita das fases da vida, diferente do senso comum que compreendia as funções sociais como designadoras de cada faixa etária (Matheus, 2008).

A estruturação da adolescência como uma fase surge a partir da concepção de indivíduos formados através de etapas de desenvolvimento da vida; um processo histórico que se inicia no final do século XVII e se fortalece com a Revolução Francesa. Estabelece-se o processo de periodização das fases da vida, que se consolida ao longo do século XIX, devido a mudanças sociais pertinentes ao período, como a escolarização, a primeira comunhão e o serviço militar.

Há a demarcação da adolescência como o intervalo entre a infância e a vida adulta, exigindo do jovem a busca por um modo particular de enfrentar o processo de chegada a maturidade. A adolescência aparece neste cenário como o momento de transição entre o espaço privado da família e o espaço público, caracterizado pela esfera social (Matheus, 2020). Entretanto, é apenas durante o século XX que o termo adolescente será utilizado indistintamente (Rosa; Carmo-Huerta, 2020).

Atualmente, evoca-se o termo adolescência para designar um momento de turbulência e crise que tem início com a entrada na puberdade, um período repleto de transformações fisiológicas e sociológicas, ligadas à maturação do corpo, ao desligamento gradual da família e à entrada na vida social. Neste contexto, será exigido do púbere a busca por seu modo particular de enfrentamento desta fase de transição entre a vida infantil e a adulta, considerando a estruturação social em que está inserido.

A obra freudiana não trata da adolescência, mas, sim, da puberdade. Contudo, seus escritos não restringem a puberdade às modificações fisiológicas enfrentadas pelos jovens. Freud situa a puberdade como o segundo tempo da sexualidade, momento em que o aparelho psíquico encontra sua configuração final e, por esse viés, a puberdade se estabelece como o momento de resgatar e ressignificar as experiências infantis (Matheus, 2008).

Para Freud, a puberdade não deve ser entendida como um período fisiológico disparador da adolescência. Em seu trabalho dedicado à investigação da etiologia das neuroses, ele a compreende como o segundo momento da sexualidade, ou seja, o segundo momento das vivências edípicas.

As vivências edípicas terão grande importância na constituição psíquica dos indivíduos, pois, a partir delas, há o desenvolvimento do supereu e do ideal de Eu. O complexo de Édipo orienta o desejo e as escolhas de objeto feitas durante a vida, sempre marcadas pelos investimentos objetivos e identificações conflitivas relacionadas ao complexo. Portanto, para apreender a puberdade na obra freudiana é imprescindível situá-la a partir do complexo de Édipo.

Este trabalho pretende analisar como a questão da puberdade atravessa a obra freudiana e acompanha as diversas mudanças teóricas propostas ao longo dos anos. Ao evidenciar a transversalidade da puberdade no pensamento freudiano, busca-se contribuir para a elucidação dos sofrimentos psíquicos enfrentados pelos adolescentes na atualidade.

Para ingressar na vida adulta, o adolescente precisará passar por dois grandes trabalhos de elaboração: separar-se da autoridade dos pais e suportar a castração – lidando com o desvelamento do desamparo constituinte de todos os humanos. O encontro com o sexo se faz inevitável e, para além da relação sexual, é o momento de assumir um posicionamento na partilha dos sexos. Isto se faz a partir das vivências narcísicas e edípicas, fundantes do desejo sustentado na fantasia, que se encontrarão na base da organização psíquica de cada indivíduo.

Assim, pode-se dizer que a adolescência é um momento de revisitação do Complexo de Édipo, da castração e das identificações, conceitos que puderam ser desenvolvidos a partir da descoberta da sexualidade infantil, colocando o sujeito em contato com o desamparo (Alberti, 2010). Entender a interseção entre a adolescência e o desamparo parece uma chave para a compreensão dos sofrimentos adolescentes.

Na obra freudiana há um percurso trilhado até a descoberta da sexualidade infantil e a construção dos conceitos que permitem compreender a adolescência pela ótica da Psicanálise. A teoria psicanalítica passou por diversas modificações e a substituição da teoria da sedução pela teoria da fantasia permite a articulação necessária para que emergjam, por meio da relação entre a clínica e a teoria, a sexualidade infantil, o Complexo de Édipo e o papel da fantasia na

etiologia da neurose, construções teóricas que servirão de base para o entendimento do Complexo de Castração e da sexualidade adulta.

Pretende-se, aqui, acompanhar o caminho trilhado por Freud na construção desses conceitos. Para isso, optou-se por apresentar os textos, sempre que possível, em ordem cronológica, com o objetivo de construir uma linha do tempo e observar como a puberdade se situa nesses textos. Sabe-se que as construções teóricas realizadas por Freud foram fortemente apoiadas em sua prática clínica e, portanto, não há linearidade em suas elaborações. De todo modo, para este trabalho, propor uma linearidade na leitura dos conceitos pode evidenciar os lugares que a puberdade ocupou durante o desenvolvimento teórico.

Apesar de não ser um período de desenvolvimento que receba algum destaque por parte de Freud, quando se observam, nos textos iniciais, com os sintomas que se manifestam a partir da puberdade, pode-se vislumbrá-la como um conceito transversal, sendo, desse modo, possível reconstruí-la à luz da teoria freudiana. Nesse sentido, é necessário compreender as nuances que a sexualidade e, conseqüentemente, a puberdade, adquire durante a elaboração da Psicanálise, desde a teoria da sedução traumática, passando pela construção do conceito de fantasia, até chegar aos conceitos fundamentais para a compreensão deste período da vida: narcisismo, identificação e complexo de castração.

Posteriormente, a argumentação articula-se à noção de desamparo, que adquiriu grande importância na obra freudiana após os anos 1920, para entender como a adolescência se configura como o momento de enfrentamento do desamparo fundamental, possibilitando a criação de modos particulares de lidar com ele.

Este trabalho está organizado em três capítulos que foram organizados com o interesse de demonstrar a transversalidade da questão da puberdade e sua relação com a noção de desamparo na obra de Freud.

O primeiro capítulo parte dos anos iniciais de trabalho de Freud e Breuer em que a puberdade é vista como uma etapa do desenvolvimento biológico, marcada pelo despertar da sexualidade, percebida como traumática devido ao grande aumento da excitação e do afeto sexual e considerada um período propício para o surgimento de sintomas histéricos. Pretende-se mostrar que com a assunção da teoria da sedução traumática, permanece a ideia da sexualidade traumática, porém a puberdade passa a ser o momento de reativação de um trauma sexual vivido na infância e, justamente por esse motivo, o período em que as neuroses se desenvolvem.

A mudança teórica que propõe a sexualidade infantil, que pode ser acompanhada durante os anos de correspondência com Fliess, coloca a puberdade como o segundo tempo da sexualidade e momento da conformação da sexualidade adulta. Freud apresenta a teoria sobre

a sexualidade infantil num conjunto de ensaios publicados em 1895 sob o título de *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, considerados textos fundamentais para a construção da teoria psicanalítica. Essa produção sofreu diversos acréscimos ao longo dos anos, passando por muitas edições, alcançando sua forma definitiva em 1925 (Mezan, [1982]/2013).

É nesse conjunto de ensaios que Freud elabora o único texto de sua obra dedicado especificamente à puberdade. Torna-se, assim, fundamental examiná-lo, tanto em sua versão original de 1905 quanto nas edições posteriores, nas quais são incorporados conceitos centrais como narcisismo, complexo de Édipo, complexo de castração e identificação.

No segundo capítulo apresenta-se como o complexo de Édipo foi desenvolvido a partir dos *Três Ensaios* até ser compreendido como o fenômeno central da sexualidade infantil. Para construir esse percurso, partiu-se da compreensão da teoria das fantasias inconscientes para esclarecer como elas estão presentes no psiquismo infantil e como se relacionam com o complexo de Édipo e com a puberdade.

Até 1916 a puberdade era compreendida como o momento das vivências edípicas e, a partir deste ano, o complexo de Édipo passa a ser compreendido como pertencente à sexualidade infantil. Visou-se traçar o caminho teórico que possibilitou essa antecipação. Para isso, observou-se como Freud desenvolveu os conceitos de narcisismo e identificação, que refletem fortemente na compreensão teórica sobre o Eu e o supereu, conceitos intimamente ligados com a noção de desamparo, já que situam o indivíduo frente à alteridade.

No terceiro capítulo argumenta-se, brevemente, sobre a construção da noção de desamparo na obra freudiana, enfatizando os textos escritos após 1920, que situam o desamparo a partir de vivências pulsionais que podem ser traumáticas devido ao excesso. Nestes textos Freud coloca o desamparo como constituinte do psiquismo humano, fator que coloca os indivíduos numa relação de dependência do outro, seja ele os pais, a família ou a sociedade. Neste sentido, a alteridade se opõe como caminho para atenuar o excesso pulsional que desvela a solidão.

Em seguida, procurou-se demonstrar que a adolescência, marcada por profundas transformações, coloca o indivíduo em confronto com o desamparo, ao passo que esse mesmo desamparo pode se configurar como um momento privilegiado para a criação de novas organizações psíquicas que possibilitam ao indivíduo enfrentá-lo.

1. CONSTRUÇÃO DA PUBERDADE NA OBRA DE FREUD

De acordo com Sanches e Bocchi (2021) em *Defesa psíquica na primeira tópica freudiana: por que as pulsões são reprimidas?*, durante a história da histeria buscou-se associar os sintomas da doença às questões da sexualidade feminina. Acreditava-se que a sexualidade, quando não seguia seu curso natural, associada à reprodução, estaria na origem do sintoma histérico.

A grande novidade proposta por Freud, segundo Mezan ([1985]/2006), em *Freud-Pensador da cultura*, é que sua teoria retira o sexo apenas da esfera orgânica, atribuindo-lhe também um domínio psíquico. Ao conceber a histeria como resultado de um trauma sexual não absorvido pelo psiquismo, Freud postula a atividade psíquica como sede dos transtornos sexuais, atribuindo ao sexo um papel na vida psíquica, algo impensável para a moral da época.

Tomando a puberdade nos anos iniciais de trabalho, em parceria com Breuer, nota-se que Freud a compreende como uma etapa do desenvolvimento biológico marcada pelo despertar da sexualidade, percebida como traumática devido ao grande aumento da excitação e do afeto sexual, logo, considerada um período propício para o surgimento dos sintomas histéricos. Assim, conforme Freud e Breuer:

Os adolescentes que depois se tornarão histéricos são, na maioria das vezes, antes de contrair a doença, vivazes, talentosos, plenos de interesses intelectuais; [...] são daqueles seres humanos cujo sistema nervoso libera, em repouso, um excesso de excitação que precisa ser canalizado. Durante o desenvolvimento puberal, e como consequência dele, à superabundância originária vem se somar ainda aquele violento aumento da excitação que surge da sexualidade em despertar, das glândulas sexuais. Agora, dispõe-se de um quantum enorme de excitação nervosa livre para fenômenos patológicos; no entanto, para que ela se manifeste na forma patologias histéricas, é evidentemente necessária outra particularidade, específica do indivíduo. [...] apenas pude designar essa particularidade com estas palavras vagas e de conteúdo pobre: “excitabilidade anômala do sistema nervoso”. [...] em tais pessoas, a excitação do órgão central pode fluir para os aparelhos nervosos da sensação, que normalmente são acessíveis apenas a estímulos periféricos, e àqueles órgãos vegetativos que estão isolados do sistema nervoso central por fortes resistências. Essa representação de um excesso de excitação sempre presente e que tem acesso aos aparelhos sensoriais, vasomotor e visceral, talvez explique por si só alguns fenômenos patológicos (Freud; Breuer, [1905]/1992, p. 250-1).

Esta concepção permanece ainda durante os anos em que a reflexão sobre a sedução traumática está presente nas investigações freudianas. No entanto, neste período, a causa da histeria passa a ser um abuso sexual sofrido na infância, que foi esquecido, e, ao surgirem os impulsos sexuais da puberdade, a lembrança é reativada como um evento atual, gerando o trauma causador da neurose.

Podemos dar uma resposta satisfatória à primeira questão: é justamente porque a pessoa é uma criança que a excitação sexual precoce produz pouco ou nenhum efeito na época, mas o traço psíquico é conservado. Mais tarde, na puberdade, quando a reatividade dos órgãos sexuais tiver se desenvolvido a um nível quase incomensurável com o estado infantil, ocorre, de uma maneira ou de outra, que esse traço psíquico inconsciente é despertado. Graças à mudança devida à puberdade, a lembrança exibirá uma potência que faltou por completo no evento; *a lembrança agirá como se fosse um acontecimento atual*. Há, por assim dizer, a *ação póstuma de um trauma sexual* (Freud, [1896a]/2023, p. 154-5, grifo do autor).

Após este período inicial, marcado pela concordância com o pensamento vigente, Freud fará uma revisão teórica sobre o aparecimento da sexualidade. Devido a sua prática clínica, percebe que a sexualidade infantil é constituinte dos humanos e não uma experiência traumática. A correspondência com Fliess deixa evidente esta mudança no pensamento freudiano, principalmente se vistas as cartas trocadas entre 1896 e 1897. A partir dessa modificação, a puberdade passa a ser compreendida como o momento em que ocorre a conformação da sexualidade adulta.

1.1 Estudos sobre a histeria: a puberdade como momento da neurose

Freud inicia seus estudos sobre a histeria no final do século XIX, tempo em que a sexualidade era entendida a partir da finalidade reprodutiva e pertencente à vida adulta, surgindo na puberdade. É sobre este modelo que se apoiam os primeiros escritos freudianos, marcados pelas influências de Charcot e Breuer.

Entretanto, no início dos anos 1890 a teoria freudiana vai se distanciando dos pressupostos de seus mestres. Num primeiro momento as divergências ocorrem em relação a Charcot e emergem do trabalho realizado em parceria com Breuer, logo após o retorno do estágio realizado na Salpêtrière, em 1886. Para o médico psiquiatra francês, a histeria está ligada à hereditariedade e para Freud o agente causador seria a lembrança traumática.

As diferenças teóricas são apresentadas em obras como *Prefácio e notas de rodapé à tradução das Conferências das terças-feiras, de Charcot*, publicado entre 1892 e 1894, onde Freud situa a lembrança alucinatória de uma cena importante como disparadora do ataque histérico. Segundo o autor, essa lembrança é traumática por sua intensidade ou por sua ocorrência em um momento particular da vida e gera um acréscimo de excitação no sistema nervoso que não pôde ser eliminado pela ação motora, via ideal de reação, e o ataque histérico seria a tentativa de completar a reação ao trauma.

Ainda nesse *Prefácio e Notas* é apresentada a visão freudiana sobre a importância da sexualidade na formação da neurose, situando as anormalidades e disfunções da vida sexual

como causadoras de diversas fobias que, por sua vez, poderiam ser observadas com maior frequência em pessoas com alguma disposição hereditária. A teoria da hereditariedade, defendida por Charcot, perderia assim a relevância enquanto causa das neuroses, abrindo espaço para a compreensão da importância das vivências psíquicas traumáticas.

Como dito anteriormente, é o trabalho conjunto entre Freud e Breuer que lança luz às vivências traumáticas como origem da histeria. Em 1893 Freud realiza uma conferência intitulada *Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos*, na qual relata os resultados do trabalho desenvolvido em parceria com Breuer. Após passar por algumas modificações, este texto integra os *Estudos sobre a Histeria*, publicado dois anos depois, com o título de *Comunicação preliminar*. O volume é assinado de maneira conjunta e conta com casos clínicos e capítulos teóricos. A Breuer coube escrever sobre o caso Anna O. e as Considerações Teóricas sobre a histeria e a Freud os demais casos clínicos, além de um capítulo sobre a Psicoterapia da Histeria.

No prefácio do volume, escrito conjuntamente, os autores falam abertamente a respeito das divergências teóricas que aparecem no livro e elas são decisivas para o posterior desenvolvimento da Psicanálise. É importante apontar as discordâncias entre os autores para entender o percurso teórico construído por Freud e como a puberdade participa desta teoria. Entretanto, é relevante iniciar atentando àquilo que une os autores na elaboração desta obra, ou seja, que a motivação dos sintomas histéricos era proveniente da vida psíquica, das lembranças e dos afetos a elas relacionados.

Ainda em 1893 Freud afirma que o destaque oferecido à vida psíquica foi possível pela aplicação do método catártico, desenvolvido por Breuer, que consistia em indagar os pacientes, sob hipnose, a respeito da origem de seus sintomas. Na base do sintoma histérico estaria uma vivência marcada por intenso afeto, não necessariamente uma vivência em especial, mas um conjunto delas, gerando assim um trauma psíquico. Ou seja, a explicação teórica baseava-se na hipótese de que um trauma estaria ligado a um aumento de excitação no sistema nervoso.

Quando uma pessoa tem uma impressão psíquica, no seu sistema nervoso é intensificado algo que no momento chamaremos de “soma de excitação”. Ora, em todo o indivíduo existe para a conservação de sua saúde, o empenho de diminuir novamente tal soma de excitação. O aumento da soma de excitação ocorre por vias sensoriais, e a diminuição, por vias motoras. Pode-se dizer, então, que quando sucede algo a alguém, esse alguém reage a isso de maneira motora. Pode-se afirmar seguramente que dessa reação depende o quanto permanece da impressão psíquica inicial” (Freud, [1893]/2023, p. 44).

A lembrança se tornaria traumática quando o afeto sentido não encontrasse a reação motora adequada que levasse à diminuição de intensidade. As reações motoras seriam as mais

adequadas para evitar o trauma. Entretanto, a palavra poderia substituir o ato, como no caso das confissões ou do insulto. Todavia, não havendo reação alguma ao trauma, ele preserva seu afeto original permanecendo como trauma psíquico:

Se a reação ao trauma psíquico não aconteceu por algum motivo, ele conserva seu afeto original, e, quando a pessoa não pode se livrar do estímulo pela ‘ab-reação’, surge a possibilidade de que o evento em questão se torne um trauma psíquico para ela. O mecanismo psíquico sadio tem outros meios de lidar com o afeto de um trauma psíquico, mesmo quando a reação motora e a reação com palavras lhe são negadas: a elaboração associativa e a produção de ideais contrastantes (Freud, [1893]/2023, p. 46).

Em casos de neurose histérica, os traumas psíquicos não foram ab-reagidos, os afetos permaneceram vívidos e as lembranças se tornaram patogênicas. Essas lembranças pertencem a dois grupos distintos, sendo que no primeiro elas estão ligadas à ocorrência do trauma intenso e a reação esperada não ocorreu por questões sociais ou pela recusa da própria pessoa em reagir. De acordo com Strachey, no prefácio aos *Estudos*, trata-se da ideia de “defesa”, que nos anos seguintes será desenvolvida por Freud, dando origem ao conceito de psiconeurose de defesa, elaborado entre os anos 1893 e 1894.

Já no segundo grupo há experiências irrelevantes que ganham importância, pois ocorrem em momentos em que havia alguma predisposição patologicamente aumentada dando origem aos “estados hipnóides”, considerados por Breuer fundamentais para o surgimento da histeria e bem desenvolvidos em seu capítulo teórico dos *Estudos*.

Laplanche e Pontalis (2008), no *Vocabulário de Psicanálise*, descrevem os estados hipnóides como análogos aos estados psíquicos criados pela hipnose e os conteúdos que se manifestariam neles teriam pouco ou nenhum contato com o restante da vida psíquica, introduzindo uma clivagem, formando um grupo psíquico carregado de afeto e impedido de elaboração associativa.

Em concordância com esta explanação, Mezan ([1982]/2013), em seu livro *Freud: a trama dos conceitos*, afirma que os estados hipnóides são apresentados por Breuer como uma predisposição para o surgimento da histeria e, deste ponto de vista, a ideia traumática passa a ser mais importante que a predisposição hereditária. Sendo assim, o sintoma histérico permanente surge por meio da “atuação do ‘segundo estado de consciência’ sobre uma inervação corporal controlada pela consciência comum: é o que Freud denomina ‘conversão’” (Mezan, [1982]/2013, p. 06).

Apesar de os *Estudos* serem assinados em conjunto, as divergências entre os autores são conhecidas pelos estudiosos da Psicanálise. Strachey ([1969]/2006) diz, nas *Notas editoriais aos Estudos sobre a histeria*, que aos olhos de Freud a teorização sobre a defesa é mais valiosa para a

compreensão da histeria, posicionamento defendido em ensaios anteriores, enquanto Breuer postula os estados hipnóides como indispensáveis para a criação da neurose histérica.

Essa diferença me parece tão essencial que, movido por ela, de boa vontade me atenho à postulação da histeria hipnóide. Na minha experiência, curiosamente, nunca me deparei com uma histeria hipnóide genuína; todas que abordei se transformaram em histerias de defesa. Não que eu nunca tenha encontrado sintomas que pudessem ser demonstrados como gerados em estado de consciência separado, motivo pelo qual estariam necessariamente excluídos de sua recepção no Eu. Às vezes isso acontecia em meus casos, mas sempre pude demonstrar que o chamado estado hipnóide devia sua separação à circunstância de prevalecer nele um grupo psíquico previamente dividido por via de defesa. Em suma: não posso aventar a suspeita de que histeria hipnóide e de defesa coincidam em algum lugar de suas raízes, e que, nesse caso, a defesa seja o primário. Mas não sei nada mais sobre isso (Freud, [1985]/1992, p. 291, tradução nossa)¹.

Caso se siga a teorização de Breuer sobre os estados hipnóides, será possível constatar que ele enfatiza a importância do afeto sexual na origem das neuroses, situando a puberdade como um momento crucial para o surgimento da histeria. A puberdade entra em cena neste momento da teorização, visto que, para a ciência médica do século XIX, esse seria o período da vida em que a excitação sexual se faria presente. Apesar da localização da etiologia da histeria ser feita por Freud, é Breuer quem indica a puberdade, a partir das modificações fisiológicas, como um momento propício para a aquisição das neuroses.

Breuer sustenta que o despertar da sexualidade provocaria uma perturbação no equilíbrio dinâmico do sistema nervoso, resultando em um aumento da excitação no psiquismo e caracterizando, assim, a faceta psíquica dos afetos. Na puberdade, esse aumento de excitação teria causas fisiológicas e endógenas, sendo a excitação sexual e o afeto sexual os elementos que possibilitariam a passagem entre os aumentos endógenos de excitação e a constituição dos afetos psíquicos.

A princípio a sexualidade se manifestaria no jovem sem meta e de forma indeterminada e, posteriormente, devido ao funcionamento das glândulas sexuais, o aumento da excitação passaria a estar vinculado à ideia ou à percepção de um indivíduo do sexo oposto. Com o enamoramento, uma ideia recebe toda quantidade de excitação liberada pelo instinto sexual, tornando-se uma ideia afetiva que, ao ser revivida na consciência, geraria um aumento de excitação que, na realidade, proveria das glândulas sexuais (Breuer, [1895a]/1992).

O impulso sexual é, com certeza, a fonte mais poderosa de aumentos persistentes de excitação (e, sendo assim, de neuroses); esse aumento de excitação se distribui de maneira extremamente desigual pelo sistema nervoso. Em seus graus máximos de intensidade, o curso da representação é perturbado e o valor relativo das

¹ Nas citações do livro *Estudos sobre a Histeria*, de autoria conjunta entre Breuer e Freud, optamos por referenciar nas citações apenas o autor responsável pela escrita do capítulo do qual o texto foi retirado.

representações é alterado; no orgasmo do ato sexual, o pensamento quase se apaga completamente (Breuer, [1895a]/1992, p. 211-2, tradução nossa).

Ainda que Breuer não se dedicasse a um estudo sobre a puberdade, sua teorização contribuiu para a compreensão deste período como um momento propício ao aparecimento da histeria devido ao surgimento da excitação sexual. Para além da dimensão fisiológica, haveria nesta fase a intensificação de conflitos entre as representações e os afetos, ocasionando, em muitos casos, a oposição entre grandes estados de excitação e as representações morais, que poderiam ser a causa de condições psíquicas como a depressão patológica e a angústia, mas também sintomas somáticos, como vômitos ou tosse nervosa, como ele havia observado em Anna O.. Neste momento, a teorização sobre as neuroses começa a se distanciar do biologismo dominante para se enredar nas questões afetivas.

Para ilustrar a importância da excitação sexual pubertária, no surgimento da histeria, Breuer utiliza o caso de um de seus pacientes. Trata-se de um garoto de 12 anos que passou a apresentar sintomas como terror noturno, dificuldades de deglutição e dores de cabeça logo após ser assediado sexualmente em um banheiro público.

Saiu correndo apavorado, e nada mais lhe aconteceu. Mas desde aquele mesmo instante ele adoeceu. E a partir do momento da confissão, seu estado deu lugar à saúde plena. – Para produzir o fenômeno da anorexia, a dificuldade de engolir, o vômito, foram necessários vários fatores: a natureza nervosa inata, o terror, a irrupção do sexual em sua forma mais brutal na mente da criança e, como fator determinante, a representação do nojo. Esta doença deve sua duração ao fato de ele ter se calado, o que impediu a descarnamento normal da excitação (Breuer, [1905]/1992, p. 223, tradução nossa).

Além de apresentar a puberdade como o momento de eclosão da histeria, ao longo do texto Breuer descreve características deste período que poderiam ser consideradas como predisposições à neurose histérica. A excitação natural da adolescência, acrescida da excitação sexual causada pelas glândulas sexuais, geraria um excedente de energia que poderia ser utilizado na produção de fenômenos patológicos, visto que esse excedente poderia fluir para os aparelhos nervosos sensoriais e para os aparelhos nervosos dos órgãos vegetativos.

Vemos tantos adolescentes excitáveis, sim, mas saudáveis, que só contraíram uma histeria durante o desenvolvimento puberal, que não podemos deixar de nos perguntar se esse processo não cria a predisposição onde ela não existia anteriormente. E, de fato, devemos atribuir-lhe algo mais do que o simples aumento da quantidade de excitação; a maturação gênica afeta o sistema nervoso como um todo, aumentando em todos os lugares a excitabilidade e diminuindo as resistências. É o que nos ensina a observação dos adolescentes não histéricos, e por isso nos é lícito acreditar que essa maturação produz a predisposição histérica na medida em que esta última consiste, justamente, nessa propriedade do sistema nervoso. Com isso, já reconhecemos a sexualidade como um dos grandes componentes da histeria (Breuer, [1895a]/1992, p. 253-4, tradução nossa).

Apesar dos estados hipnóides serem considerados fundamentais para o aparecimento da neurose, Breuer também situa na puberdade o surgimento das defesas psíquicas. De acordo com este autor, as defesas afastam da consciência as ideias de conteúdo sexual e as transformam, estruturando a base de uma histeria que surge na adolescência. Ao serem reprimidas, as ideias afetivas com teor sexual se tornariam inconscientes, gerando fenômenos somáticos.

Embora Breuer introduza a noção de repressão em sua teorização sobre a histeria, as divergências entre os autores permanecem irreconciliáveis. Freud já havia argumentado, em um artigo anterior, acerca da importância da defesa contra a sexualidade como causa da neurose; nas publicações posteriores, por sua vez, os estados hipnóides são abandonados, e a teorização sobre os processos de defesa na etiologia das neuroses passa a ocupar um lugar central em sua obra.

Se Breuer deu ênfase ao período da puberdade, principalmente pelas transformações na quantidade de excitação devido às mudanças fisiológicas, Freud se deterá nos processos psíquicos envolvidos no período anterior, a infância, e, no ano seguinte à publicação dos *Estudos*, passa a se dedicar à Teoria da sedução traumática, que situa o trauma sexual na infância.

1.2 Teoria da sedução: puberdade como o segundo tempo da neurose

Durante o período pré-psicanalítico (1886–1889), Freud estava interessado na delimitação teórica da histeria. Desde os primeiros ensaios produzidos nesse período, já assinalava a sexualidade como um fator relevante na etiologia da histeria, em razão da grande significação que essa função possui para o psiquismo (Vieira; Vorcaro, 2014).

Os sintomas iniciais da histeria eram verificados, em grande parte dos casos, nos primeiros anos da adolescência e, não raro, em crianças entre seis e dez anos. A explicação para a puberdade aparecer na teoria como o momento da neurose está na necessidade de um período de incubação para a geração dos sintomas.

Tal relação temporal explica-se, nesse momento, pela ideia de que a evolução dos sintomas histéricos exige [...] um “período de latência” na qual a causa desencadeante continua a atuar no inconsciente. Nessa perspectiva, inúmeros foram os casos clínicos em que Freud apontou o início da sintomatologia no período da irrupção da puberdade (Vieira; Vorcaro, 2014, p. 145).

A nova teoria desenvolvida por Freud também oferece, portanto, um lugar à puberdade na etiologia das neuroses. Assim como na descrição proposta por Breuer, a adolescência é concebida como um momento propício para a eclosão da histeria. No entanto, na teorização

freudiana, ela passa a ser compreendida como o segundo tempo da neurose, cuja origem é situada nas vivências sexuais experimentadas de forma traumática na infância. Ao longo das reformulações teóricas propostas por Freud, a puberdade mantém esse estatuto de segundo tempo, passando a ser concebida como o segundo tempo da sexualidade e como um momento decisivo de conformação psíquica ou de adoecimento.

A puberdade, associada ao segundo momento da sexualidade e da constituição psíquica, depende da experiência infantil para tomar a forma que lhe é possível. Privilégio da constituição humana, que fundamenta a *posteridade* de uma sexualidade de dois tempos, a puberdade, em contrapartida, está pautada pelo fundamento orgânico (herança animal?) de sua formulação inicial, presente até o final da obra freudiana (Matheus, 2020, p. 145, grifo do autor).

Em uma publicação intitulada *A hereditariedade e a etiologia das neuroses*, Freud ([1896a]/2023) revisa a influência hereditariedade na causação da neurose histérica, propondo três classes de influências etiológicas para as neuroses:

1) *Precondições*, que são indispensáveis para a produção da doença em questão, mas que são de natureza universal e se acham igualmente na etiologia de muitas outras afecções; 2) *Causas concorrentes*, que partilham o caráter das precondições por funcionarem na causação de outras doenças tanto como na doença em questão, mas que não são indispensáveis para que esta se produza; 3) *Causas específicas*, tão indispensáveis quanto as precondições, mas de natureza limitadas e aparecendo só na etiologia da afecção da qual são específicas” (Freud, [1896a]/2023, p. 145, grifo do autor).

Nota-se que a hereditariedade ainda aparece como precondição para as neuroses, no entanto, as causas específicas surgem como indispensáveis para a eclosão da patologia, e as duas poderiam se substituírem mutuamente, ou seja, poderia haver uma predisposição fraca e uma causa específica muito forte ou o inverso. Já as causas concorrentes não são necessárias para que haja a eclosão da neurose, ainda que apareçam como mais relevantes que as causas específicas. Elas são apontadas como *agents provocateurs* que tornariam manifesta a neurose que antes se encontrava em estado latente.

No que diz respeito às causas específicas das neuroses, cada uma das grandes neuroses (neurose histérica, neurose obsessiva, neurastenia e neurose de angústia) surgiria a partir de um desequilíbrio na “economia nervosa” e este teria como fonte a vida sexual do indivíduo, seja um evento atual ou do passado. A sexualidade passa a ser vista como a causa específica dos casos de neurose, não estando subordinada à hereditariedade.

Sustento, apoiado num exame laborioso dos fatos, que essa última suposição corresponde bem à realidade, que cada uma das grandes neuroses enumeradas tem por causa imediata um distúrbio particular da economia nervosa, e que essas modificações patológicas funcionais *aditem como fonte comum a vida sexual do indivíduo, seja um distúrbio da vida sexual atual ou eventos importantes da vida passada* (Freud, [1896a]/2023, p. 148, grifo do autor).

As grandes neuroses, histeria e a neurose obsessiva, teriam como causas específicas algum evento sexual gerador de um afeto penoso. No caso da histeria, uma experiência de passividade sexual vivida em idade precoce, portanto, antes da puberdade. De modo geral, uma experiência decorrente de uma sedução, mas que despertou excitação sexual e a criança em questão guardou a lembrança inconsciente desta cena. Nos casos analisados por Freud, a pessoa que praticou o ato era um adulto ou uma criança um pouco mais velha, vítima de uma sedução anterior. A idade das crianças abusadas variava entre 2 e 5 anos, o que levou Freud a pensar que abusos cometidos após os oito e dez anos não produziriam efeitos neuróticos.

A sedução sofrida na infância produz poucos efeitos quanto à excitação sexual, mas há a conservação do traço psíquico e este seria despertado apenas na puberdade, em consequência da maturidade sexual: “Graças à mudança devido à puberdade, a lembrança exibirá uma potência que faltou por completo no evento; *a lembrança agirá como se fosse um acontecimento atual*. Há, por assim dizer, a *ação póstuma de um trauma sexual*” (Freud, [1896a]/2023, p. 155, grifo do autor).

As vivências da puberdade não tornariam o trauma infantil consciente, mas liberariam o afeto penoso e acionariam as defesas psíquicas. Deste modo, a puberdade é apresentada como o momento em que uma neurose passa a se desenvolver (Mezan, [1982]/2013).

Conforme exposto por Vieira e Vorcaro (2014), Freud atribui a manifestação da histeria durante a puberdade à hipótese de que, nesse período, o indivíduo confronta pela primeira vez questões relativas à sexualidade. As autoras apontam a confusão entre sexualidade e genitalidade e retomam o *Projeto para um Psicologia científica* para explicar que nenhuma experiência sexual produz efeito enquanto o sujeito não pode reconhecer qualquer sensação sexual, por ignorá-las, sendo este reconhecimento possível apenas na puberdade.

No *Projeto para uma Psicologia Científica*, Freud ([1895b]/2003) apresenta um caso para ilustrar sua teoria. Emma apresenta a compulsão de não entrar em lojas desacompanhada graças a uma situação que vivenciou aos doze anos ao entrar em uma loja e perceber que dois vendedores riam. Concluiu que estavam rindo de suas roupas e saiu correndo, tomada pelo susto. A essa lembrança soma-se uma segunda situação, vivenciada aos oito anos de idade, na qual o proprietário de uma confeitaria lhe tocou nos genitais por cima da roupa. Após essa experiência, ela retornou à confeitaria mais uma vez, fato pelo qual posteriormente se recriminou.

Freud afirma que há um vínculo associativo entre as duas experiências. O riso dos vendedores fez Emma se lembrar do riso do proprietário da confeitaria enquanto a tocava. Além disso, nas duas situações ela se encontrava sozinha. A lembrança despertou um impulso sexual

que não era possível ocorrer na época da infância e este transformou-se em angústia e medo que a primeira cena se repetisse.

Caso se pergunte sobre qual poderia ser a causa deste processo patológico intercalado, surge apenas uma única, a *liberação sexual*, também atestada pela consciência. Esta está ligada à recordação do atentado, contudo é muito notável que quando foi vivida não estivesse ligada ao atentado. Trata-se aqui do caso em que uma recordação desperta um afeto que não despertara como vivência, pois entretanto a transformação da puberdade possibilitou uma outra compreensão do recordado. Ora, este é o caso típico da repressão na histeria. Por toda parte, descobre-se que é reprimida uma recordação que apenas *posteriormente* se tornou um trauma. A causa deste estado de coisas é o atraso da puberdade em relação ao restante do desenvolvimento do indivíduo (Freud, [1895b]/2003, p. 229).

A estimulação sexual precoce, anterior à puberdade, também aparece como etiologia específica na neurose obsessiva. Entretanto, enquanto na histeria essa experiência seria passiva, na neurose obsessiva existiria a presença do prazer, causa das recriminações obsessivas, mesmo que apareçam desfiguradas pelo trabalho psíquico inconsciente. A precocidade das agressões sexuais está relacionada à influência de uma sedução anterior, que tem como consequência a antecipação do desejo.

De acordo com Sanches e Bocchi (2021), nesta perspectiva apenas após a puberdade e a maturação dos órgãos reprodutores seria possível emergir a sexualidade; portanto, o campo sexual não produziria sentidos no momento da experiência, apenas um efeito traumático posterior, a partir das novas experiências, sexuais ou não, que resgatariam a primeira vivência e a consequente repressão. O desconhecimento sobre a sexualidade infantil levou Freud a afirmar que a sedução sofrida na infância apenas poderia produzir efeito patológico após a puberdade.

Em uma publicação posterior, *Novas observações sobre as neuropsicoses de defesa*, Freud ([1896b]/2023) retoma a importância da defesa para a etiologia da neurose e esclarece que estas seriam desencadeadas por meio do mecanismo psíquico de defesa inconsciente, isto é, da tentativa de reprimir uma ideia intolerável que estaria em conflito com o Eu.

De acordo com Mezan ([1982]/2013), a grande importância teórica deste texto é esclarecer que a sedução não é suficiente para explicar o mecanismo da histeria: é preciso compreender que os histéricos passam ainda por um conflito defensivo em que ocorre a repressão de uma ideia incompatível ligada à sedução infantil.

Haveria ainda um limite etário para que a experiência de sedução fosse vivida como traumática e Freud recorre ao fator biológico para definir o oitavo ano de vida como um limite para o efeito nocivo. Uma carta enviada a Fliess em 30 de maio de 1896 (carta 46) contribui para a compreensão mais clara do pensamento do autor. Nesse registro, Freud propõe uma divisão da vida em quatro fases, intermediadas por dois períodos de repressão, que ocorreriam

entre os 8 e 10 anos e entre os 13 e 17 anos. A histeria estaria associada às cenas sexuais ocorridas até os 4 anos de idade, correspondentes à fase denominada pré-consciente, caracterizada pela impossibilidade de passagem pela tradução, o que resultaria no mecanismo de conversão:

Em outras palavras, as cenas da histeria recaem na primeira fase da infância (até 4 anos), na qual os resíduos mnêmicos não se traduzem em imagens verbais. É indiferente se essas cenas[...] são evocadas no período posterior à segunda dentição (8 a 10 anos) ou no estágio da puberdade. O resultado é sempre a histeria, e em sua forma de conversão, pois a atuação conjunta da defesa e do excesso de sexualidade impede a tradução (Freud, [1896c]/1986, p. 189).

Conforme mencionado acima, nessa nova teorização a puberdade é compreendida como o segundo tempo da neurose. Em uma nota de rodapé do texto *Novas observações*, encontra-se a explanação acerca da importância da puberdade na irrupção da neurose. Freud afirma que apenas as representações de teor sexual seriam reprimidas, devido às excitações dos genitais, similares as da própria experiência sexual, o que promoveria uma transformação da excitação somática em excitação psíquica.

Geralmente, a vivência tem mais intensidade que a lembrança, entretanto, quando a vivência ocorre na infância e a lembrança na puberdade, há um efeito excitatório superior à vivência, pois a puberdade aumenta a capacidade de reação do aparelho sexual aos estímulos recebidos. Esta relação invertida torna-se precondição para a repressão.

A vida sexual oferece – devido ao retardamento da maturidade puberal em relação às funções psíquicas – a única possibilidade que se apresenta para essa inversão da eficácia relativa. *Os traumas infantis agem a posteriori, como vivências novas; mas inconscientemente* (Freud, [1896b]/2023, p. 166, grifo do autor).

Na neurose obsessiva também existe a presença da cena infantil vivida precocemente, porém de maneira ativa e prazerosa. Freud afirma que os casos de neurose obsessiva que atendeu continuam um substrato de sintomas histéricos que poderiam estar relacionados a uma vivência de passividade anterior à ação prazerosa.

Suponho que essa coincidência não seja casual e que a agressividade sexual precoce sempre implique uma vivência anterior de sedução. Mas não posso, no momento, oferecer uma exposição definitiva da etiologia da neurose obsessiva; apenas tenho a impressão de que se decidir se uma histeria ou uma neurose obsessiva surge com base em traumas infantis depende das circunstâncias *cronológicas* do desenvolvimento da libido (Freud, [1896b]/2023, p. 168, grifo do autor).

No decorrer de seu trabalho Freud se depara com a questão do prazer presente na maioria das recordações de seus pacientes, criando um obstáculo para a teoria da sedução; haveria uma incongruência entre a imaturidade da criança no momento do ato sexual e a liberação de prazer durante as recordações de origem sexual. A descoberta das fantasias e da sexualidade infantil

foram responsáveis pela substituição de uma explicação pautada no fator biológico, baseado no desenvolvimento sexual pubertário, por uma nova teoria totalmente psicológica.

1.3 Da sedução à fantasia

A correspondência entre Freud e Fliess ganhou grande relevância na observação do desenvolvimento da teoria psicanalítica e a partir dela pode-se acompanhar a transição da teoria da sedução para a descoberta da sexualidade infantil. O documento fundamental para a compreensão do abandono², da teoria da sedução, é a carta 69 (21 de setembro de 1897), pois nela estão descritos os motivos que levaram Freud a desistir da teoria sobre o trauma da sedução: 1) a dificuldade de terminar uma análise; 2) a conclusão de que muitos pais deveriam ser perversos para que fosse possível a presença dos traumas infantis em neuróticos; 3) o reconhecimento de que não havia indicações de realidade no inconsciente, não sendo possível distinguir se o que foi fortemente investido de afeto era realidade ou fantasia sexual; e, por fim, 4) a percepção que mesmo nas psicoses mais profundas não havia recordação das impressões inconscientes.

De acordo com Miguelez (2007), em seu livro *Complexo de Édipo*, a indagação de Freud sobre as fantasias sexuais dirigidas aos pais o leva a desvelar os desejos incestuosos e, a partir deles, a sexualidade infantil. O texto fundamental para a compreensão a respeito da sexualidade infantil é *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, de 1905, no qual Freud apresenta, além de sua teoria sobre a sexualidade infantil, o único ensaio dedicado à puberdade. Todavia, como dito, sua comunicação com Fliess permite entender como a teoria sobre sexualidade infantil foi desenvolvida na obra freudiana.

Esta correspondência mostra que, mesmo antes do abandono da teoria da sedução, Freud já havia notado a importância do Complexo de Édipo, ainda que não o tivesse nomeado. Em carta enviada em 31 de maio de 1897 (carta 65) é feita a primeira menção ao Édipo, quando afirma que os impulsos hostis contra os pais estão presentes nas neuroses. Nesta mesma correspondência, no manuscrito N, há a menção ao incesto, descrito como antissocial, portanto, algo a ser rejeitado em prol da civilização. Aqui se tem um indício da importância que Freud atribuirá ao Complexo de Édipo durante sua obra.

Em 21 de setembro de 1897 Freud envia a carta 69, que contém, de forma inicial, os conceitos desenvolvidos nos anos seguintes. Entre eles, o conceito de fantasia, que possibilitou

² Alguns autores dizem que Freud retoma a importância do trauma e da sedução em suas obras especialmente a partir de 1920. Cf. Monzani ([1989]/2014), Mezan ([1982]/2013).

ao autor discorrer sobre a realidade psíquica, a repressão, a sexualidade infantil e abandonar o fator biológico como explicação para a histeria (Mezan, [1982]/2013).

Ao analisar a carta 71 (15 de outubro de 1897) observa-se Freud confidenciando a Fliess a importância de sua autoanálise e da descoberta de seus desejos amorosos em relação à mãe e dos hostis direcionados ao pai, levando-o a admitir esse fenômeno como universal na primeira infância e, portanto, a prova das fantasias sexuais direcionadas aos pais.

Na carta seguinte, em 27 de outubro de 1897 (carta 72), surge o conceito de resistência, apresentado como a repressão do caráter degenerativo que, submetido ao trabalho da análise, reaparece, mostrando o lado infantil do indivíduo. Embora a teoria seja apresentada de maneira parcial, as duas cartas se completam e permitem que se compreenda a concepção freudiana de sexualidade infantil.

Os sentimentos edípicos caracterizam a primeira infância, sucumbindo posteriormente à repressão, embora este mecanismo ainda esteja “oculto”; a repressão se manifesta como resistência no curso do tratamento, tanto no sentido de evitar o relato de conteúdos perturbadores, como mediante o artifício muito mais sutil de apresentar as fantasias, das quais o “culpado” seria o paciente, como recordações objetivas, em que ele figuraria apenas como vítima; o levantamento das resistências acarreta o ressurgimento do material reprimido, e conseqüentemente de condutas infantis (Mezan, [1982]/2013, p. 69).

Pouco tempo depois, na carta 75, enviada em 14 de novembro de 1897, encontra-se a explicação para a repressão se voltar contra os conteúdos sexuais infantis. Apresentando um esboço sobre a teoria da libido, Freud esclarece que, nos humanos normais e adultos, as regiões de boca e anus não produziram mais prazer, entretanto nas crianças, em sua primeira infância, elas poderiam produzir prazer análogo ao dos genitais, extinguindo-se como fonte de sexualidade ao longo do desenvolvimento. As sensações sexuais partiriam da estimulação periférica dos órgãos sexuais, das excitações internas produzidas por esses órgãos e das ideias, ou seja, dos traços mnêmicos, através da ação retardada da puberdade, devido ao aumento da intensidade das sensações sexuais.

Assim, existe uma ação retardada não-neurótica, que ocorre normalmente e que gera a compulsão. (Comumente, nossas outras lembranças só funcionam por terem funcionado como experiências.) Esse tipo de ação retardada também ocorre em conexão com a lembrança de excitações das zonas sexuais abandonadas. O efeito, porém, não é uma liberação da libido, e sim um desprazer, uma sensação interna análoga à repulsa no caso dos objetos... a lembrança realmente fede, da mesma forma que, no presente, o objeto cheira mal; e, do mesmo modo que afastamos nosso órgão sensorial (a cabeça e o nariz), enojados, o pré-consciente e o sentido da consciência desviam-se da lembrança. Isso é o *recalcamento* (Freud, [1897]/1986, p. 281, grifo do autor).

Nesta carta vê-se a desvinculação da sexualidade dos órgãos genitais e a presença de satisfação na boca e no ânus ainda na infância, vinculadas às fantasias sexuais relatadas por

pacientes em análise. Neste documento temos uma modificação importante, em relação à teoria da sedução, pois o reconhecimento da sensação de prazer na boca e no ânus leva Freud a afirmar que o desprazer não seria causado pela irrupção dos impulsos sexuais da puberdade, mas, sim, pela repugnância frente ao prazer sentido anteriormente nas zonas sexuais citadas.

A puberdade enquanto fator orgânico, já não desempenha qualquer papel importante: o que é determinante é a repugnância frente às zonas em questão, cuja origem se prende à educação e a outros fatores psicológicos, não mais biológicos. Não se trata, pois, de um simples distanciamento temporal; o novo sentido do termo [ação deferida] envolve uma elaboração do conteúdo em questão pelo indivíduo. Eis um primeiro ponto de contato entre a sexualidade e o inconsciente, pois essa elaboração não ocorre em outro lugar; e a repressão do conteúdo sexual é que o torna inconsciente (Mezan, [1982]/2013, p. 70).

O que se dá aqui é a mudança teórica que se passa em torno da puberdade, que sede o seu lugar de fator essencial para a repressão à repugnância. Pode-se tomar o exemplo do nojo que Dora sentiu a ao ser beijada pelo Sr. K para ilustrar como a repugnância ao prazer sexual pode participar da elaboração do sintoma.

Em *Análise fragmentária de uma histeria*, Freud ([1905b]/2016) relata como os sintomas de Dora foram formados a partir do nojo que sentiu quando o Sr. K a beijou. Nessa época, Dora contava quatorze anos, e o Sr. K era, segundo Freud, um homem atraente. Esperava-se, portanto, que a sensação experimentada ao ser beijada fosse de excitação sexual. Freud aponta, nesse episódio, a inversão do afeto como condição para o afastamento de Dora e, além disso, o deslocamento da sensação para o início do tubo digestivo, o que resulta na náusea. As investidas amorosas do Sr. K e o ataque à sua honra configuram a cena traumática, em consonância com o que foi formulado nos *Estudos sobre a histeria* (Vieira; Vorcaro, 2014).

Pois se Dora se sente incapaz de ceder ao amor por esse homem, se ocorre a repressão desse amor, em vez da entrega a ele, o fator com que essa decisão está mais intimamente ligada é a sua precoce fruição sexual e as consequências desta: a enurese, o catarro e o nojo. Uma história prévia desse tipo pode fundamentar dois comportamentos diversos ante as exigências do amor na idade adulta, segundo qual for o somatório das condições constitucionais do indivíduo: ou o abandono completo e sem resistências à sexualidade, beirando a perversão, ou a reação de repúdio a ela, com adoecimento neurótico. Em nossa paciente, a constituição e o alto nível da educação intelectual e moral decidiram em favor da segunda alternativa (Freud, [1905b]/2016, p. 276).

O caso de Dora ilustra o conflito psíquico entre os impulsos sexuais e a moral que gera a repressão. Ao introduzir a educação e a moral em suas análises sobre a histeria, Freud se distancia da concepção vigente à época e situa a sexualidade em um campo amplo, que integra o fator biológico e, sobretudo, o simbólico, abrindo caminho para as discussões sobre a influência do outro na formação do psiquismo.

O caso Dora foi redigido por Freud em 1901 (porém, publicado em 1905), logo após a publicação de *A Interpretação dos sonhos* (1900), onde Freud apresenta as discussões teóricas

estabelecidas em sua correspondência com Fliess. Essa obra é conhecida como a obra-mestra, visto que subverte a compreensão sobre a psique humana (Monzani, [1989]/2014).

A universalidade do mito de Édipo, que já aparecia na carta 72, é uma das grandes revelações deste livro. Na seção dedicada aos “Sonhos sobre a morte de pessoas queridas” explica-se sobre como os desejos infantis destinados aos pais, sejam eles hostis ou amorosos, aparecerem nos sonhos de adultos. O sonho com a morte dos pais seria a manifestação do desejo hostil de afastamento do rival em relação ao genitor amado. A partir de sua experiência clínica, Freud afirma que na vida mental dos psiconeuróticos os pais assumem o papel fundamental e estende esta conclusão para toda a humanidade.

Segundo minhas experiências, e já são muitas, os pais desempenham o papel principal na vida psíquica infantil de todos aqueles que depois se tornarão psiconeuróticos; e a paixão por um dos membros do casal parental e o ódio pelo outro fazem parte do material de emoções psíquicas formado naquela época como um patrimônio inalterável de enorme importância para a sintomatologia da neurose posterior. Mas não creio que os psiconeuróticos se diferenciem significativamente nisso das outras crianças que depois se tornarão normais; que se considere algo completamente novo e próprio deles. Muito mais plausível, e sustentado por observações ocasionais de crianças normais, é que aqueles nos revelem, de forma extrema, esses desejos apaixonados ou hostis em relação aos pais que, com menor nitidez e intensidade, ocorrem na psique de quase todas as crianças (Freud, [1900]/1992, p. 269, tradução nossa).

Pode-se dizer que indivíduos adultos, neuróticos e não neuróticos, divergem apenas na intensidade da manifestação da repressão. E o mito de Édipo surge como o representante da universalidade desta problemática, posto que o seu destino é possível a todos os humanos, pois, assim como ele, direcionam-se impulsos amorosos à mãe e hostis ao pai (Migueluez, 2007).

Seu destino nos comove apenas porque poderia ter sido o nosso, porque antes de nascermos o oráculo lançou sobre nós a mesma maldição. Talvez a todos nós estivesse reservado dirigir a primeira inclinação sexual para a mãe e o primeiro ódio e desejo violento para o pai; nossos sonhos nos convencem disso. O rei Édipo, que matou seu pai Laio e desposou sua mãe Jocasta, não é senão a realização do desejo da nossa infância. Mas mais afortunados que ele, desde que não tenhamos nos tornado psiconeuróticos, conseguimos depois nos desvencilhar de nossas pulsões sexuais em relação à nossa mãe e esquecer os ciúmes que sentíamos pelo nosso pai. Recuamos espantados diante da pessoa na qual esse desejo primordial da infância se cumpriu, e o fazemos com todo o peso da repressão que esses desejos sofreram desde então em nosso íntimo. À medida que o poeta, naquela investigação, vai trazendo à luz a culpa de Édipo, ele nos força a conhecer nossa própria interioridade, onde aqueles impulsos, embora reprimidos, continuam a existir (Freud, [1900]/1992, p. 271, tradução nossa).

Tem-se aqui a raiz do que será desenvolvido posteriormente como Complexo de Édipo e será considerado a base da constituição psíquica. Segundo Moreira (2004), em um artigo intitulado *Édipo em Freud: o movimento de uma teoria*, a descoberta do Complexo de Édipo afirma a presença do desejo inconsciente e estrutura o projeto da teoria da fantasia e da sexualidade infantil, além de introduzir a questão da alteridade.

Garcia-Roza (2008), em *Introdução a metapsicologia – vol.3*, diz algo importante sobre o sentido do complexo de Édipo e da sexualidade infantil neste momento da escrita freudiana, afirmando que nas cartas a Fliess não havia uma teoria psicanalítica sobre a sexualidade infantil, apenas a percepção de que havia sentimentos de amor e ódio destinados aos pais e não a identificação de um comportamento sexual da criança. Apenas em 1905 as hipóteses teóricas sobre a sexualidade infantil serão apresentadas e adquirirão estatuto teórico-conceitual.

1.4 A puberdade nos *Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade*

Como dito anteriormente, nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud ([1905a]/2016) apresenta a sexualidade como presente no humano desde a sua infância, bem como dedica-se a um ensaio específico para tratar da puberdade, descrita como o período da conformação da sexualidade adulta. Posteriormente, Freud questiona o caráter finalista e conciliador deste processo, como pode ser visto ao tratar do desamparo.

Em 1905 a puberdade era vista como momento de síntese (das moções sensual e terna), de integração das pulsões parciais e de escolha objetal definitiva, marcada pela alteridade. Esta posição perde força com o desenvolvimento do pensamento freudiano, que passa a questionar o caráter conclusivo deste processo, privilegiando o resgate das tensões (Matheus, 2020, p. 145).

Este é um dos trabalhos de Freud que mais sofreu modificações ao longo do tempo. Em suas diversas reedições, Freud acrescentou excertos ou notas de rodapé introduzindo suas descobertas teóricas. Segundo Matheus (2020), em seu livro *Adolescência*, neste conjunto de ensaios Freud se propôs a oferecer um novo estatuto à sexualidade infantil, que deixa de ser encarada como um acontecimento traumático e se torna um atributo da constituição humana; como consequência desta revisão, ocorre a mudança na compreensão sobre o lugar da puberdade na constituição psíquica.

Jorge ([2000]/2008), em *Fundamentos da Psicanálise: de Freud à Lacan – As bases conceituais*, aponta para o fato de a sexualidade infantil não ser uma descoberta freudiana, visto que a medicina, a psicologia e a igreja já discutiam a respeito deste tema. A grande contribuição de Freud para essa discussão é perceber que a sexualidade é perversa e polimorfa e que há uma constituição sexual que predispõe o humano às neuroses, afirmando a inexistência de uma fronteira entre o normal e o patológico.

Se com os relatos de suas pacientes histéricas Freud partira da ideia da ocorrência de uma sedução e de um “trauma sexual infantil”, ele desembocou, através da revelação da existência das fantasias sexuais nessas pacientes, na noção de “infantilismo da

sexualidade”, isto é, de que a sexualidade é sempre traumática enquanto tal, e isto para todo e qualquer sujeito (Jorge, [2000]/2008, p. 21).

Nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud ([1905a]/2016) aborda as manifestações da sexualidade na infância, com interesse em compreender os processos pelos quais a pulsão sexual passa ao longo de sua constituição. Ao passo que a infância é trazida para primeiro plano na etiologia das neuroses e as pulsões parciais são colocadas como fundamentais para a sexualidade, a puberdade passa a ser compreendida como o momento de conformação da sexualidade adulta, marcada pela primazia da genitalidade, ou seja, a última fase da organização genital (Vieira; Vorcaro, 2014).

Em seu livro *Freud: movimento de um pensamento*, Monzani ([1989]/2014) demonstra como cada um dos três ensaios da obra contribui para a concepção freudiana de sexualidade e aponta que alguns problemas apresentados em 1905 encontraram desenvolvimento adequado apenas com as adições posteriores, por exemplo, a questão da escolha de objeto, que será apresentada na primeira versão, mas apenas resolvida a partir de 1915, período em que Freud já dispunha de conceitos como narcisismo, fase anal, fase oral e identificação.

De acordo com Mezan ([1982]/2013), na primeira edição os conceitos que estão presentes inicialmente são os de sexualidade infantil, pulsões parciais, zonas erógenas, perversões, libido e escolha de objeto. Outros conceitos foram introduzidos em edições posteriores, como, por exemplo, o termo Complexo de Édipo, utilizado apenas em 1910³.

A noção fundamental das fases da libido e das sucessivas organizações libidinais pré-genitais emerge gradualmente, entre 1908 e 1923: em 1908⁴ [...] surge o conceito de formação reativa; em 1913⁵ [...] encontramos a ideia de uma organização provisória da libido infantil, chamada “fase anal”; em 1915⁶ [...] aparece o conceito de fase oral; em 1923⁷ [...] brota o de fase fálica. A teoria da libido no seu conjunto passa por duas modificações decisivas: em 1914⁸ [...] aparece a divisão em libido narcísica e libido

³ FREUD, Sigmund. Um tipo especial de escolha de objeto feita pelo homem. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**: observações sobre um caso de neurose obsessiva (“O homem dos ratos”), uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos (1909-1910), v. 9. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, p. 334-46, 2013. Trabalho original publicado em 1910b.

⁴ FREUD, Sigmund. Carácter y erotismo anal. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**: El delirio y los sueños en la “Gradiva” de W. Jensen y otras obras (1906-1908), v. 9. Trad. José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu editores, p. 149-58, 1992. Trabalho original publicado em 1908d.

⁵ FREUD, Sigmund. La predisposición a la neurosis obsessiva. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**: Sobre um caso de paranoia descrito autobiograficamente, Trabajos sobre técnica psicoanalítica y otras obras (1911-1913), v. 12. Trad. José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu editores, p. 329-46, 1992. Trabalho original publicado em 1913a.

⁶ Na terceira edição dos *Três Ensaíos*.

⁷ FREUD, Sigmund. La organización genital infantil. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**: El yo u el ello y otras obras (1923-1925), v. 21. Trad. José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu editores, p. 141-50, 1992. Trabalho original publicado em 1923b.

⁸ FREUD, Sigmund. À guisa de introdução ao narcisismo. In: FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas de Sigmund Freud**: escritos sobre a psicologia do inconsciente (1911-1915), v. 1. Trad. Luiz Alberto Hans. Rio de Janeiro: Imago, p. 95-132, 2004. Trabalho original publicado em 1914.

objetal; em 1920⁹ [...] incorpora a libido às pulsões de vida, opondo-se às pulsões de morte. A localização cronológica do Complexo de Édipo, que até 1913 era fixada arbitrariamente na puberdade, vai recuando cada vez mais, para somente em 1923 atingir sua posição definitiva (na fase fálica, de três a cinco anos). A castração [...] só será tematizada com amplitude com a introdução da fase fálica, e sua eficácia [...] só é definitivamente esclarecida no artigo *Algumas consequências psíquicas da diferença sexual anatômica*, de 1925 (Mezan, [1982]/2013, p. 127-8, grifo do autor).

Nota-se, assim, que na última versão os Três Ensaio há uma condensação de muitos anos de trabalho em torno da teoria da sexualidade e da teoria psicanalítica. Entretanto, em sua primeira edição apresenta um conceito amplo da sexualidade humana, que desponta na vida infantil. Assim, tona-se importante observar o texto em seu aspecto geral, para posteriormente compreender sobre a elaboração de alguns conceitos apresentados neste livro, mesmo que desenvolvidos após a primeira edição.

O primeiro ensaio, sobre *Aberrações Sexuais*, se propõe a desconstruir o conceito de sexualidade orientada para a finalidade reprodutiva e naturalmente heterossexual, que é a essência da sexualidade no século XIX. A grande reviravolta proposta por Freud é a tese que postula a sexualidade como não instintiva. Deste ponto de vista, é entendida como o resultado de um processo que une diversas pulsões e zonas erógenas, até chegar em sua forma final e não como algo predeterminado a se manifestar na puberdade (Monzani, [1989]/2014). É neste ensaio que Freud anuncia a teoria sobre as pulsões parciais e as zonas erógenas, assim como o infantilismo da sexualidade.

Entretanto, esses pressupostos são explicados com mais detalhes apenas no segundo ensaio, onde se observa a ampliação do conceito de sexualidade, a partir da descrição da sexualidade infantil, apresentada como autoerótica, ligada às funções somático-vitais, vivenciada a partir de zonas erógenas e de pulsões parciais, que ainda não se submeteram ao primado da zona genital.

Ao tomar essa direção, Freud reforça seu distanciamento da compreensão vigente de uma sexualidade delimitada biologicamente para se manifestar apenas na puberdade. Sua elaboração situa a sexualidade como pertencente à pré-história dos indivíduos, manifestando-se por volta dos três ou quatro anos de forma observável.

Para demonstrar o caráter autoerótico da sexualidade Freud toma como exemplo a experiência inicial de mamar no peito da mãe, em que os lábios se comportariam como zonas erógenas que receberiam o estímulo de prazer. O prazer sexual que sobrevém desta ação está ligado, em sua origem, à necessidade de obter alimento, função de conservação da vida, para,

⁹ FREUD, Sigmund. Más allá del principio de placer. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**: Más allá del principio de placer, Psicología de las masas y análisis del yo y otras obras (1920-1922), v. 18. Trad. José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu editores, p. 1-62, 1992. Trabalho original publicado em 1920a.

posteriormente, se tornar independente na busca pela satisfação¹⁰. Freud anuncia a noção de apoio, que será de grande importância para a discussão sobre a escolha de objeto.

Para Roudinesco e Plon (1998), no *Dicionário de Psicanálise*, a definição de apoio é o que está na origem da diferenciação entre as pulsões sexuais e as de autoconservação que estariam baseadas nas funções corporais. Este conceito estabelece a diferença entre o erótico e a satisfação de uma necessidade.

A produção do prazer vincula-se ao exercício de uma função biológica fundamental, a alimentação; ela se “apoia” nesta função, mas em seguida se torna autônoma e passa a ser procurada independentemente dela. É o momento em que o prazer sentido na sucção do seio ou da mamadeira se desliga do ato de mamar que nasce a função sexual propriamente dita: a boca sede da primeira experiência de satisfação, constitui-se numa zona erógena, o objeto sexual se fixa no dedo ou em qualquer outra região do corpo atingível pela boca, e a área escolhida invariavelmente pertence ao próprio corpo da criança: a satisfação se torna autoerótica *depois* de desvincular-se do seio (Mezan, [1989]/2013, p. 132).

Laplanche e Pontalis ([1982]/2008) afirmam que, ao recorrer ao autoerotismo, Freud mostra que é possível a obtenção de prazer sem objeto, no início da vida, provando que não existe um caminho determinado para a sexualidade ou um objeto definido. O seio surge como objeto ligado à experiência de satisfação de uma necessidade biológica fundamental, a fome. Essa função de autoconservação fornece à sexualidade a fonte e a zona erógena, indica-lhe um objeto e gera um tipo de prazer diferenciado da fome. É este prazer, separado da nutrição, que se busca repetir. O autoerotismo surge então secundariamente, apoiado no seio materno (Laplanche; Pontalis, [1982]/2008).

Nas demais zonas erógenas o prazer também se apoia em uma experiência ligada a uma função de conservação da vida, como o defecar, no caso da zona anal, e a micção, na zona genital. Mas, cabe acrescentar que a partir de 1915 a erogeneidade passa a ser atribuída a todas as partes do corpo e aos órgãos internos.

As zonas erógenas se caracterizam como áreas do corpo da criança capazes de oferecer uma sensação prazerosa. As vias de satisfação das pulsões sexuais seriam as zonas erógenas labial, anal e genital, regiões que, ao serem estimuladas apropriadamente, produzem uma satisfação vivida anteriormente, gerando a necessidade de repetição que se apresenta de duas formas: pelo desprazer oriundo de uma tensão, ou por uma sensação de comichão ou estímulo nesta zona específica.

Assim, pode-se igualmente formular a meta sexual da seguinte maneira: seria questão de substituir a sensação de estímulo projetada, na zona erógena, pelo estímulo externo que

¹⁰ Vale ressaltar que esta obra de Freud sofreu modificações ao longo do tempo e suas ideias sobre o autoerotismo expressas nesta obra foram alteradas na edição de 1915, a partir dos conceitos apresentados em 1914 no livro *A guisa de introdução ao Narcisismo*.

anula a sensação de estímulo, ao gerar a sensação de satisfação. Esse estímulo externo consistirá geralmente numa manipulação análoga ao sugar (Freud, [1905a]/2016, p. 90).

A cada zona erógena que sofre estímulo se torna necessário um procedimento diferente para obtenção de satisfação, portanto, o ato de sugar vai sendo substituído pelo controle da defecação, quando se trata da zona anal, e a fricção com as mãos ou o uso da pressão realizada com as mãos ou com as coxas, quando o estímulo ocorre na zona genital.

Trata-se de uma organização sexual pré-genital, pois as zonas genitais ainda não assumiram preponderância. Esta organização é composta por diferentes etapas do desenvolvimento sexual: a primeira delas é a oral ou canibal, onde a atividade sexual está ligada à ingestão do alimento e a meta sexual é a incorporação do objeto, que terá um papel psíquico muito relevante, a partir do mecanismo de identificação; a segunda fase foi nomeada de sádico-anal e nela já se encontra o antagonismo entre atividade e passividade que caracteriza a ambivalência – ambas possuem objetos, porém eles não coincidem. Portanto, nesta fase a polaridade sexual e o objeto sexual já podem ser constatados.

Os rituais de higiene e a masturbação genital, realizados ao longo do desenvolvimento da criança, favorecem a primazia desta zona erógena na atividade sexual. A sensação de prazer nesta região leva à masturbação, que pode ocorrer em três fases distintas: a primeira surge no período de amamentação e parece recuar após algum tempo; a segunda tem início após a amamentação e antes dos quatro anos de idade; e a terceira seria a masturbação da puberdade.

Durante a segunda fase da masturbação infantil, que se inicia por volta dos 4 anos, a zona genital passa a chamar atenção da criança, como já havia ocorrido durante a amamentação, e, em seguida, esse impulso é reprimido, dando início à fase conhecida como latência. As particularidades deste momento da sexualidade infantil são fundamentais na determinação do caráter do indivíduo ou da neurose que irá acometê-lo caso adoeça após a puberdade, devido aos traços inconscientes de memória.

O período de latência caracteriza-se como uma amnésia infantil, similar a amnésia histérica, causada pela repressão dos impulsos sexuais. Na verdade, para Freud, a amnésia histérica só poderia existir a partir da amnésia infantil, pois se constituiria num acervo de traços mnemônicos afastados da consciência e que se associam aos conteúdos que estão sendo reprimidos no presente. Graças ao processo sublimatório, as pulsões sexuais podem ser desviadas em sua finalidade e empregadas em outras metas importantes para o desenvolvimento dos indivíduos e da sociedade.

Os impulsos sexuais desses anos de infância seriam, por um lado, inutilizáveis, já que as funções reprodutivas estão adiadas (o que constitui a principal característica do período de

latência); por outro lado, seriam perversos em si, partindo de zonas erógenas e sendo carregados por instintos¹¹ que, dada a orientação do desenvolvimento individual, só poderiam provocar sensações desprazerosas. Despertam, por isso, forças psíquicas contrárias (impulsos reativos), que, para a supressão eficaz desse desprazer, edificam as represas psíquicas (...) nojo, vergonha e moral (Freud, [1905a]/2016, p. 81).

As represas psíquicas dizem respeito aos afetos capazes de transformar as sensações de prazer em desprazer e em experiências desagradáveis. Em 1905, a explicação possível para o surgimento desses afetos era que eles seriam resultado de condicionamento orgânico e da hereditariedade, podendo ocorrer sem influência da educação.

Miguel (2007) defende que, mesmo o condicionamento sendo orgânico, o processamento desses afetos é psíquico, ao passo que transformam o prazer em desprazer, produzindo a defesa, especificamente a formação reativa, que se constitui a partir das contravontades. Pode-se dizer que, naquele momento de sua construção teórica, Freud não dispunha de ferramentas suficientes para depreender afirmações universais sobre o psiquismo sem recorrer ao auxílio do somático e do hereditário.

O período de latência configura, portanto, o intervalo entre a sexualidade infantil e a puberdade, que passa a ser estabelecida teoricamente como o momento em que as pulsões parciais se subordinam ao primado genital e a pulsão sexual, antes autoerótica, encontra o objeto definitivo. Assim, a diferença entre a sexualidade infantil e a do púbere estaria ligada ao fato de não ser possível durante a infância a subordinação das pulsões parciais ao primado das zonas genitais.

[...] a sexualidade da criança é autoerótica *porque* as pulsões parciais estão dispersas, e cada qual procura a satisfação independentemente das demais. [...] Em outras palavras, o corpo próprio ministra o objeto, mas não enquanto totalidade, e sim enquanto conjunto de zonas erógenas particulares; daí a fragmentação das pulsões parciais ser incapaz de conduzir por si só à escolha do objeto. No momento em que uma das zonas – a genital – assume o controle da sexualidade, seu próprio funcionamento conduz à busca de outro indivíduo para a descarga sexual (Mezan, [1982]/2013, p. 134).

A escolha objetal se faz em dois tempos, inicialmente entre 2 e 5 anos, sendo interrompida pela latência, e posteriormente na puberdade, onde ocorrerá a configuração da sexualidade adulta. Os objetos infantis são reprimidos durante o período de latência, gerando a *corrente terna* da pulsão sexual e durante a puberdade esses objetos infantis devem ser abandonados para que brote a *corrente sensual*. É na puberdade que a corrente terna, portadora dos restos da sexualidade infantil, e a corrente sensual encontram a convergência de sua meta sexual. Nesse momento, a pulsão sexual passa a se colocar a serviço da reprodução, adquirindo

¹¹ Na tradução às obras de Freud realizadas por Paulo César de Souza o termo utilizado para traduzir *Trieb* é instinto. É este o termo mantido nas citações.

um caráter altruísta. Essas transformações estão diretamente ligadas às condições orgânicas alcançadas nesse período da vida.

A normalidade da vida sexual é garantida apenas pela exata convergência das duas correntes dirigidas ao objeto e à meta sexuais, a corrente terna e a sensual, a primeira das quais contém o que resta do florescimento infantil inicial da sexualidade. É como a perfuração de um túnel a partir dos dois lados (Freud, [1905a]/2016, p. 121).

Segundo Viola e Vorcaro (2013), em *Latência, adolescência e saber*, por mais que Freud estabeleça a puberdade como um momento de conclusão, a metáfora utilizada a respeito do túnel deixa escapar seu pessimismo quanto à possibilidade de qualquer conclusão. Segundo as autoras, o que Freud exprime nesta metáfora é a dificuldade de haver convergência entre as correntes terna e sensual, que consistiria na conclusão do desenvolvimento sexual. Assim, não é possível esperar a plena convergência das pulsões parciais em uma pulsão genital com a finalidade reprodutiva. Depreende-se disso o permanente infantilismo da sexualidade.

O terceiro ensaio, *As transformações de puberdade*, apresenta as modificações que a puberdade acarreta à vida sexual e como ela desempenha papel relevante na conformação da sexualidade adulta.

Com o advento da puberdade, introduzem-se as mudanças que levarão a vida sexual infantil à sua configuração definitiva normal. O instinto sexual, que era predominantemente autoerótico, encontra agora um objeto sexual. Ele operava a partir de diferentes instintos e zonas erógenas, que buscavam, cada qual de forma independente, determinado prazer como única meta sexual. Agora ele recebe uma nova meta sexual e todos os instintos parciais cooperam para alcançá-la, enquanto as zonas erógenas se subordinam ao primado da zona genital (Freud, [1905a]/2016, p. 121).

Freud se refere amplamente às modificações biológicas que a puberdade acarreta à vida do jovem e afirma que essas mudanças levam a vida sexual infantil a uma configuração definitiva, marcada pelo encontro do objeto, pela conjugação das pulsões parciais e submissão das zonas erógenas à zona genital e pela finalidade reprodutiva. Apesar da correlação entre esses fenômenos não ser clara, eles se unificam na busca pelo prazer e este passa a ser principal objetivo psicológico da sexualidade.

A sexualidade infantil, que tinha como alvo a busca do prazer, agora passa a desempenhar o papel de prazer preliminar e a sexualidade desenvolvida a partir da puberdade almeja o prazer final, ou seja, a descarga dos produtos sexuais. Os desenvolvimentos biológicos da puberdade tornariam naturais a busca por um parceiro, visando o alívio da tensão causada pela excitação sexual (Mezan, [1982]/2013).

A puberdade introduz mudanças corporais que distinguem os sexos. Durante a infância, no que se refere ao autoerotismo e à masturbação, a atividade infantil é, pode-se dizer, idêntica

entre meninos e meninas, não havendo diferenciação sexual nesta idade – coisa que ocorre apenas na puberdade. A tese freudiana é que neste momento a sexualidade na menina tem um caráter ativo, portanto, masculino. Ao mesmo tempo, ao tratar das barreiras que surgem para impedir a manifestação das pulsões sexuais, a sexualidade feminina é definida como passiva, visto que estas barreiras se manifestariam com mais rigidez nas meninas, gerando um maior recalçamento da sexualidade. Tem-se aqui a bissexualidade colocada como a chave para entender a sexualidade, temática que Freud havia discutido na correspondência com Fliess e a qual dedicou um artigo em 1908¹².

Em uma nota acrescentada aos *Três Ensaios*, em 1915, Freud afirma que, para a psicanálise, masculino e feminino correspondem a ativo e passivo em relação ao investimento libidinal, “o que será posteriormente descrito como *tomar o outro* como objeto de amor ou *ser o objeto de amor do outro*” (Matheus, 2020 p. 138).

No que diz respeito às zonas erógenas, a que prevalece nas meninas é o clitóris, homóloga à glândula, nos meninos, caracterizando a sexualidade masculina. Com o avanço da puberdade nota-se a diferenciação entre os sexos, visto que no menino há um avanço da libido e o pênis se mantém como órgão sexual predominante, enquanto na menina ocorre uma nova parcela de recalçamento e a sexualidade masculina é sufocada, dando acesso à vagina como a principal zona erógena, em detrimento do clitóris, definindo a sexualidade feminina adulta (Miguel, 2007).

Se a transferência da excitabilidade erógena do clitóris para a vagina foi realizada com êxito, isso significa que a mulher mudou a zona diretriz de sua atividade sexual futura, enquanto o homem manteve a sua desde a infância. Nessa mudança das zonas erógenas diretrizes e na onda de repressão da puberdade, que, por assim dizer, descarta a masculinidade infantil, acham-se as condições principais para a maior propensão das mulheres à neurose, em especial à histeria. Portanto, essas condições se ligam intimamente à natureza da feminilidade (Freud, [1905a]/2016, p. 142).

Neste momento, o feminino tem como características a inibição, a passividade, a submissão, o infantilismo e a tendência à histeria, enquanto no menino há um aumento da excitação e o pênis continua como a zona erógena privilegiada, a virilidade é aumentada e ele assume uma posição ativa (Miguel, 2007).

Estabelece-se o primado das zonas genitais e a maturação biológica levará à escolha de objeto, ou seja, o domínio da zona genital cria a necessidade de obter prazer pela descarga da excitação e é necessário a presença de um outro indivíduo para que isso ocorra. Este processo

¹² FREUD, Sigmund. Las fantasías histéricas y su relación con la bisexualidad. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**: El delirio y los sueños em la “Gradiva” de W. Jensen y otras obras (1906 - 1908). Trad. José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1992. V. 9, p. 137 - 148. Trabalho original publicado em 1908b.

não tem relação com o aspecto biológico da satisfação sexual, “o processo se passa na dimensão da fantasia e no primeiro esboço do triangulo edipiano” (Mezan, [1982]/2013, p. 135).

Apesar do Complexo de Édipo não ter destaque neste conjunto de ensaios, sabe-se, pelas correspondências com Fliess, que sua importância era conhecida por Freud e ele é tomado como conceito auxiliar para explicar a escolha de objeto (Monzani, [1989]/2014).

É a escolha de objeto por apoio que permite ver a presença do complexo de Édipo na teorização sobre a sexualidade infantil. Neste tipo de escolha objetual, a pulsão estaria ligada à nutrição e, conseqüentemente, à mãe. Portanto, o objeto está localizado fora do corpo da criança. Ao passo que a criança consegue formar uma representação da mãe, a pulsão se volta para o próprio corpo, transformando-se em autoerótica e durante a puberdade, com a escolha de objeto sexual, se restabeleceria a relação originária.

[...] efetua-se, do lado psíquico, a descoberta do objeto, que já era preparada desde a primeira infância. Quando a primeiríssima satisfação sexual ainda é vinculada à ingestão de alimento, o instinto sexual tem um objeto fora do próprio corpo, no seio da mãe. Ele o perde somente depois, talvez justamente na época em que se torna possível, para a criança, formar uma ideia total da pessoa a quem pertence o órgão que lhe traz satisfação. Então o instinto sexual se torna, por via de regra, autoerótico, e somente após a superação do período de latência é restabelecida a relação original. Não é sem boas razões que a criança a mamar no seio da mãe se tornou o modelo de toda relação amorosa. A descoberta do objeto é, na verdade, uma redescoberta (Freud, [1905a]/2016, p. 143).

No artigo intitulado *A noção de objeto na psicanálise freudiana* (2001), Coelho Jr., defende que os processos psíquicos infantis, tanto na dimensão de ação, como de afeto e representação, se estabelecem como modelo para as relações adultas. Mesmo ao se desligar do objeto materno resta algo deste primeiro vínculo sexual que ajuda a preparar a futura escolha objetual, que se estruturará a partir da busca pelo reencontro da felicidade inicial. Este modelo norteará a procura por novos objetos, durante o período de latência, que possam satisfazer as necessidades da criança e ajudá-la a lidar com o desamparo – tema que será discutido mais adiante.

Se inegavelmente há uma linha regressiva, em que o passado explica o presente (as escolhas objetuais passadas explicam as escolhas atuais ou posteriores), há também o caminho inverso, em que só as experiências posteriores podem fazer com que as passadas ganhem sentido, ganhem significado. Essa última forma de compreender a temporalidade, como se sabe, foi denominada por Freud de *Nachträglichkeit* (posterioridade) (Coelho Jr., 2001, p. 40, grifo do autor).

A escolha objetual é, portanto, composta em dois tempos. O objeto sexual do púbere é o mesmo objeto que permeia as fantasias infantis, ou seja, os pais que proveram os primeiros cuidados à criança e que, a partir destes cuidados, contribuíram para erotizar o corpo infantil. Desta forma,

uma parte da pulsão não se tornou autoerótica e conservou sua relação com o objeto, servindo de base para o amor que a criança dedicou às pessoas de sua infância (Miguel, 2007).

Os desejos destinados a esses objetos é que fazem ascender as barreiras erguidas contra as pulsões sexuais, entre elas a proibição do incesto que aparece como uma barreira cultural, possibilitando ao adolescente vivências além das relações familiares, a partir do processo que Freud nomeia como complexo de castração.

Esta escolha, porém, se processa por completo no reino da fantasia, já que durante o período de latência a barreira do incesto foi solidamente implantada pelas exigências da educação social. A tardia maturação dos órgãos sexuais permite a construção destes diques que impedem a manifestação aberta da sexualidade infantil, a qual, ainda que “organicamente determinada”, deve muito do seu modo particular de expressão às circunstâncias do meio social. Nesta altura, Freud ainda não tem elementos para precisar a natureza da ação destas circunstâncias, limitando-se a indicações vagas sobre os “preceitos morais” e sobre as “exigências culturais da sociedade”. Nenhuma menção é feita do conflito edípico correspondente à fase fálica, nem das fantasias tecidas ao redor do Complexo de Castração [...]. De momento, o conflito edípico é localizado na puberdade, e nem sequer recebe esse nome (Mezan, [1982]/2013, p. 136).

Segundo Matheus (2020), apesar de Freud, neste momento, não tratar do complexo de castração, ele confere ao desligamento da autoridade dos pais a tarefa mais dolorosa da puberdade em prol do progresso da cultura, bem como uma das conquistas psíquicas mais importantes deste período, situando o Complexo de Édipo nesta etapa da vida. As vivências da puberdade estão relacionadas, ainda, às fantasias incestuosas e à escolha de objeto, visto que o objeto infantil seria autoerótico, portanto, o Complexo de Édipo “embora esboçado na infância, só surgiria em plena luz no momento da puberdade para ser rapidamente ultrapassado (Laplanche; Pontalis, [1982]/2008, p. 78). A puberdade aparece como o momento em que ocorre o complexo de Édipo, algo que apenas será modificado após o estabelecimento de conceitos como fase anal, narcisismo e identificação.

Como conceitos fundamentais ainda não foram delineados, não fica claro o mecanismo que gera o repúdio do adolescente às fantasias incestuosas. Segundo Mezan ([1982]/2013), a repulsa a essas fantasias é explicada por um imperativo social que impede a fixação da libido nos pais, evitando a permanência de laços libidinais no interior das famílias, o que não interessaria às sociedades.

Em uma longa nota de rodapé acrescentada em 1920, após avanços teóricos e o estabelecimento de conceitos fundamentais, Freud demonstra que as fantasias da puberdade estão ligadas às pesquisas sexuais da infância, que se tornaram em boa parte inconscientes, e que tem grande importância na gênese dos sintomas neuróticos e na sexualidade adulta. O conteúdo das

fantasias infantis está ligado ao Complexo de Édipo, que será compreendido como o complexo nuclear das neuroses, à descoberta das fantasias originárias e com o complexo de castração.

São as fantasias de espreitar o ato sexual dos pais, da sedução por parte de pessoas amadas quando era pequena, da ameaça de castração, as fantasias com o útero materno, de estar em seu interior e até mesmo ter experiências ali, e o assim chamado "romance familiar", em que ela reage à diferença entre sua atitude para com os pais agora e na infância [...] Diz-se, com razão, que o Complexo de Édipo é o complexo nuclear da neurose, que constitui a parte essencial do seu conteúdo. Nele culmina a sexualidade infantil, que, por seus efeitos ulteriores, influi decisivamente na sexualidade do adulto [...] o reconhecimento dele se tornou o xiboleto que distingue os adeptos da psicanálise de seus opositores (Freud, [1905a]/2016, p. 148-9).

É a partir desses avanços e da construção do conceito de identificação que as pesquisas de Freud podem se voltar para a compreensão das fantasias sexuais com os genitores. A apreensão da organização das fases pré-genitais permite o entendimento de que a escolha de objeto não se realiza na puberdade, mas sim na infância, sendo, posteriormente, revivida no momento de maturação sexual (Mezan, [1982]/2013). Nos próximos capítulos acompanha-se a formulação desses conceitos e a forma como a puberdade vai ganhando contorno na teoria freudiana.

2. DO COMPLEXO DE ÉDIPÓ NA PUBERDADE À PUBERDADE COMO SEGUNDO TEMPO DO ÉDIPÓ

Em *A dissolução do Complexo de Édipo*, Freud ([1924]/1992) afirma que o complexo de Édipo é o fenômeno central da sexualidade infantil, sendo substituído pelo período de latência após sofrer repressão. Como motor para essa repressão serão discutidas as influências do complexo de castração sobre a sexualidade infantil.

É neste texto que Freud nos apresenta uma conceituação clara do que é o complexo de Édipo e apresenta a importância da fase fálica, momento em que a sexualidade da criança passa a ser conduzida pelo genital masculino, visto que o feminino ainda não foi descoberto. Esta fase se desenvolve de forma simultânea ao complexo de Édipo e, assim como ele, é substituída pelo período de latência, diretamente associado ao medo da castração. As fantasias edípicas seriam o motor para a busca de descarga de excitação sexual pela via masturbatória.

O complexo de Édipo ofereceu menino duas possibilidades de satisfação, uma ativa e uma passiva. Ele pode se posicionar de maneira masculina no lugar do pai e, como ele, manter sua relação com a mãe, motivo pelo qual o pai passou a ser visto como um obstáculo; ou quis substituir a mãe e ser amado pelo pai, caso em que mãe se tornou desnecessária. Quanto à natureza da relação sexual satisfatória, a criança deve ter apenas representações muito imprecisas; mas é certo que o pênis desempenhou um papel, pois as sensações de seu órgão atestavam isso (Freud, [1924]/1992, p. 184, tradução nossa).

A ameaça de castração é proferida por um adulto como uma reação ao interesse do menino de manipular o órgão genital, de modo que esta ameaça faz com que a organização sexual fálica seja reprimida. A essa ameaça verbalizada soma-se a descoberta do órgão genital da menina e, ao percebê-la castrada, devido à diferença anatômica, passa a conceber a possibilidade de a ameaça tornar-se real, desta forma, “a ameaça de castração tem efeito a posteriori” (Freud, [1924]/1992, p. 183, tradução nossa).

Ao admitir a possibilidade da castração, sua e da mulher, o menino percebe como impossível a obtenção de satisfação por meio do complexo de Édipo, visto que essa lhe custará o pênis e, neste momento, o investimento narcísico no órgão entra em conflito com o investimento objetal nos pais; como resultado encerra-se o complexo de Édipo. Os investimentos libidinais são substituídos por identificações e a autoridade dos pais é introjetada pelo Eu, originando o supereu. Este mecanismo garante a proibição do incesto e impede o retorno do investimento sexual nos pais, graças à dessexualização e à sublimação comuns ao processo de identificação.

O processo como um todo salvou uma vez os genitais, afastou deles o perigo de perda e, além disso, os paralisou, cancelou sua função. Com esse processo inicia-se o

período de latência, que passa a interromper o desenvolvimento sexual da criança (Freud, [1924]/1992, p. 184, tradução nossa).

Se em 1924 Freud apresenta e se profunde nas reflexões sobre o complexo de Édipo no menino, em 1925, num texto intitulado *Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos*, nos é apresentado o desenvolvimento do complexo nas meninas. Aqui Freud explica que, como no menino, a mãe se estabelece para a menina como primeiro objeto de satisfação e que o complexo de Édipo, ou seja, o desejo pelo pai, seria uma formação secundária: há uma pré-história que antecede o complexo de Édipo.

Na menina, a fase fálica se inicia com a descoberta da diferença anatômica entre os genitais e os do menino, o que leva à inveja do pênis, segundo Freud ([1925]/1992), ela passa a querer o que não tem. Dentre as consequências possíveis resultantes da inveja do pênis estão o sentimento de inferioridade, o ciúme, o afrouxamento da relação amorosa com o objeto materno, visto que a menina passa a acreditar que a mãe é a responsável pela falta do pênis. A masturbação clitoriana, que coincide com a masturbação do pênis, portanto uma prática masculina, também é eliminada, permitindo o desenvolvimento da feminilidade.

As análises da pré-história da fase fálica me ensinaram que, na menina, surge rapidamente, após os indícios da inveja do pênis, uma intensa corrente contrária à masturbação, que não pode ser explicada exclusivamente pela influência pedagógica das pessoas responsáveis pela criação. Essa reação é claramente um prenúncio da onda repressiva que, na época da puberdade, eliminará grande parte da sexualidade masculina para dar espaço ao desenvolvimento da feminilidade (Freud, [1925]/1992, p. 273-274, tradução nossa).

A menina se afastaria da masturbação devido a uma humilhação narcísica gerada pela percepção da diferença anatômica entre ela e o menino, abandonando a concorrência com ele e afastando-se da masculinidade. Ao abandonar o desejo de ser igual ao menino e ter um pênis, a garota passa a desejar um pênis, entra em jogo a equação pênis = criança e com ela surge o desejo de ter um filho com o pai, passando a mãe a ser objeto de ciúme. Tem-se, então, o complexo de Édipo, introduzido a partir do complexo de castração, enquanto no menino ele se desfaz em decorrência do mesmo complexo. Não nos ateremos neste trabalho às diferenças entre o complexo de Édipo masculino e feminino, temática tratada em 1925¹³ e 1931¹⁴, por exemplo.

Ao fim do complexo de Édipo sobram as identificações com as figuras parentais. Em 1923 Freud já havia situado a bissexualidade como o substrato que possibilita o Complexo de Édipo

¹³ FREUD, Sigmund. Algunas consecuencias psíquicas de la diferencia anatómica entre los sexos. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas: El yo u el ello y otras obras (1923-1925)**, v. 21. Trad. José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu editores, p. 259-76, 1992. Trabalho original publicado em 1925.

¹⁴ FREUD, Sigmund. La feminilidad. In: **Obras completas: Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis (1933)**, v. 22. Trad. José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu editores, p. 104-25, 1992. Trabalho original publicado em 1933.

completo, dúplice (positivo e negativo), que é formado não apenas pela atitude ambivalente com o pai e o desejo sexual com a mãe, mas, também, por uma “atitude afetuosa feminina em relação ao pai, e a correspondente atitude ciumenta e hostil em relação à mãe” (Freud, [1923]/1992, p. 35, tradução nossa). A dissolução do complexo de Édipo produz uma identificação materna e uma paterna e essas identificações unidas formam uma modificação no Eu que Freud nomeia como ideal do Eu ou supereu, que tem a responsabilidade de reprimir o complexo de Édipo.

É importante destacar que apenas depois da delimitação da fase fálica o complexo de Édipo assume sua forma definitiva e a sua localização na infância é consolidada. Em 1905 a sexualidade infantil é apresentada como autoerótica e as escolhas de objeto são realizadas após a latência, na puberdade.

Nesta perspectiva, o complexo de Édipo, embora esboçado na infância, só surgiria em plena luz no momento da puberdade para ser rapidamente ultrapassado. Esta incerteza encontra-se ainda em 1916-17¹⁵, apesar de Freud reconhecer nessa época a existência de uma escolha objetal infantil muito próxima da escolha adulta (Laplanche; Pontalis, [1982]/2008, p. 78).

Em 1905 Freud estava buscando explicar o seu conceito ampliado de sexualidade, introduzindo a sexualidade infantil na literatura médica, mas a puberdade ainda era vista como o momento principal para a escolha de objeto devido a sua característica biológica. Um longo percurso foi trilhado até as descobertas das organizações genitais infantis, da identificação e do complexo de castração, possibilitando a posterior localização no complexo de Édipo na infância. O início dessa longa teorização ocorre ainda no século XIX, quando Freud abandona a sua teoria da Sedução e passa a desenvolver a teoria da fantasia.

2.1 Fantasias edípicas e puberdade

A teorização sobre a fantasia passa a fazer parte da obra freudiana após o abandono da teoria da Sedução e a correspondência com Fliess nos possibilitou tomar conhecimento deste período. Em 21 de setembro de 1897, Freud escreve para o amigo que no inconsciente não há “signo de realidade”, sendo impossível distinguir verdade e ficção, e que, portanto, a fantasia sexual estaria sempre ligada aos pais, sendo esse um dos motivos para não crer mais em sua teoria da sedução.

No decorrer de suas correspondências¹⁶, Freud descreve a Fliess sua descoberta sobre as fantasias resultarem de uma atividade sexual infantil reprimida, originada das relações com

¹⁵ FREUD, Sigmund. Conferencias de introducción al psicoanálisis. In: **Obras completas**: Conferencias de introducción al psicoanálisis (1916-1917), v. 15. Trad. José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu editores, p. 1-219, 1992. Trabalho original publicado em 1916-1917.

¹⁶ Cartas 71, 72 e 75.

os pais. Portanto, ao reconhecer a importância das fantasias, ele abre o caminho para a descoberta da sexualidade infantil e, conseqüentemente, do Complexo de Édipo, levando ao abandono, posterior, da explicação biológica para a etiologia da histeria (Mezan, [1982]/2013).

Na *Interpretação dos Sonhos* (1900), Freud trata da relação entre as fantasias e os desejos infantis de amor e ódio direcionado aos pais e apresenta a tragédia de Édipo como ilustração para a manifestação desses desejos. Entretanto, apenas no texto *Três Ensaio*s (1905) é que trouxe a público uma teorização detalhada sobre a sexualidade infantil e as fantasias, esclarecendo que as fantasias sexuais infantis serão o modelo da escolha de objeto sexual definitiva, aquela que ocorre na puberdade. Neste texto Freud não trata claramente do complexo de Édipo, mas afirma que os impulsos sexuais da infância direcionados aos pais, que foram reprimidos durante o período de latência, são revividos por meio de fantasias incestuosas durante a puberdade.

Com essas fantasias reaparecem, em todos os seres humanos, as inclinações infantis, agora reforçadas pela pressão somática, e entre elas, com regular frequência e em primeiro lugar, o impulso sexual da criança em relação aos pais, geralmente já diferenciado graças à atração pelo sexo oposto - o do filho pela mãe e o da filha pelo pai (Freud, 1905, p. 149).

Essas fantasias incestuosas deverão ser superadas para que o jovem possa direcionar seus interesses a outras realizações, sendo essa uma das tarefas mais relevantes da puberdade e de grande importância para o desenvolvimento das sociedades; ou seja, esses impulsos passam pelo mecanismo de sublimação.

A discussão sobre as fantasias e a sexualidade do púbere reaparece em alguns textos da primeira década dos anos 1900, principalmente entre os anos de 1906 e 1911. Apesar da ênfase desses textos estar na fantasia, eles contribuem para a descrição do complexo de Édipo que aparecerá formalmente em 1910.

No texto *O Escritor e a fantasia* ([1908a]/1992), há a comparação entre a criação literária e o brincar infantil. Estes são os modelos utilizados por Freud para elucidar como a fantasia se estrutura apoiada na realidade. Ao brincar, a criança investe uma grande quantidade de afeto na construção de um mundo próprio, em que organiza as coisas a seu modo, sabendo distinguir o mundo de fantasias do mundo real; a este modo de fantasia é atribuído o nome de “devaneio” ou “sonhos diurnos”, dada a sua similaridade com os sonhos.

Notamos, portanto, que, para Freud, neste momento, a fantasia é colocada como uma criação que se funda no mundo real, assim como as criações do escritor que ao escrever suas obras também investe grande quantidade de afeto em suas criações. O grande investimento nessas fantasias se faz porque elas são a realização de um desejo infantil, o desejo de ser adulto, que a criança não se preocupa em ocultar.

Entretanto, ao sair da infância, é esperado que os indivíduos deixem a brincadeira para enfrentar a realidade e neste processo alguns desejos passam a ser percebidos como inapropriados; resta ao adulto o refúgio na atividade fantasiosa como via de expressão desses desejos ocultos.

Desejos insatisfeitos são as forças pulsionais das fantasias, e cada fantasia singular é uma realização de desejo, uma retificação da realidade insatisfatória. Os desejos pulsionais diferem segundo sexo, caráter e circunstâncias de vida da personalidade que fantasia; mas facilmente se deixam agrupar seguindo duas orientações principais. São desejos ambiciosos, que servem à exaltação da personalidade, ou são desejos eróticos. Na mulher jovem predominam quase exclusivamente os eróticos, pois sua ambição acaba, em geral, no desejo de alcançar amor; no homem jovem, junto aos desejos eróticos, tornam-se urgentes os egoístas e ambiciosos (Freud, [1908a]/1992, p. 129-30, tradução nossa).

Os desejos que estão encobertos pela fantasia dos adultos são desejos infantis. Para esclarecer como eles podem estar presentes na vida adulta, Freud demonstra que a fantasia acontece entre os três tempos da atividade ideativa, ligando passado, presente e futuro. Na concepção da psicanálise, as relações adultas tomam como modelo os processos psíquicos infantis, “tanto em sua dimensão de ação como de afeto e representação” (Coelho Jr., 2001, p. 40).

O trabalho psíquico parte de uma impressão atual, uma ocasião no presente que foi capaz de despertar um dos grandes desejos do indivíduo, daí retrocede à lembrança de uma vivência anterior, geralmente infantil, na qual aquele desejo era realizado, e cria então uma situação ligada ao futuro, que se mostra como realização daquele desejo – justamente o devaneio ou fantasia, que carrega os traços de sua origem na ocasião e na lembrança. Assim, passado, presente e futuro são como que perfilados na linha do desejo que os atravessa (Coelho Jr., 2001, p. 231).

No *Dicionário de Psicanálise*, Chemama e Vandermersch (2007) afirmam que a fantasia¹⁷ é o efeito do desejo infantil e a matriz dos desejos atuais; esses desejos primitivos são inconscientes e buscam alguma realização na realidade, mesmo que parcial, gerando uma relação circular entre o desejo e a fantasia.

Para entender as fantasias, Freud se vale dos devaneios diurnos da puberdade, como protótipos, devido ao seu caráter comumente erótico. Quando acompanhados pela atitude masturbatória, esses devaneios são reprimidos e, caso a libido não seja expressa por outras vias, “a fantasia inconsciente tornará a ser estimulada diante das demandas da vida sexual, encontrando então uma forma mórbida de manifestação através de um sintoma neurótico” (Mezan, [1982]/2013, p. 139).

¹⁷ Neste Dicionário de Psicanálise o termo *Phantasie*, utilizado por Freud nos textos em Alemão, é traduzido a partir do Francês (*fantasme*) como Fantasma. Porém, em nosso texto optamos por utilizar o termo Fantasia, como o conceito é comumente descrito na literatura nacional.

Freud publicou, no mesmo ano, outro texto que auxilia a compreensão sobre a relação existente entre a fantasia e os desejos infantis. Em *As fantasias histéricas e sua relação com a bissexualidade* ([1908b]/1992), retomou a explicação sobre as fantasias geradas a partir do anseio e da privação e as nomeia novamente como devaneios ou sonhos diurnos. A novidade neste texto foi a explanação sobre a relação entre a repressão, a fantasia e a formação dos sintomas histéricos.

Os devaneios são fantasias conscientes e, ao sofrerem efeito da repressão, tornam-se fantasias inconscientes, dando origem aos sintomas histéricos. Grande parte da fantasia inconsciente deriva, portanto, da fantasia consciente, dos devaneios. Logo, as fantasias se tornam patológicas somente após passarem pelo processo de repressão.

Em *Fantasia originária, fantasias das origens e origens da fantasia*, Laplanche e Pontalis (1990) afirmam que esta separação entre fantasias conscientes e inconscientes coincidirá com a distinção entre as fantasias originárias, e as demais fantasias, denominadas como secundárias, sejam elas inconscientes ou não. As fantasias secundárias retornariam ao inconsciente graças ao recalçamento secundário (propriamente dito) e as fantasias originárias estariam submetidas ao recalçamento originário.

[...] a fantasia inconsciente mantém um vínculo muito importante com a vida sexual da pessoa; de fato, é idêntica à fantasia que serviu para sua satisfação sexual durante um período de masturbação. O ato masturbatório (no sentido mais amplo; onanista) consistia naquela época de dois fragmentos: a convocação da fantasia e a operação ativa de autossatisfação no auge dela (Freud, [1908b]/1992, p. 142, tradução nossa).

Freud trata em seu texto de uma ação autoerótica e de prazer parcial localizado em uma zona erógena que, mais tarde, ao se fundir com uma representação de um objeto de desejo, servirá para a formação de uma fantasia que se tornará inconsciente com a supressão da ação masturbatória fantasiosa, ou seja, omite-se a ação e a fantasia se torna inconsciente. Caso não ocorra a sublimação da libido, a fantasia inconsciente poderá ser reavivada, impondo-se como sintoma patológico. Desta forma, as fantasias inconscientes aparecem como precursoras dos sintomas histéricos, que se constituem, portanto, em expressões das fantasias inconscientes.

Como se sabe, na origem destas fantasias inconscientes estão desejos infantis que foram reprimidos e ao buscar as fantasias que os precedem, a partir dos sintomas histéricos, Freud se depara com dois tipos de fantasias sexuais inconscientes, uma masculina e outra feminina, e uma delas se origina a partir de um desejo homossexual atribuindo à fantasia uma significação

bissexual. Futuramente¹⁸ a bissexualidade, já defendida nos *Três Ensaios* (1905), estará na base do Complexo de Édipo e, a partir dela, serão realizadas as identificações. Tem-se, até o momento, a tese freudiana segundo a qual a origem dos sintomas histéricos está ligada à repressão de fantasias sexuais inconscientes, uma de caráter masculino e outra de caráter feminino.

O devaneio diurno segue como modelo para a fantasia, pois ele pode contemplar ao mesmo tempo a vivência individual, e, sobretudo, as fantasias originárias: cena originária, fantasia de sedução e castração, que carregam em si a configuração do complexo de Édipo.

Jogo de imagens, o devaneio diurno utiliza qualquer coisa que sobressaia da vivência individual; mas também a fantasia originária cujas *dramatis personae*, as figuras do jogo de cartas, recebem seus atributos simbólicos de uma legenda familiar mutilada, transtornada, mal-entendida. Estrutura, a fantasia originária é onde se lê facilmente a configuração edipiana; como também o devaneio diurno, se é verdade que a análise encontra roteiros típicos, repetitivos, sob a variabilidade das fabulações (Laplanche; Pontalis, 1990, p. 71).

Antes de formular sua teoria sobre as fantasias originárias, em 1915, Freud dedicou um estudo sobre as *Teorias Sexuais infantis* ([1908c]/1992), onde apresenta três teorias principais ligadas à pesquisa infantil sobre a origem dos bebês. Em nenhuma passagem neste texto há referências à fantasia. Mesmo assim, parece claro que é a elas a que Freud se refere ao falar das teorias sexuais infantis. De acordo com Jorge ([2000]/2008), essas seriam fantasias onipresentes no universo infantil e elas surgiriam pela falta do conhecimento sobre o sexo.

Neste texto Freud afirma que o interesse sobre o sexo surge em todas as crianças antes da puberdade e não apenas naquelas que se tornarão neuróticas. Entretanto, as teorias sexuais infantis seriam fundamentais para a compreensão dos sintomas neuróticos, pois eles estariam ligados a elas.

A chegada de um irmão mais novo seria a motivação para a construção dessas teorias, e esse fenômeno ocorre devido à percepção da criança acerca da redução dos cuidados que antes lhes eram destinados exclusivamente, passando a ter que compartilhar a atenção dos pais com o recém-chegado. A grande questão que se desenvolve a partir dessa experiência é: de onde vêm os bebês?

A curiosidade sobre o tema leva a criança a questionar os pais a respeito do surgimento dos bebês e as respostas insatisfatórias, muitas vezes ligadas a lendas, como a da cegonha, fazem a criança desconfiar que o adulto esteja ocultando alguma informação valiosa e proibida, o que estimula sua pesquisa. A criança entra então em um conflito psíquico.

¹⁸ FREUD, Sigmund. La organización genital infantil. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**: El yo u el ello y otras obras (1923-1925), v. 21. Trad. José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu editores, p. 141-50, 1992. Trabalho original publicado em 1923b.

Mas assim também experienciam a primeira ocasião de um “conflito psíquico”, pois algumas opiniões pelas quais sentem uma predileção pulsional, mas que não são “corretas” para os mais velhos, entram em oposição com outras sustentadas pela autoridade dos mais velhos, mas que a eles próprios não lhes são agradáveis. Deste conflito psíquico pode desenvolver-se rapidamente uma “cisão psíquica”; uma das opiniões, aquela que envolve ser “bom”, mas também a suspensão da reflexão, torna-se dominante, consciente; a outra, para a qual o trabalho de investigação trouxe, entretanto, novas provas que não devem vigorar, torna-se reprimida, “inconsciente”. Deste modo fica constituído o complexo nuclear da neurose (Freud, [1908c]/1992, p. 191, tradução nossa).

É importante ressaltar que, neste momento, Freud situa a relação entre pais e filhos como o “complexo nuclear da neurose”, porém, apenas nas *Conferências Introdutórias à Psicanálise* (1916/17) ele tratará especificamente da relação entre a neurose e o que nomeará de complexo de Édipo (Mezan, [1982]/2013).

As teorias formuladas pelas crianças tentam responder à pergunta: de onde vem os bebês? A primeira resposta está ligada ao desconhecimento da diferença anatômica entre os sexos, logo, todas as pessoas teriam um pênis; assim, o pênis assume, na infância, o lugar de principal objeto sexual autoerótico.

Ao perceber a diferença do órgão sexual da menina, a crença que se desenvolve é a de que ele ainda vai crescer. Entretanto, para o menino surge também a “ameaça de castração”, o temor de ter seu órgão castrado como retaliação à atividade masturbatória. A descoberta da diferença entre os sexos será fundamental no desenvolvimento do complexo de Édipo, mas apenas em 1923 Freud trata desta questão como complexo de castração.

Neste momento a menina também tem uma atividade sexual de caráter masculino, visto que o clitóris é análogo ao pênis, comportando-se como um pênis que se excita ao ser tocado. Freud afirma que a sexualidade feminina surge apenas na puberdade, quando há a repressão da característica masculina da atividade sexual. As meninas atribuem ao pênis a mesma importância que os meninos e, partir disso, passam a sentir inveja do pênis e a entenderem-se como prejudicadas, desejando ser um garoto. Futuramente, a universalidade do pênis será entendida como a fase fálica e estará diretamente ligada, como viu-se aqui, ao complexo de castração, fundamental para a compreensão do complexo de Édipo (Miguel, 2007).

A segunda teoria está ligada à percepção do crescimento do bebê no corpo da mãe e ao desconhecimento da vagina. A hipótese criada é de que a mãe ingeriu algo que fez com que o bebê crescesse dentro dela e que ele sairia pelo ânus, assim como as fezes. Inicialmente essa conjectura não trará nenhuma repugnância, entretanto, mais tarde, devido ao prazer associado ao erotismo anal, haverá a repressão dessa teoria (Mezan, [1982]/2013). O desenvolvimento teórico possibilitou a Freud discorrer sobre a equivalência inconsciente, no qual, por uma linha

de deslocamentos, as fezes são equiparadas aos bebês¹⁹, mecanismo que contribuiu para que a menina assumisse uma posição feminina (Miguel, 2007).

Quando a criança presencia o ato sexual entre os pais surge a terceira teoria, na qual a criança percebe o coito com um ato violento, estabelecendo-se a concepção sádica do coito, onde a excitação sexual e um impulso violento estão presentes simultaneamente.

A quarta teoria está ligada ao casamento como uma possibilidade de prazer gerado pela ausência do pudor, já que, no entendimento da criança, o casal não tem a preocupação de esconder o ato de urinar ou as nádegas um do outro. Essa teoria tem importância fundamental na formação das neuroses, pois a criança replica em sua brincadeira as fantasias que criou sobre o casamento.

Um novo ímpeto de pesquisas sexuais surge por volta dos 10 ou 11 anos, quando a criança descobre a função da vagina. Contudo, Freud não considera essas novas pesquisas relevantes para a formação patogênica. A importância delas está no fato de reavivarem traços inconscientes daquele primeiro interesse sexual que podem ocasionar atividade masturbatória e afastamento emocional dos pais.

O afastamento dos pais é tratado em um artigo do ano seguinte, intitulado *O romance familiar do neurótico* ([1909c]/1992). Mesmo sem abordar diretamente o complexo de Édipo, a teorização a seu respeito foi sendo desenvolvida. A expressão *romance familiar* é constantemente utilizada por Freud para tratar das fantasias utilizadas pelos indivíduos para modificar os laços estabelecidos com os pais. Essas fantasias podem assumir diversas variações, porém estão sempre relacionadas à dinâmica edípica (Laplanche; Pontalis, [1982]/2008).

Neste ensaio, Freud se dedicou ao esclarecimento dessas fantasias e tratou também da separação do jovem em relação aos pais, afirmando que desta separação depende todo o desenvolvimento da sociedade, visto que as fantasias infantis que permeiam as relações parentais são as responsáveis pelo afastamento do infante de seus pais, ao mesmo tempo em que ele se volta para o grupo social.

Freud afirma que o desejo de toda criança pequena é ser como os pais, que são para ela a única autoridade e a fonte de todo o conhecimento. Com a maturação intelectual, ao perceber que existem pais diferentes dos seus, os filhos passam a questionar as qualidades que os atribuíam e, progressivamente, se afastam e questionam aquilo que antes lhes serviam como ideal. Somando-se

¹⁹ FREUD, Sigmund. História de uma neurose infantil (“Homem dos lobos”). In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**: história de uma neurose infantil (“Homem dos lobos”), além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920), v. 14. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, p. 13-160, 2010. Trabalho original publicado em 1918.

a isso, as frustrações vividas na relação com os pais, muitas vezes geradas pela rivalidade sexual, levam a criança a se sentir preterida e a perceber seus impulsos hostis em relação aos genitores.

Neste estágio faz-se presente a influência do sexo, visto que, no garoto, as atividades fantasiosas e os impulsos hostis são predominantemente direcionados ao pai, desejando até ver-se livre dele, o que não ocorre com a mesma intensidade em relação à mãe. O passo seguinte, que Freud nomeia como *romance familiar*, está fortemente ligado aos sonhos diurnos e é indispensável para o afastamento do jovem de seus pais.

Os devaneios ou sonhos diurnos são as fantasias conscientes que se iniciam na infância, como substitutas das brincadeiras, e que se prolongam para além da puberdade, gerando repertório para o *romance familiar do neurótico*, servindo para a correção da vida e para a realização de desejos. O desejo de ter seus pais substituídos por outros mais nobres e melhores que o seus pode ser realizado pela fantasia.

Inicialmente a criança não tem conhecimento das funções sexuais, contudo, ao tomar contato com as diferenças anatômicas entre os pais, as fantasias adquirem um caráter sexual, havendo, neste momento, a inclinação às fantasias com a infidelidade materna. Nesse ponto, a fantasia assexual encontra a fantasia sexual, ao mesmo tempo em que a substituição do pai por figuras mais nobres e formidáveis — uma vez que a mãe não pode ser substituída — expressa o trabalho da criança de retomar o pai ideal da primeira infância. Isso ocorre porque os substitutos por ela criados carregam traços do pai real, provenientes de lembranças efetivas da criança. Desse modo, a criança eleva o pai, em vez de desvalorizá-lo.

Então, se afasta do pai que agora conhece e retorna àquele em quem acreditou durante a sua primeira infância; assim, a fantasia não é senão a expressão do lamento pelo desaparecimento dessa época feliz. Portanto, a superestimação dos primeiros anos da infância volta a prevalecer nessas fantasias (Freud, [1909c]/1992, p. 220).

Por meio dessas fantasias a criança supervaloriza o pai de sua infância, volta-se para ele e se distancia do pai da atualidade, estabelecendo o modo como o indivíduo se relaciona com a autoridade, a partir do pai idealizado da infância.

Vê-se aqui a principal explicação sobre como as teorias sexuais infantis contribuem para o desligamento do indivíduo das identificações estabelecidas com os pais. De acordo com Matheus (2020), há neste texto a valorização da operação simbólica realizada inicialmente na infância e retomada na puberdade, quando se torna evidente sua finalidade de realizar através da fantasia os desejos insatisfeitos.

A atividade investigativa e fantasiosa se sustenta na busca de *autonomia* frente aos progenitores o que, por sua vez, resgata a problemática desenvolvida por Freud em torno

da questão da *identificação*, já anunciada em 1900, com *A interpretação dos sonhos*. Trata-se da ambição de “chegar a se parecer com eles – vale dizer, ao progenitor do mesmo sexo -, *ser grande como* o pai e a mãe. Por um lado, a ambição respeita a admiração frente ao progenitor tomado como modelo, mas, por outro lado, visa a liberdade frente aos pais e sua substituição por “outros”, configurando a tempestuosa ambivalência edípica a ser equacionada na constituição dos ideais (...). A noção de autonomia aqui se mostra, necessariamente, complexa e relativa, uma vez que o desprendimento da autoridade depende da possibilidade de fazer valer, afirmativamente ou negativamente, o modelo parental inscrito na primeira infância (Matheus, 2020, p.144).

Em *Um tipo especial de escolha de objeto feita pelo homem* (1910), as questões relativas à autoridade são retomadas em conjunto com a discussão a respeito da significação dos pais para o jovem, demonstrando que a descoberta sobre a sexualidade dos pais coloca em questão o valor atribuído a eles. A temática sobre a moral materna é retomada neste texto, sendo a base para a explicação do complexo do Édipo.

Como provável corolário ao “esclarecimento sexual”, o menino aprende também que determinadas mulheres praticam o ato sexual como ofício, e por isso são alvo do desprezo de todos. [...] Depois, não mais podendo se apegar à dúvida que tornava seus pais uma exceção às feias regras da atividade sexual, diz a si mesmo, com cínica coerência, que a diferença entre a mãe e a prostituta não é tão grande, afinal, pois no fundo fazem a mesma coisa. Aquelas esclarecedoras informações despertaram nele os traços mnêmicos das impressões e dos desejos de sua primeira infância e a partir deles reativaram certos impulsos psíquicos. Ele começa a desejar a mãe, no sentido então descoberto, e a novamente odiar o pai, como o rival que põe obstáculos a esse desejo; ele cai, segundo costumamos dizer, sob o domínio do complexo de Édipo (Freud, [1910b]/2013, p. 342).

O jovem passa a ter diversas fantasias sobre a atividade sexual da mãe, inclusive sobre infidelidade. Essas fantasias permitem agrupar o desejo e a vontade de se vingar do pai e, geralmente, o amante tem as características do Eu da criança em idade adulta, como o pai.

Freud nos apresenta neste texto quatro “condições amorosas” que estão ligadas a um tipo de escolha de objeto: “[...]as condições de que a amada não seja livre e seja fácil, o alto valor a ela dado, a necessidade de ter ciúmes, a fidelidade, compatível com as substituições numa longa série, e o propósito de salvamento [...]” (Freud, [1910b]/2013, p. 339).

Todas estas condições estão ligadas a uma mesma fonte, a saber, o desejo pela mãe que se inicia na infância. A partir do encontro com o sexo, na puberdade, esse desejo é reativado e fixado em fantasias típicas desta idade, tornando-se modelo das escolhas de objeto do adulto. É evidente a relevância da puberdade como o momento em que se estruturam as relações objetais, mas também a relevância das fantasias inconscientes na definição dessas escolhas.

De acordo com Mezan (2013), não são os desejos infantis precoces que Freud reconhece como complexo de Édipo, mas, sim, a nova situação emocional, visto que neste momento da construção freudiana não é possível imaginar a escolha de objeto antes da adolescência, pois a sexualidade na infância ainda é entendida como autoerótica, não sendo possível que a escolha

de objeto se realize nela. As fantasias são, portanto, caminhos privilegiados para a realização dos desejos inconscientes.

A sexualidade autoerótica, que encontra satisfação no próprio corpo, garante a presença constante do prazer. Na puberdade, ao ter que escolher um objeto, surge um conflito com a realidade na busca pela satisfação. Chega, então, um momento em que as fantasias não são mais suficientes para a garantia de prazer, tendo o indivíduo que buscar artifícios para lidar com o desprazer.

Este mecanismo psíquico para lidar com o desprazer está descrito no artigo *Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico* (1911), no qual encontra-se uma explanação sobre os princípios de prazer e de realidade. De acordo com Strachey (2006), editor da *Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, as ideias apresentadas neste texto já haviam sido tratadas no livro *A interpretação dos sonhos* (1900) e no *Projeto para uma Psicologia Científica* (1905).

Freud inicia o artigo tratando da tendência do neurótico a retirar-se da realidade, fenômeno que ocorre a partir de uma repressão, e se propõe a buscar o significado da realidade para a psicologia do neurótico e dos seres humanos, de modo geral.

Inicialmente, os processos anímicos inconscientes seriam governados pelo princípio do prazer (denominados até este texto como princípio do prazer-desprazer), empenhando-se em obter prazer e reprimindo os processos que poderiam gerar desprazer. De acordo com Freud, o estado de repouso psíquico é perturbado pelas exigências internas do organismo que buscam satisfação, e a via alucinatoria é encontrada como caminho para aplacá-las. Ao perceber que a via alucinatoria não é suficiente para abrandar as exigências do organismo, o indivíduo passa a imaginar as circunstâncias da realidade e empenha-se em modificá-las. Introduce-se, assim, o princípio da realidade, “não mais era imaginado o que fosse agradável, mas sim o real, mesmo que se tratando de algo desagradável” (Freud, [1911a]/2004, p. 66).

São as exigências da vida que colocam um fim nessa dominância do princípio de prazer. O indivíduo passa a regular seus atos psíquicos segundo sua conformidade com a realidade e, assim, o lugar do princípio de prazer é tomado pelo *princípio de realidade* (Jorge, [2000]/2008, p. 57).

Com o aumento da importância da realidade externa, há um aumento da significação da percepção voltada ao mundo externo e da consciência a ela vinculada. Em substituição à repressão surge o juízo imparcial, que deveria decidir se uma ideia é verdadeira ou falsa e se estava de acordo com a realidade.

A partir da noção de princípio da realidade Freud amplia a atividade psíquica para além da relação prazer/desprazer, descrevendo lado a lado o julgamento e a repressão, diferenciando

da fantasia que está submetida exclusivamente ao princípio do prazer (Roudinesco; Plon, 1998). Isto ocorre porque as fantasias, que se iniciam em brincadeira infantis e prosseguem para os devaneios da puberdade, não precisam se sustentar em objetos reais. Dado que, como dito acima, estão ligadas a uma atividade autoerótica, onde o corpo é sempre presente.

[...] o termo usado aqui é o de “princípio da realidade”, com o que o reconhecimento do mundo exterior é elevado a elemento regulador da vida psíquica: dele nascem a consciência, o discernimento, o pensamento e todas as atividades psíquicas cuja energia de funcionamento é derivada da renúncia provisória da satisfação. A instauração do princípio da realidade leva à dissociação da vida mental: uma parte da atividade psíquica reluta em renunciar ao prazer, e, recusando-se a toda confrontação com o real, permanece submetida exclusivamente ao “princípio do prazer”, isto é, à tendência à descarga imediata da excitação, para restaurar o estado de baixa tensão identificado com o prazer (Mezan, [1982]/2013, p. 157).

A substituição do princípio de prazer pelo princípio de realidade acontece aos poucos e de modo diferente para as pulsões do Eu²⁰ e as pulsões sexuais. Inicialmente, essas pulsões estão unidas entre si no ato de mamar e, por meio do apoio nas funções biológicas do organismo, as pulsões sexuais se separam das outras. Como as pulsões do Eu encontram satisfação apenas no meio externo, elas se deparam primeiro com o princípio da realidade. Já as pulsões sexuais vão se deparar com o princípio da realidade apenas durante a puberdade, pois o autoerotismo e o período de latência detêm o desenvolvimento da pulsão sexual, garantindo o domínio do princípio de prazer até a puberdade.

É o continuado autoerotismo que possibilita que seja mantida por tanto tempo no lugar de uma satisfação real – que demanda esforço e adiamento – uma satisfação mais fácil, momentânea e fantasiosa com o objeto sexual. Neste reino do fantasiar, o recalque permanece onipotente; ele é capaz de inibir representações em *statu nascendi*, caso a carga nelas investida possa dar margem a liberações de desprazer, e o faz antes que essas representações sejam notadas pela consciência (Freud, [1911a]/2004, p. 68).

Freud diz que surge uma relação próxima entre a pulsão sexual e a fantasia, por um lado, e, por outro, há um estreitamento entre as pulsões do Eu e as atividades da consciência. Desenvolve, aqui, a ideia de Eu-prazer, que simplesmente deseja, e Eu-realidade, que busca o útil e se protege dos danos. Assim, a substituição do princípio de prazer pelo princípio de realidade é uma proteção ao Eu-prazer, visto que ocorre o abandono do prazer imediato e incerto em busca de um prazer mais seguro que virá no futuro.

A tendência fundamental do aparelho psíquico, em que se defrontam as duas pulsões, continua a exercer-se no sentido de realizar o máximo de prazer; só que, sendo o ser humano condenado a uma existência social, a busca do prazer é limitada por normas que transcendem o indivíduo e lhe impõem as restrições derivadas da cultura (Mezan, [1982]/2013, p. 159).

²⁰ Em 1910, no artigo “Concepção psicanalítica do transtorno psicogênico da visão”, Freud fala pela primeira vez em pulsões do Eu ligadas à autoconservação (Laplanche; Pontalis, 2008).

Esta observação de Mezan sobre as restrições culturais é importante para se pensar a formação das neuroses, visto que impedem o prazer e fazem o indivíduo se voltar para as fantasias. Em 1911, Freud trata da importância destas fantasias na formação dos sintomas neuróticos, esclarecendo que aquilo que está inconsciente caracteriza a realidade psíquica.

Com este texto Freud encerra uma longa teorização sobre as fantasias e coloca no horizonte temas importantes para a compreensão do psiquismo humano, entre eles o narcisismo, a identificação e o complexo de castração, que são fundamentais para se entender como o complexo de Édipo se torna o grande representante da sexualidade infantil e da constituição psíquica.

2.2 Sobre o complexo de Édipo infantil

Em 1919, no texto *Batem numa criança*, o complexo de Édipo aparece como o ápice das vivências sexuais infantis. É a partir desse artigo que o complexo de Édipo passa a figurar na teoria como parte da sexualidade infantil, que ocorre entre 2 e 5 anos. A justificativa para que essa transição do complexo de Édipo pubertário para o infantil se encontra no fato da problemática edipiana até este momento estar ligada exclusivamente à escolha de objeto amoroso, não havendo espaço para uma ampliação do conceito; é necessário que o Eu ganhe destaque na teorização, assim como a criação dos conceitos de narcisismo e identificação, para que o complexo de Édipo obtenha lugar central na obra, e isso só acontecerá a partir de *Além do Princípio do Prazer*, em 1920 (Mezan, [1982]/2013).

A teorização sobre o Eu ganha relevância quando Freud apresenta, em 1910²¹, as pulsões do Eu em oposição às pulsões sexuais, afirmando que a repressão ocorre por meio do conflito entre as representações ativadas por essas pulsões. Segundo Mezan ([1982]/2013), a novidade deste texto é a relação estreita entre as pulsões do Eu e as pulsões de autoconservação, visto que essas pulsões têm como meta a preservação do organismo.

Passamos a atentar para a importância dos instintos na vida imaginativa; verificamos que cada instinto procura se impor mediante a vivificação das ideias condizentes com suas metas. Nem sempre esses instintos são compatíveis entre si; com frequência têm conflitos de interesses; as oposições das ideias são apenas expressão das lutas entre os instintos que servem à sexualidade, à obtenção de prazer sexual, e os outros, que têm por meta a autoconservação do indivíduo, os instintos do Eu (Freud, 1910a, p. 317-8).

²¹ FREUD, Sigmund. Concepção psicanalítica do transtorno psicogênico da visão. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**: observações sobre um caso de neurose obsessiva (“O homem dos ratos”), uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos (1909-1910), v. 9. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, p. 313-23, 2013. Trabalho original publicado em 1910a.

O Eu, ao sentir-se ameaçado pelas pulsões sexuais, defende-se delas por meio da repressão, gerando os sintomas neuróticos. Entretanto, as pulsões sexuais, que na vida infantil são compostas pelas pulsões parciais, devem ser reprimidas e transformadas em prol da evolução cultural. As pulsões do Eu, portanto, devido à sua ligação com a autoconservação, protegem os indivíduos dos perigos da realidade externa, como deixa claro no texto *Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico* (1911), onde discute a relação entre o Princípio da Realidade e as pulsões do Eu.

É no texto de 1910 que Freud detalha como as pulsões inicialmente indistintas vão se diferenciando a partir do ato de mamar, ou seja, as pulsões sexuais se manifestam a partir do apoio que exercem nas pulsões do Eu, as de autoconservação. Segundo Mezan ([1982]/2013), compreender como se formula este “apoio” é importante para o esclarecimento a respeito da escolha de objeto que, neste momento, ainda é compreendida como uma tarefa da puberdade. O que diferencia as duas pulsões é justamente a acessibilidade ao objeto, que no caso das pulsões sexuais é o próprio corpo, já no caso das pulsões do Eu, o objeto está no meio externo, portanto submetido à prova de realidade. Essa progressiva distinção entre as pulsões, que está na origem do conflito neurótico, leva a crer que, na escolha de uma neurose, para além da trajetória da libido, há a evolução do Eu.

A escolha da neurose é a temática do texto *A predisposição à neurose obsessiva* e Freud ([1913a]/1992) afirma que o adoecimento neurótico está ligado às causas constitucionais, as predisposições, e às acidentais, as vivências externas. Entretanto, a escolha da neurose se relaciona principalmente com as predisposições, que estariam ligadas ao desenvolvimento das funções sexuais e egóicas. Para que surja uma neurose é necessário que haja uma alteração na progressão do desenvolvimento dessas funções, ou seja, que uma quantidade de libido fique retida no estágio anterior, gerando um ponto de fixação que permite uma regressão, caso haja o adoecimento causado por um fator externo.

As predisposições seriam, deste modo, inibições no desenvolvimento da libido e o tipo de neurose que o indivíduo manifesta depende desta inibição. Para cada psicose há um ponto de fixação em uma fase específica do desenvolvimento; quanto mais tarde a doença se manifesta, mais precoce é seu ponto de fixação. Assim, as parafrenias que se manifestam tardiamente na vida dos indivíduos estariam ligadas ao autoerotismo e ao narcisismo²², momento que o objeto de satisfação é a própria pessoa, e as predisposições à histeria e à neurose obsessiva seriam mais recentes no desenvolvimento da libido, após a escolha de objeto. Freud introduz aqui uma nova

²² Freud introduz o conceito de narcisismo em 1910, numa nota de rodapé nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, como será apresentado em seguida.

formulação teórica para explicar a escolha pela neurose obsessiva, esclarecendo que há uma escolha de objeto que se faz antes do primado das zonas genitais.

Dizia a mim mesmo que meu esquema sobre o desenvolvimento da função libidinal precisava de uma nova interpolação. No início, eu havia apenas distinguido a fase do autoerotismo, na qual as pulsões parciais, cada uma por si, buscam sua satisfação de prazer no próprio corpo, e depois a síntese de todas as pulsões parciais na escolha do objeto, sob a primazia dos genitais e a serviço da reprodução. Como é sabido, a análise das parafrenias nos obrigou a intercalar, no meio, um estágio de narcisismo, em que a escolha do objeto já se consumou, mas o objeto ainda coincide com o próprio Eu. E agora compreendemos a necessidade de estabelecer outro estágio prévio, anterior a configuração final: nele as pulsões parciais já se reuniram na escolha do objeto; além disso, o objeto já se contrapõe à pessoa própria como um objeto alheio, *mas ainda não está instituída a primazia das zonas genitais*. As pulsões parciais que governam esta organização *pré-genital* da vida sexual são, na verdade, as erótico-anais e as sádicas (Freud, [1913a]/1992, p. 340-1, grifo do autor, tradução nossa).

Freud afirma que na neurose obsessiva a antecipação do desenvolvimento do Eu leva à antecipação da libido, obrigando que a escolha de objeto seja feita num período anterior à fase genital. Portanto, a predisposição à neurose está ligada ao desenvolvimento da libido, e também à fase de desenvolvimento em que o Eu se encontra quando ocorre a fixação da libido.

A antecipação da escolha de objeto será importante para se entender a escolha da neurose e, conseqüentemente, como a nova teoria da libido permite pensar um complexo de Édipo que surge na infância. É importante ressaltar que a problemática entre o Eu e a teoria das pulsões, juntamente com o estudo das parafrenias e da homossexualidade, conduziram Freud à criação do conceito de narcisismo, fundamental para a sistematização teórica em torno do Eu.

2.2.1 Narcisismo

O trabalho fundamental sobre o narcisismo é *À guisa de introdução ao narcisismo* (1914). Todavia, de acordo com os comentários editoriais da *Standart Edition* (1969), desde 1909 Freud já tratava do narcisismo em seus trabalhos e ele aparece pela primeira vez publicamente em uma nota de rodapé da segunda edição dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, publicado em 1910.

Até o momento a psicanálise não apresentou um esclarecimento completo da origem da inversão, mas desvelou o mecanismo psíquico de sua gênese e enriqueceu consideravelmente a colocação do problema. Em todos os casos investigados, constatamos que os futuros invertidos passam, nos primeiros anos da infância, por uma fase de intensa, mas breve fixação na mulher (geralmente a mãe), e, após superá-la, identificam-se com a mulher e tomam a si próprios como objeto sexual, ou seja, partindo do narcisismo, buscam homens jovens e semelhantes a si mesmos, que querem amar assim como a mãe os amou. Além disso, com frequência vimos que supostos invertidos não eram absolutamente insensíveis ao encanto da mulher, mas continuamente transpunham a excitação por ela despertada para um objeto masculino.

Desse modo repetiam, durante toda a vida, o mecanismo pelo qual sua inversão havia surgido. Seu compulsivo anseio pelo homem revelou-se determinado pela incessante fuga da mulher (Freud, 1905, p. 34).

Os outros trabalhos citados nos comentários editoriais são: *Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci* (1910), *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia – O caso Schreber* (1911) e *Totem e Tabu* (1913).

Em *Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci*, Freud (1910) diz que a homossexualidade seria um fechamento do indivíduo no autoerotismo, o que o leva a buscar objetos que sejam seus substitutos, nomeando esse movimento como narcisismo (Migueluez, 2007). Vale ressaltar que tanto na análise de Leonardo quanto na de Schreber, o narcisismo é apresentado como um estágio da evolução sexual e não como um conceito, como acontecerá em 1914 (Roudinesco; Plon, 1998).

De acordo com Kaufmann no *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise*, Freud descreve uma regressão ao estágio narcísico como hipótese para a paranoia de Schreber, levando ao abandono completo do amor objetual e à retomada do autoerotismo. Novamente a escolha amorosa homossexual é o ponto de partida para a pesquisa freudiana, entretanto a libido do Eu ganha relevância na discussão.

Operar uma escolha de objeto homossexual, como o mostra a análise do presidente Schreber, ou, em outras palavras, agir de modo a se voltar para a pessoa mais parecida consigo mesma, ou ainda de voltar as costas ao mundo externo num fechamento total em si mesmo, tais são, portanto, as imagens clínicas que estimulam Freud a postular uma libido do eu, inversamente proporcional à libido de objeto, já que se trata da mesma energia das pulsões sexuais que ora se volta para o eu, ora para o objeto, no seio de um equilíbrio cuja estabilidade define a normalidade (Kaufmann, 1996, p. 348).

Freud compreende o narcisismo como uma fase de desenvolvimento da libido, situada entre o autoerotismo e o amor objetual, onde o as pulsões parciais ligadas ao autoerotismo são unificadas para alcançar um objeto de amor que inicialmente é o próprio corpo, para posteriormente buscar um objeto externo, na fase sádico-anal.

Sabemos que a primeira fase do desenvolvimento libidinal é representada pela oralidade, em conjunção com a nutrição; em seguida, a organização oral se impõe, com finalidades autoeróticas parciais, como a sucção do polegar ou do grande artelho; é neste momento que se intercala a organização narcisista, que se diferencia da etapa oral pela unificação das pulsões sobre a totalidade do “corpo próprio” e do autoerotismo pela unidade do seu objeto, ainda que este esteja dentro do limite corporal [...] depois da fase narcisista, vem a sádico-anal. Em que o objeto é exterior, mas sujeito a pulsões parciais de caráter ativo e passivo; a repressão dos impulsos anais e sádicos conduz à fase de latência e ao que Freud chamará de “corrente carinhosa” da vida erótica, mantendo na sombra a sensualidade e favorecendo as sublimações; por fim, no período da puberdade, reemerge a “corrente sensual”, mas agora sob a primazia da zona genital (Mezan, [1982]/2013, p. 176-7).

Na homossexualidade o indivíduo escolhe um semelhante como objeto de amor e esta etapa pode coincidir com a organização sádico-anal, podendo ser superada pela escolha heterossexual e, neste caso, as tendências homossexuais se unificam com as pulsões do Eu, gerando a libido que será utilizada no estabelecimento de relações fraternas.

No caso da paranoia de Schreber, observa-se um intenso trabalho de repressão dos impulsos homossexuais, o que indica uma forte fixação nessa fase do desenvolvimento libidinal. A partir dessa constatação, Freud concebe o mecanismo da parafrenia como uma retração da libido do Eu a uma etapa infantil, correlação que será posteriormente desenvolvida de modo mais detalhado no texto dedicado à teorização do narcisismo (Mezan, [1982]/2013).

Com a publicação de *À guisa de introdução ao narcisismo*, Freud (1914) apresenta o narcisismo como uma forma de investimento pulsional indispensável à estruturação do psiquismo (Chemama; Vandermerch, 2007). Para isso, resume as discussões iniciais sobre a temática e aborda o lugar que ocupa na sexualidade, além de apresentar outras questões relevantes como a relação entre o Eu e os objetos e introduz os conceitos de “ideal de eu” e de agente observador.

A partir desse artigo, o conceito de Eu passa por uma transformação teórica, sendo apresentado como uma “nova ação psíquica” que se constitui enquanto unidade durante a fase de autoerotismo, possibilitando que ele surja como objeto de amor, semelhante a um objeto externo, caracterizando a escolha narcísica de objeto. Essa visão do Eu como objeto leva Freud a apresentar a sequência autoerotismo, narcisismo, escolha de objeto homossexual e escolha de objeto heterossexual e a remodelar toda a sua noção de escolha objetual, situando o Eu a partir da escolha de objeto por apoio (Laplanche; Pontalis, [1982]/2008).

O narcisismo é definido como um comportamento em que o indivíduo trata o próprio corpo como objeto sexual e encontra satisfação. Inicialmente é entendido como uma perversão, porém, Freud amplia sua abrangência, identificando-o como parte do desenvolvimento sexual humano, a partir de seus estudos com pacientes neuróticos.

Nessa acepção, o narcisismo não seria uma perversão, mas o complemento libidinal do egoísmo próprio da pulsão de autoconservação, egoísmo que, em certa medida, corretamente pressupomos estar presentes em todos os seres vivos (Freud, [1914]/2004, p. 97).

Esse narcisismo normal e presente em todos os humanos é identificado no texto como o narcisismo primário e havia sido apresentado na análise de Schreber como uma fase do desenvolvimento da libido situada entre o autoerotismo e o amor objetual, onde o indivíduo tomaria a si mesmo como objeto de amor, para posteriormente voltar-se para objetos externos.

Ao estudar as parafrenias, paranoia e *dementia praecox*, Freud percebe que os indivíduos acometidos com esses transtornos retiram sua libido do mundo externo e não a substituem por fantasias, como os neuróticos, ou seja, essa libido retirada dos objetos é direcionada ao Eu, dando origem ao narcisismo secundário. O delírio de grandeza típico da esquizofrenia indica como se constitui o narcisismo secundário, visto que ela ocorre pela retirada da libido objetual dos objetos, ampliando e explicitando um estado que já existiu anteriormente.

Assim, esse narcisismo, que se constitui ao chamar de novo para si os investimentos anteriormente depositados nos objetos, pode ser concebido como um narcisismo secundário, superposto a outro, primário. Todavia, as inúmeras e variadas influências sofridas pelo narcisismo secundário obscurecem nossa visão do processo (Freud, [1914]/2004, p. 98).

A observação de crianças e de povos primitivos permitiu a Freud notar uma atitude com o mundo externo que pode ser comparada à megalomania. Desta análise conclui que, inicialmente, o investimento libidinal estaria no Eu, e, posteriormente, surgiria o investimento nos objetos; ou seja, inicialmente, as pulsões estão unidas no estado de narcisismo e, a partir do investimento no objeto, é que se distinguem em pulsões do Eu e pulsões sexuais.

Para que este movimento aconteça é necessário o desenvolvimento do Eu, que não está desde o início do psiquismo. É durante a fase de autoerotismo que o Eu se desenvolve como unidade, possibilitando o narcisismo, que será constitutivo do psiquismo dos indivíduos (Laplanche; Pontalis, 2008; Chemama; Vandermersch, 2007). A partir disto haverá uma separação entre a libido sexual e a libido do Eu. Esta designa o fenômeno em que a pulsão sexual toma o Eu como objeto de amor. O Eu aparece como um suporte constante de energia libidinal que, mesmo não originada nele, o utiliza como caminho intermediário para chegar nos objetos externos: quanto mais a libido está direcionada aos objetos, menos disponível ela está para o Eu e vice-versa (Mezan, [1982]/2013).

Constatamos também haver, *grosso modo*, uma oposição entre a libido do Eu e a libido objetual. Quanto mais uma consome, mais a outra se esvazia. Nesse sentido, a mais avançada fase de desenvolvimento que a libido objetual parece ser capaz de atingir é o estado de apaixonamento, que se apresenta como uma desistência da própria personalidade a favor do investimento no objeto. Seu oposto se encontra na fantasia (ou na autopercepção) dos paranoicos sobre o fim do mundo. Assim, a respeito da distinção das diferentes energias psíquicas, podemos dizer que, no princípio, as energias coexistem no estado do narcisismo e que são indiscerníveis para uma análise mais superficial. Somente quando passa a ocorrer um investimento nos objetos é que se torna possível distinguir uma energia sexual, a libido, de uma energia das pulsões do Eu (Freud, [1914]/2004, p. 99, grifo do autor).

A busca por um objeto ocorre quando a libido direcionada ao Eu causa desprazer, ou seja, quando um investimento no Eu superou certa medida. Freud chega a esta conclusão observando o recolhimento da libido objetual comum na hipocondria presente em casos de

parafrenia e estabelecendo um paralelo entre ela e as neuroses de transferência. A ideia apresentada é que a angústia hipocondríaca seria a contrapartida da angústia neurótica – a primeira partiria da libido do Eu, enquanto a segunda da libido objetual. Sendo assim, a libido do Eu represada causaria os fenômenos da hipocondria, como o represamento da libido objetual gera os sintomas neuróticos. Este represamento da libido do Eu é sentido como desprazeroso e, para evitar o desprazer, o Eu envia parte de libido para o objeto, havendo a separação entre libido do Eu e libido objetual.

O investimento no objeto pode ocorrer de dois modos, um deles é escolha anaclítica (por apoio), que ocorre quando a escolha objetual está ligada aos primeiros objetos de satisfação. Freud explica que a satisfação autoerótica está ligada às funções vitais de autoconservação e as pulsões sexuais apoiam-se nas pulsões do Eu na busca pela satisfação, para, num segundo momento, separarem-se deles. Entretanto, o apoio permanece no fato de os primeiros objetos amorosos serem as pessoas encarregadas de garantir os cuidados básicos com a criança, geralmente a mãe.

O outro modo de escolha de objeto seria a escolha narcísica, em que o modelo de objeto não é a mãe, mas sim a própria pessoa, comum em homossexuais e nas perversões. De acordo com Coelho Jr. (2001), na escolha narcísica os objetos representam o indivíduo ou algum de seus aspectos, visto que a própria pessoa é o objeto de amor. Os dois tipos de escolhas objetuais apresentadas por Freud estão presentes em todos os indivíduos, sendo um ou outro privilegiado no decorrer do desenvolvimento libidinal.

Ao contrário, preferimos a hipótese de que ambos os caminhos para a escolha de objeto ficam franqueados a todo ser humano e que um ou outro caminho acabará sendo privilegiado. Estamos afirmando que o ser humano possui dois objetos sexuais primordiais: ele mesmo e a mulher que dele cuida, e com isso estamos pressupondo que em todo ser humano há um narcisismo primário, que eventualmente pode manifestar-se de maneira dominante em sua escolha de objeto (Freud, [1914]/2004, p. 108).

O narcisismo primário é revivido e reproduzido, como aponta Freud, no nascimento de um filho, quando os pais atribuem à criança a perfeição, ocultando seus defeitos e negando sua sexualidade. Aos pais cabe garantir à criança um mundo melhor e com mais privilégios que eles tiveram, e à criança cabe a responsabilidade de realizar os sonhos dos pais, tornar-se importante no lugar do pai ou realizar um bom casamento para compensar a mãe. “O comovente amor parental, no fundo tão infantil, não é outra coisa senão o narcisismo renascido dos pais, que ao se transformar em amor objetual, acaba por revelar inequivocamente sua antiga natureza” (Freud, [1914]/2004, p. 110).

Sales e Herzog argumentam sobre a importância da alteridade na formação do Eu. Em *O corpo em psicanálise: entre a fragmentação ilusória e a ilusória unificação* (2014), os autores afirmam que a unificação do Eu pela criança é o resultado de uma construção narcísica dos pais, ou seja, o investimento libidinal dos pais no corpo da criança é que favorece a unificação do corpo disperso do autoerotismo e possibilita a ação psíquica formadora do Eu e é esse investimento da alteridade que permite ao filho experimentar a completude e a onipotência, fundamentais para a subjetivação.

Em *Pulsões e destino da Pulsão* ([1915]/2004), Freud dá subsídios para que se compreenda melhor a importância da alteridade na formação do Eu e a importância da identificação neste processo. Ao tratar dos pares de opostos voyerismo/exibicionismo e sadismo/masochismo, afirma que as pulsões podem ser ativas e passivas, coexistindo lado a lado devido à ambivalência²³ e a reversão da atividade para a passividade depende da fase narcísica do Eu, enquanto a atividade depende da substituição do Eu narcísica por outro Eu, por meio da identificação.

Habituaamo-nos a denominar *narcisismo* a fase inicial de desenvolvimento do Eu, durante a qual suas pulsões sexuais se satisfazem de maneira autoerótica; falta, contudo, abordarmos a relação entre autoerotismo e narcisismo. Segue-se então que a etapa preliminar da pulsão de olhar – na qual o prazer de olhar tem o próprio corpo como objeto – pertence ao narcisismo, ou seja, é uma formação narcísica. A pulsão de olhar ativa se desenvolve justamente pelo abandono dessa etapa narcísica, ao passo que a pulsão de olhar passiva manterá o objeto narcísico aprisionado. De modo análogo, pode-se dizer que a transformação do sadismo em masochismo significaria um retorno ao objeto narcísico. Em ambos os casos, por meio da identificação, o sujeito narcísico sofre uma troca por outro eu estranho. Portanto, considerando também a etapa preliminar do sadismo que aqui construímos, chegamos a uma visão abrangente,

²³ O termo ambivalência foi criado por Bleuler, em 1911, para descrever um sintoma da esquizofrenia, apesar de reconhecer que ela está presente em outros quadros. Para o autor, existem três domínios em que a ambivalência está presente: o voluntário, onde o indivíduo quer e não quer fazer algo, por exemplo comer; o intelectual, onde o indivíduo enuncia ao mesmo tempo uma proposição e o seu contrário; e o afetivo, em que ama e odeia uma pessoa ao mesmo tempo. A originalidade da utilização do termo por Bleuler reside na ocorrência simultânea e indissociada da negação e da afirmação e na possibilidade desta oposição fundamental poder ser encontrada em diversos setores da vida psíquica. A ambivalência afetiva é priorizada por Bleuler e é ela que se destaca nas obras de Freud (Laplanche; Pontalis, [1982]/2008). A primeira vez que Freud utiliza o termo ambivalência é em *A dinâmica da transferência* (1912) para tratar das transferências “positiva” e “negativa”, afirmando que elas aparecem lado a lado nas psicose, dirigidas ao analista. Para ele, é a ambivalência emocional que coloca a transferência como a maior resistência ao processo analítico, visto que uma transferência negativa anula a possibilidade de efetivação de uma análise, enquanto a transferência positiva é o motor de todo o processo. Entretanto, mesmo antes de referir-se ao termo “ambivalência”, Freud já tratava da simultaneidade entre amor e ódio dirigidos à mesma pessoa nas análises do *Pequeno Hans* (1909a) e do *Homem dos Ratos* (1909b). Em *Análise de uma fobia em um garoto de cinco anos*, Freud ([1909a]/2013) interpreta que a ansiedade sentida por Hans apresenta dois componentes, o medo do pai e o medo pelo pai, simultaneamente, sendo o primeiro derivado da hostilidade direcionada ao pai e o segundo do conflito entre a afeição e a hostilidade. Em *Notas sobre um caso de neurose obsessiva*, Freud ([1909b]/2013) trata da conhecida análise do *Homem dos Ratos*, onde discute a concomitância entre o amor e o ódio dirigidos ao pai e à dama pela qual nutria grande afeto. O amor consciente, então, assume a tarefa, mediante uma reação, de manter a repressão ao ódio adquirindo intensidade o suficiente para cumprir sua função. Freud supõe que, em idade precoce, num período pré-histórico da infância, os opostos se separaram e o ódio foi reprimido. O par amor/ódio vai marcar toda construção freudiana sobre o conceito de ambivalência, tendo grande relevância para segunda teoria das pulsões.

segundo a qual os destinos pulsionais de redirecionamento contra o próprio Eu e de transformação de atividade em passividade são dependentes da organização narcísica do Eu e carregam a marca dessa fase. Talvez esses destinos correspondam a tentativas de defesa que, em etapas mais avançadas de desenvolvimento do Eu, são efetuadas com outros recursos (Freud, [1915]/2004, p. 156, grifo do autor).

A relevância da alteridade na formação do Eu aparece, novamente, em uma nota de rodapé acrescentada às discussões sobre o amar, na qual Freud afirma que apenas uma parte das pulsões sexuais é satisfeita de modo autoerótico e está sob o domínio do princípio do prazer. Outra parte das pulsões sexuais, que requerem um objeto, e as pulsões do Eu, que não podem ser satisfeitas autoeroticamente, acabam por perturbar esse estado de satisfação, que é nomeado como narcisismo primário, levando o indivíduo a buscar outras vias para eliminar o desconforto gerado pelos estímulos externos e internos. Essas modificações nas pulsões estão ligadas ao período de desamparo e aos cuidados que a criança precisa receber para ter suas necessidades satisfeitas.

O amor e o ódio permeiam as relações objetais, porém, Freud apresenta outras duas antíteses aceitas pelo amor. Tem-se, então, o amar/odiar-indiferença, o amar-odiar e o amar-ser amado. Fica evidente que não é possível integrar o amor à teoria das pulsões que trata de relações dualistas, como o sadismo-masochismo e voyeurismo-exibicionismo. Para explicar as antíteses ligadas ao amor é introduzido o conceito de ‘três polaridades’ que dominam a vida mental e norteiam os destinos das pulsões: Eu/mundo exterior, prazer/desprazer e atividade/passividade (Garcia-Roza, 2008; Mezan, [1982]/2013).

[...] a oposição Eu – não-Eu (exterior) (sujeito – objeto) impõe-se ao indivíduo já desde o início da vida. Isso ocorre a partir da experiência de que, se por um lado por meio de sua ação muscular ele pode fazer cessar o afluxo dos estímulos externos, por outro ele não tem defesa contra o afluxo dos estímulos pulsionais. Essa oposição Eu – não-Eu continuará preponderante sobretudo na atividade intelectual, e é essa polaridade que gera a situação básica para a atividade de pesquisar, situação essa que não pode ser alterada, não importa o esforço que se faça para tal. No que tange à polaridade prazer – desprazer, está aderida a uma sequência de sensações, cuja importância é fundamental para as decisões de nossas ações (vontade) [...]. Quanto à oposição ativo – passivo, não deve ser confundida com a do Eu-sujeito – exterior-objeto. O Eu recebe estímulos do mundo externo e comporta-se de maneira passiva com o exterior e de maneira ativa quando reage a esses estímulos; entretanto, na verdade são as pulsões que forçam o Eu a uma *atividade* toda especial em relação ao mundo externo, de modo que poderíamos dizer que a questão essencial é: o Eu-sujeito é passivo em relação aos estímulos externos e ativo por meio de suas próprias pulsões (Freud, [1915]/2004, p. 158, grifo do autor).

É durante o período do narcisismo, quando o Eu se satisfaz de modo autoerótico, que pode se notar a presença dessas oposições. A oposição entre amor/indiferença se dá porque durante o narcisismo o mundo exterior não faz diferença para a satisfação do indivíduo, visto que o prazer coincide com o Eu e o indivíduo ama apenas a si mesmo, ou seja, o Eu coincide com o prazer e o mundo externo com o que é indiferente.

No decorrer do narcisismo primário o Eu nota os objetos que recebe do mundo externo, ligados à necessidade de autoconservação, e passa a odiá-los, visto que inicialmente há uma equivalência entre o mundo externo, os objetos e aquilo que é odiado. Posteriormente, o Eu passa a perceber que alguns objetos são fontes de prazer e os introjeta, desejando manter-se próximo a eles. Os objetos sentidos como fonte de desprazer levam à tentativa de fuga do mundo externo, visto que o ódio está assimilado a esses objetos. Trata-se aqui da diferenciação entre Eu de prazer e Eu de realidade apresentada em 1911 em *Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico*, época em que Freud não tratava diretamente do narcisismo, conceito que, neste momento, exerce influência definitiva em seu pensamento.

Assim, desse Eu-real inicial, que pôde diferenciar o interno do externo a partir de marcas distintivas objetivas, deriva-se agora um *Eu-prazer* purificado, que coloca a característica de prazer acima de qualquer coisa. O mundo externo é decomposto agora em uma parcela prazerosa, que ele incorpora em si, e em um resto, que lhe parece estranho (Freud, [1915]/2004, p. 159).

Portanto, o mundo exterior não é mais indiferente ao Eu e uma parte dele é vivida como hostil, dando origem a outra oposição, o amar-odiar. Freud defende, aqui, que existe um Eu de realidade original, estabelecido antes do Eu de prazer – este servindo como intermediário para um Eu de realidade final. “Portanto, antes do *Lust-Ich (Eu prazer)* há um *Real-Ich (Eu real)* original que, em vez de prosseguir até a constituição de um eu-realidade final adulto, é substituído por um Eu-prazer por exigência do princípio de prazer” (Garcia-Roza, 2008, p. 127).

O Eu de realidade está ligado à distinção entre o mundo interno e o mundo externo, entre o Eu e não-Eu, resultado das primeiras experiências em que a criança descobre que é indefesa frente aos estímulos pulsionais, mas que é possível se desvencilhar dos estímulos externos pela via da ação muscular. O Eu surge no psiquismo no esforço de estabelecer uma organização defensiva contra a carga pulsional bruta, como o mecanismo que busca realizar as primeiras ligações dessas excitações dispersas. É este Eu que coincide com o prazer autoerótico.

Para que a afirmação de Freud não entre em contradição com o que foi dito antes, é necessário levarmos em conta que não estamos falando da mesma coisa quando tratamos de estímulos pulsionais e quando tratamos de estímulos provenientes do mundo externo. Quando Freud se refere ao *Real-Ich (Eu-real)* como auto-erótico, o que está em questão é a satisfação pulsional, e é ao levarmos em consideração este fato que a passagem do primeiro momento – o do *Real-Ich (Eu-real)* – para o segundo momento – o do *Lust-Ich (Eu-prazer)* – adquire seu significado (Garcia-Roza, 2008, p. 129, grifo do autor).

O Eu de prazer é, nas palavras de Freud, purificado, pois o que é bom do mundo externo foi introjetado e identificado como pertencente ao Eu, e o que é mau é projetado ao meio externo. É deste modo que o meio externo, ao ser sentido como desprazer, passa a ser objeto de

ódio. Enquanto o par de opostos amor-indiferença corresponde à polaridade Eu-mundo exterior, o novo par amor-ódio corresponde à polaridade prazer-desprazer.

O amor surge da capacidade do Eu de encontrar a satisfação em si mesmo, autoerótica, por meio do prazer do órgão, sendo originalmente narcisista. A relação entre amor e objetos surge quando estes são incorporados²⁴ ao Eu, ocasionando uma ampliação deste. Esta nova relação é expressa pelos esforços motores do Eu na busca dos objetos fonte de prazer. O amor liga-se às pulsões parciais que buscam satisfação sexual, como metas provisórias, e coincide com a pulsão sexual quando está encontra síntese na genitalidade, servindo à reprodução.

[...] enquanto as pulsões sexuais ainda estiverem percorrendo seu complicado desenvolvimento, algumas das etapas preliminares do amar já emergirão como metas sexuais provisórias. Como a primeira dessas metas reconhecemos o *incorporar* ou *devorar*. Trata-se de uma espécie de amor capaz de coexistir coma eventual interrupção da existência própria e autônoma do objeto e que, portanto, pode ser caracterizada como uma forma de amor ambivalente. Em uma etapa mais elevada, a da organização anal-sádica, o interesse pelo objeto surge na forma de um ímpeto de apoderamento indiferente ao dano ou à aniquilação que possa causar ao objeto. Essa forma e etapa preliminar do amor quase não se distingue do ódio em sua confuta para com o objeto. Só com a instauração da organização genital é que o amor se torna o oposto do ódio (Freud, [1915]/2004, p. 161, grifo do autor).

Note-se que neste ponto de sua teorização Freud trata claramente de uma escolha objetal, mesmo que inicialmente apoiada na autoconservação, que antecede a genitalidade, ou seja, que antecede a puberdade, visto que ele ainda não estabeleceu a fase fálica, que será teorizada entre os anos de 1923 e 1924. Vale recordar que neste momento a puberdade ainda aparece como o momento da vivência edípica.

A última das antíteses a que se presta o amor é amar-ser amado, e corresponde, assim como nos outros pares de opostos estudados, à transformação da atividade em passividade: o *amar a si mesmo*, característico do narcisismo. Ao haver a substituição do sujeito por outro, externo, ocorre a tendência ativa, que corresponde a amar; caso ocorra a substituição do objeto, ocorre a meta passiva, ou seja, ser amado, permanecendo próxima ao narcisismo.

Na vida adulta os traços do narcisismo original desaparecem graças às concepções éticas e culturais dos indivíduos. É a repressão das pulsões, que entram em conflito com essas concepções, que favorece o desaparecimento do narcisismo. Esta repressão se dá a partir de uma

²⁴ Uma nota de rodapé do tradutor da edição brasileira das obras de Freud, realizada pela Imago, afirma que o primeiro relato de Freud sobre a fase oral, associada à incorporação, acontece na edição de 1915 dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. “A primeira de tais organizações sexuais pré-genitais é a oral ou, se assim preferirmos, canibal. Nela a atividade sexual ainda não se encontra separada da ingestão de alimentos, correntes opostas ainda não estão diferenciadas em seu interior. O objeto das duas atividades é o mesmo, a meta sexual consiste na incorporação do objeto, no modelo daquilo que depois terá, como identificação, um papel psíquico relevante. Um resíduo dessa fase de organização que a patologia nos leva a supor pode ser o ato de chupar o dedo, no qual a atividade sexual, desprendida da atividade da alimentação, trocou o objeto externo por um do próprio corpo” (Freud, 1905, p. 108).

avaliação que o Eu faz de si mesmo, ou seja, o Eu se avalia a partir de um ideal que estabeleceu para si, o Eu ideal.

O amor por si mesmo que já foi desfrutado pelo Eu verdadeiro na infância dirige-se agora a esse Eu-ideal. O narcisismo surge deslocado nesse novo Eu que é ideal e que, como Eu infantil, se encontra agora de posse de toda a valiosa perfeição e completude. Como sempre no campo da libido, o ser humano mostra-se aqui incapaz de renunciar à satisfação já uma vez desfrutada. Ele não quer privar-se da perfeição e completude narcísicas da infância. Entretanto, não poderá manter-se sempre nesse estado, pois as admoestações próprias da educação, bem como o despertar de sua capacidade interna de ajuizar, irão perturbar tal intenção. Ele procurará recuperá-lo então na nova forma de um ideal-de-Eu. Assim, o que o ser humano projeta diante de si como seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância, durante a qual ele mesmo era seu próprio ideal (Freud, [1914]/2004, p. 112).

O Eu ideal surge da confluência da unificação da imagem do corpo da criança e da revivência do narcisismo dos pais que atribuíram ao filho todas as perfeições e lhe concederam todos os privilégios que tiveram de abrir mão (Garcia-Roza, 2008). Esse ideal de Eu é controlado por uma instância psíquica designada, neste momento da obra freudiana, de *consciência moral* e se originou pela influência crítica dos pais e, mais tarde, de outras pessoas que assumem a posição que antes pertencia aos cuidadores. Desde o *Projeto para uma Psicologia científica*, a questão da alteridade é decisiva para gênese da moralidade em Freud (Mezan, [1985]/2006).

A consciência moral é estabelecida pelo processo de idealização, em que o objeto é psiquicamente engrandecido e exaltado, sem ser modificado e pode ocorrer tanto com a libido do Eu, quanto com a libido objetal. Este processo é diferente da sublimação, na qual o que é modificado é a meta pulsional, que permite a satisfação sem que haja a repressão, enquanto a consciência moral pode atuar como agente de repressão dos objetos e desejos sexuais.

Como o ideal de Eu surge a partir da crítica, primeiro parental e depois da sociedade, grande quantidade de libido homossexual é mobilizada. Esta libido é escoada e satisfeita na manutenção desse ideal, porém, a revolta contra essa censura interna leva o indivíduo a retirar essa libido principalmente dos pais.

A instauração da consciência moral nada mais foi, em essência, do que a incorporação, primeiro, da crítica parental e, depois, da crítica da sociedade. Trata-se, portanto, de um processo análogo ao que ocorre quando do surgimento da tendência ao recalque, que também parte de uma proibição ou obstáculo, inicialmente externo. Essas vozes, assim como uma multidão de pessoas cuja identidade permanece indefinida, são agora trazidas à luz pela enfermidade e reproduzem regressivamente a história da evolução da consciência moral. Mas a revolta contra essa *instância censora* se deve a que a pessoa, agindo de acordo com o caráter fundamental da doença, quer se desvencilhar de todas essas influências, a começar pela influência parental, e buscar recolher a libido homossexual dessas áreas de influência. A consciência moral se apresenta então de um modo regredido perante a pessoa, como se fosse uma intrusão hostil oriunda do mundo externo (Freud, [1914]/2004, p. 114, grifo do autor).

Tem-se, aqui, um esboço do que será desenvolvido futuramente e dará origem ao supereu. Nesta passagem, Freud explicita a relevância dos pais e da sociedade na formação do Eu e da moralidade, temáticas diretamente relacionadas com a identificação, e que já haviam sido apresentadas em *Totem e Tabu* (1913).

2.2.2 Identificação

O termo identificação apareceu por algumas vezes na correspondência entre Freud e Fliess, para tratar de sua importância na formação dos sintomas histéricos. Porém, apenas em *Interpretação dos sonhos* (1900) essa discussão foi tornada pública e a identificação histérica passou a ser vista como uma via de expressão, pelo sintoma, de vivências não somente do paciente, mas também de outras pessoas, introduzindo a relação com os outros a partir das fantasias e desejos. De acordo com Lima (2014), em seu texto *A questão da identidade em Psicanálise: divisão e identificação*, já em 1900 é possível identificar o ponto de conexão entre identificação, fantasia e desejo, a partir dos estudos dos sonhos e dos sintomas histéricos.

Em *Reflexões sobre a identificação no pensamento freudiano*, Neves (2007) diz que identificação é compreendida como um processo que envolve a assimilação inconsciente de traços de pessoas, diferente da imitação histérica, em que não ocorre a apropriação desses traços. Assim, a identificação ocasiona modificações no âmbito pulsional, a partir da relação do indivíduo com os outros. “Portanto, a identificação não é simples imitação, mas apropriação com base na mesma reivindicação etiológica; expressa um “igual a” e se refere a algo comum que permanece no inconsciente” (Freud, [1900]/1992, p. 168).

Desta forma, o outro ganha relevância na constituição do psiquismo e Freud dá mais uma prova disso ao publicar a análise de Dora. Em *Análise fragmentária de uma histeria*, Freud ([1905]/2016) relata que os diversos sintomas apresentados por Dora estão relacionados às múltiplas identificações, sejam aquelas ligadas ao seus pais ou as que dizem respeito à Sra. K., demonstra que os desejos recalçados podem ser manifestados através dessas identificações (Neves, 2007).

Dora também pensa que seu pai aproveitava-se das doenças que tivera ao longo da vida para conseguir favores da esposa e para esconder as suas verdadeiras intenções com a Sra. K. Com esses indícios, Freud percebeu que as acusações que Dora fazia ao pai podiam ser dirigidas a ela própria. Em certa ocasião, ao surgir um novo sintoma na moça, dores gástricas, Freud pergunta-lhe quem ela estava imitando agora. Ou seja, a quem Dora se identificava produzindo o novo sintoma (Neves, 2007, p. 14).

Em 1915, o termo identificação é acrescentado aos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, e aparece relacionado à fase oral ou canibal, período em que a ingestão de alimentos e atividade sexual estão interligadas, possuindo o mesmo objeto e a mesma meta sexual, que consiste na incorporação do objeto que será modelo para a identificação.

O termo canibalismo, que caracteriza essa organização sexual, está estritamente ligado aos objetos orais, os primeiros objetos das identificações. Encontra-se em *Totem e Tabu* (1913) a descrição do processo de incorporação através do canibalismo. Neste texto, Freud descreve o canibalismo como a ingestão de partes do corpo de uma pessoa com o objetivo de apropriar-se de suas características (Laplanche; Pontalis, [1982]/2008) – esta seria a origem do totem.

A argumentação freudiana situa o animal totêmico, figura divina e ordenadora do clã, como o substituto do pai por meio da identificação. A questão da autoridade paterna já havia sido discutida em *Observações sobre um caso de neurose obsessiva – “O Homem dos ratos”* (1909) e *Observações Psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia – O caso Schreber* (1911).

Ao procurar Freud, Ernest Lanzer, o Homem dos ratos, temia que pessoas queridas, o pai e sua namorada, fossem submetidos a um tipo específico de tortura, sobre o qual tomou conhecimento durante o tempo que passou no exército. É neste período em que esteve no exército que surge a obsessão ligada ao pagamento de uma dívida que, devido às contingências, não poderia ser paga. Neste ponto se identifica com o pai que, assim como ele, contraiu uma dívida no passado que não pode ser paga. Essas ideias permeiam a neurose obsessiva de Ernest, que chega ao consultório de Freud angustiado com a possibilidade de seus entes queridos sofrerem tortura caso ele não pagasse a dívida.

Durante as sessões são relatadas situações conflitivas com o pai, que abrem caminho para a compreensão do complexo paterno, termo atribuído por Freud para designar os sentimentos ambivalentes da criança em relação ao pai²⁵. Desejava a morte do pai, mas, ao mesmo tempo, sentia-se culpado e temia que fosse submetido aos castigos com os ratos – é importante ressaltar que o pai de Ernest havia morrido quando realizou o tratamento com Freud.

A ambivalência direcionada ao pai surge da identificação com ele. Entre os diversos exemplos que ilustram essa ambivalência, chama a atenção a repetição por Ernest de um episódio da vida de seu pai, que na juventude se apaixonou por uma dama sem posses, com a qual não se envolveu, tendo se casado posteriormente com a mãe de Ernest, uma mulher rica.

²⁵ LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário da Psicanálise**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008. Trabalho original publicado em 1982.

Do mesmo modo, ele se apaixonou por uma dama que não se encaixava nos propósitos de seu pai, que desejava que o filho desposasse uma mulher rica.

A proibição, por parte do pai, do envolvimento sensual com a dama, leva ao desejo da morte deste que é o empecilho para seu amor sensual. Esse desejo mantinha-se inconsciente devido ao recalçamento, gerando a culpa responsável pelo luto interminável pela morte do pai. Com este mecanismo a figura do pai passa a ser engrandecida, ocupando um lugar absoluto (Kaufmann, 2008).

Na análise de Schreber, o complexo paterno se mostra presente a partir de seus delírios, o primeiro de cunho sexual, em que acredita que seu médico, Dr. Flechsig, pretendia abusar dele, de onde Freud conclui que há a formação de uma projeção da libido homossexual. Posteriormente, esse delírio é substituído por um segundo, em que acredita que Deus quer transformá-lo em mulher e possuí-lo para gerar uma nova raça. Freud afirma que Dr. Flechsig e Deus são representações do pai de Schreber formadas por meio de identificações. O Deus que quer desposar Schreber mescla a rebeldia e a blasfêmia com a veneração amorosa, é inábil para compreender os homens, visto que nos céus só lida com cadáveres. Este Deus é um insulto ao pai de Schreber que, como médico, deveria ter habilidades para tratar pessoas. A relação ambivalente com a figura de autoridade se faz notar nesta análise e será retomada em *Totem e Tabu* (Mezan, [1982]/2013).

Conhecemos com precisão a postura do menino em relação ao seu pai; contém a mesma aliança entre submissão respeitosa e rebeldia que encontramos na relação de Schreber com seu Deus, e é o modelo inconfundível deste último, que ele copia fielmente. Agora bem, o fato de que o pai de Schreber fosse médico, e um de grande prestígio e sem dúvida venerado por seus pacientes, nos explica os traços de caráter mais notáveis que Schreber destaca de forma crítica em seu Deus. Que maior expressão de escárnio para um médico do que afirmar sobre ele que não entende nada do homem vivo, e só sabe lidar com cadáveres? E sem dúvida é da essência de Deus fazer milagres, mas um médico também os realiza, como comentam seus clientes entusiasmados: realiza curas milagrosas (Freud, [1911b]/1992, p. 49, tradução nossa).

Ser escolhido por Deus para garantir a continuidade da espécie é a expressão de um desejo infantil de se tornar mulher, gerado a partir a ameaça de castração, representante do conflito infantil com o pai. A impossibilidade de ter filhos com sua esposa, principalmente para um homem sobre o qual pudesse verter seus desejos homossexuais insatisfeitos e, além disso, garantisse a continuidade da família, pode ter levado à fantasia de que, caso fosse mulher, poderia gerar filhos com mais facilidade, voltando-se para a posição feminina dos primeiros anos de infância, que Freud destaca ser uma das possíveis configurações do complexo nuclear das neuroses.

Entre seus delírios, Schreber conversava e vociferava contra o Sol, identificado com Deus. A partir deste diálogo, Freud pode notar na revolta contra o pai, expressa aos gritos, a

homossexualidade recalcada, fonte do delírio e a transformação do amor em ódio, principal mecanismo da paranoia. O desencadeamento do delírio parece a Freud uma tentativa de cura, a busca de uma reconciliação com o pai morto ao transformá-lo em Deus (Roudinesco; Plon, 1998).

O pai elevado ao lugar de Deus é a temática de *Totem e Tabu*, e Freud ([1913b]/1992) retoma a análise de Hans para explicar sua tese sobre o totem ser um representante do pai. Parte da fobia infantil de Hans e afirma que o medo manifestado pela criança em relação ao animal objeto de sua fobia é, na verdade, o medo do pai que foi deslocado para cavalos. Hans demonstrava muito medo de ser mordido pelo cavalo; este medo estava associado ao fato de ter desejado que um cavalo caísse. Para Freud, o desejo que o cavalo caia equivale ao desejo de morte do pai, e pertencente às fantasias edípicas.

Depois que, por meio de garantias, se tirou do garoto a angústia em relação ao pai, ele passou a batalhar com desejos cujo conteúdo era a ausência (viagem, morte) do pai. Conforme manifestava de forma clara, sentia o pai como um concorrente pela atenção da mãe, a quem se dirigiam, em vagos prenúncios, seus desejos sexuais nascentes. Portanto, encontrava-se naquela típica atitude do menino em relação aos seus pais que designamos como "complexo de Édipo" e na qual discernimos o complexo nuclear das neuroses. O novo que descobrimos na análise do pequeno Hans foi o fato, importante para o totemismo, de que nessas condições a criança desloca parte de seus sentimentos do pai para um animal (Freud [1913]/1992, p.132-3, tradução nossa).

O desejo de ter o pai distante representa o ódio pelo pai, resultado da rivalidade em relação à mãe. Entretanto, o ódio coexiste com a afeição e a admiração que a criança nutre pelo pai. O deslocamento desses sentimentos ambivalentes para o animal é o que caracteriza a fobia infantil. Assim, o animal substituto do pai é agora o tributário do conflito ambivalente.

Freud afirma que nas fobias aparecem traços do totemismo invertido para o negativo e o totemismo positivo aparece em situações ligadas à castração, pré-condição narcísica para o Complexo de Édipo. Como ilustração dessa afirmação toma o caso de Árpád, comunicado por Ferenczi: uma criança que é tomada de grande interesse por galinhas após uma situação em que uma galinha bicou, ou quase bicou, o seu pênis. Após o incidente, a criança passa a se comportar como uma galinha e, mesmo passada esta fase, seu interesse exclusivo na ave permanece. A relação ambivalente que a criança estabeleceu com o animal era notável, demonstrando manifestações de amor e ódio intensas. Com frequência dizia que o pai era o galo e ele um pintinho, que depois seria galinha e, por fim, galo.

Tanto os sentimentos ambivalentes que Árpád manifesta em relação ao animal fóbico, quanto a sua identificação com ele, levam Freud a afirmar que a relação que a criança estabelece com o animal é a mesma encontrada entre o homem primitivo e o seu totem. Portanto, assim como o animal fóbico representa o pai, o totem também pode ser entendido como uma

substituição da figura paterna, o que coincide com o discurso atribuído ao homem primitivo que descreve o totem como seu ancestral comum e pai primevo.

Sendo o totem um substituto do pai, os tabus ordenados a partir dele – não ter relações sexuais com mulheres pertencentes ao clã e não matar o totem – coincidem com os crimes de Édipo e aos desejos primeiros da criança, que estão na origem do conflito neurótico.

Sob essa perspectiva, o complexo de Édipo, trazido a luz pela Psicanálise, nada mais é, segundo Freud, do que a expressão dos dois desejos recalçados (desejo do incesto e desejo de matar o pai) contidos nos dois tabus próprios do totemismo: a proibição do incesto e a proibição de matar o pai-totem. Assim, ele é universal, uma vez que traduz as duas grandes proibições fundadoras de todas as sociedades humanas (Roudinesco; Plon, 1998, p. 758).

Para fundamentar sua tese, Freud recorre à história da horda primitiva de Charles Darwin, onde um pai violento e ciumento era o único que tinha acesso às mulheres e, para garantir sua autoridade, expulsava seus filhos adolescentes do clã. Nesta horda, o sacrifício do animal sagrado e a ingestão de sua carne era entendida como a maneira de manter o laço sagrado entre os membros do clã e o totem. O assassinato do totem só poderia ser cometido se sua carne fosse compartilhada entre todos os homens, constituindo um importante mecanismo da religião totêmica.

Ao afirmar que o totem representa um substituto para a figura paterna, Freud interpreta o totemismo como decorrente do assassinato do pai da horda pelos filhos, que posteriormente compartilham seu corpo em um banquete, encerrando assim seu domínio. O pai, simultaneamente temido e invejado, ao ser devorado, permite que os filhos se identifiquem com ele e adquiram parte de sua força.

Freud vê na refeição em que é consumido o animal sacrificado uma forma de ressaltar a comunidade de substância entre o clã e sua divindade: isso porque o animal, ao poder ser sacrificado só no ato ritual, era *ipso facto* proibido como presa para os indivíduos, existindo o preceito de poupar sua vida. O animal é assim protegido pelas mesmas normas que regulam a atitude em relação aos membros do clã: é apenas o clã reunido que pode matá-lo, chorando em seguida a morte com cantos rituais. Mas o sacrifício é o alimento tanto da tribo quanto do deus; a partir disso Freud deduz o núcleo de seu argumento, isto é, a noção de que o clã, o deus e o animal sacrificado pertencem à mesma linhagem (Mezan, [1985]/2006, p. 251).

Entretanto, a mesma identificação, graças ao complexo paterno, caracterizado pela ambivalência, levou os filhos a sentirem-se culpados pelos seus atos causados pelo ódio, assim, a afeição antes recalçada manifesta-se através do remorso, aumentando a importância do pai. Desta forma, a interdição que antes era imposta pelo pai, passou a ser imposta pelos próprios filhos em nome da garantia da convivência entre eles, e como resultado proibem o acesso às mulheres do clã e o assassinato do pai, agora representado pelo totem e posteriormente como Deus.

A proibição do incesto é o que funda a cultura e a relação do sujeito com a lei. Com este mito, Freud afirma que o incesto não foi proibido por causar horror, mas sim devido ao desejo que estava na sua origem. Assim, deu início ao debate sobre a universalidade do complexo de Édipo e a relação do sujeito com a autoridade (Roudinesco; Plon, 1998).

Em 1915²⁶, ao descrever a fase oral ou canibal, Freud afirma a importância da introjeção para o processo de identificação e acentua a relação do Eu com o objeto. Diferente do termo incorporação, que se refere a penetração e preservação de um objeto no interior do corpo, a introjeção é mais ampla, possibilitando que o objeto fique retido no interior do aparelho psíquico, podendo causar modificações em instâncias como o Eu (Laplanche; Pontalis, [1982]/2008).

Freud ([1917b]/1992) retoma a temática da introjeção em *Luto e Melancolia*, conceito fundamental para a compreensão do mecanismo de identificação e da formação da *instância crítica*, que foi apresentada em *À guisa de introdução ao Narcisismo* (1914). Em 1917 esta instância é compreendida como uma diferenciação funcional efetuada a partir do Eu, que está na primeira versão do ideal do eu e, posteriormente, no conceito de supereu (Roudinesco; Plon, 1998).

Neste texto vê-se também a possibilidade de conceber um Eu constituído a partir das identificações (Laplanche; Pontalis, 2008). Freud faz uma aproximação entre os mecanismos do luto e da melancolia para explicar como ocorre o recolhimento das pulsões do Eu nesses estados. Em ambos ocorre a cessão do interesse pelo mundo exterior, a perda da capacidade de amar e a inibição de todas as atividades. A diferença é que na melancolia há ainda a diminuição da autoestima, que se torna evidente com as recriminações e ofensas à própria pessoa, podendo ocorrer uma delirante expectativa de punição.

Ne verdade, Freud toma como modelo o trabalho do luto para explicar o que ocorre com o objeto durante o estado melancólico. No luto, a vivência da realidade leva o indivíduo a perceber que o objeto amado não existe mais e, portanto, deve ser desinvestido libidinalmente. A dificuldade de desligar-se do objeto pode gerar uma oposição intensa, capaz de provocar o afastamento da realidade e um apego intenso ao objeto por meio de uma psicose de desejo alucinatória²⁷. Mas, geralmente, a exigência da realidade, associada à passagem do tempo, leva

²⁶ FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**: três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905), v. 6. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, p. 13-172, 2016. Trabalho original publicado em 1905a.

²⁷ Em *Complemento metapsicológico à teoria dos sonhos*, Freud ([1917a]/1992) esclarece que no processo onírico o conteúdo do pensamento do sonho é remodelado numa fantasia-desejo e torna-se consciente como percepção sensorial, experimentando a elaboração secundária; o desejo onírico foi, portanto, alucinado. O mesmo processo alucinatório pode ocorrer na *amentia* (estabelecida teoricamente por Meynert) e na esquizofrenia. O desejo alucinatório na *amentia*, como no sonho, expressa uma fantasia de desejo claramente reconhecida e que pode ser entendida como um devaneio, caracterizando a psicose alucinatória de desejo. Neste mecanismo, duas operações são realizadas: os desejos escondidos ou reprimidos são levados à consciência e são apresentados como satisfeitos. Para que um desejo alucinatório seja percebido como realidade é necessário que o Eu rompa sua relação com a realidade;

o indivíduo a desligar aos poucos a sua libido do objeto e, após a consumação do trabalho de luto, o Eu fica novamente livre.

Na melancolia, diferente do luto, a perda do objeto nem sempre é real, ela pode ser da natureza de um ideal, o objeto pode ser perdido como objeto de amor, não precisa estar morto. É possível ainda que o indivíduo não tenha consciência daquilo que perdeu, o que leva a pensar que a perda pode ser subtraída da consciência. No mais, o processo que ocorre após a perda na melancolia é o mesmo que encontramos no luto, acrescido de um grande rebaixamento da autoestima e um grande empobrecimento do Eu que se torna vazio. O indivíduo desenvolve o que Freud nomeia de delírio de pequenez, predominantemente moral, visto que passa a se recriminar, esperando rejeição e punição.

Esta intensa autodepreciação está relacionada à perda do amor-próprio ao que Freud vai relacionar à perda do Eu, diferente do luto, onde o objeto é perdido. Ele chega a esta conclusão devido à falta de pudor que o melancólico apresenta ao falar de sua pequenez, justamente o contrário que se espera de alguém que apresente características tão negativas. É exatamente esse comportamento inesperado que leva à suspeita sobre a desvalorização ser direcionada a outra pessoa, mesmo que não se dê conta (Garcia-Roza, 2008).

Há aqui uma avaliação crítica de uma parte do Eu sobre outra. É onde se pode notar a presença da instância crítica, já apontada no texto sobre o narcisismo, a *consciência moral*. A insatisfação moral com o próprio Eu decorre dessa instância, que passa a julgar o Eu como julgava o objeto perdido.

A perda do objeto transformando-se em perda do eu, o conflito entre o eu e a pessoa amada transforma-se num conflito entre a instância crítica e o eu alterado pela identificação. As etapas supostas por Freud são as seguintes: 1. Houve uma escolha de objeto, isto é, uma ligação da libido a uma pessoa determinada. 2. Esse vínculo é abalado por um desprezo por parte da pessoa amada. 3. Ao invés de ocorrer uma retirada da libido desse objeto para um outro, aconteceu da libido ser retirada para o eu. 4. Uma vez retirada para o eu, a libido serviu para estabelecer uma identificação (narcísica) do eu como o objeto abandonado. 5. Como consequência, a perda do objeto transformou se numa perda do eu. 6. O conflito entre o eu e a pessoa amada transformou se numa divisão entre o eu crítico e o eu alterado pela identificação (Garcia-Roza, 2008, p. 77).

O objeto foi introjetado no Eu e passa a ser tratado de forma agressiva, sendo esta a explicação para o suicídio de pessoas que sofrem de melancolia. Isto ocorre porque a relação ambivalente que o indivíduo apresentava com o objeto passa a ser vivida com o Eu, devido a identificação (Laplanche; Pontalis, 2008).

como uma das funções do Eu é o exame de realidade, durante o rompimento esta função também é deixada de lado, possibilitando que as fantasias de desejo, que se tornaram conscientes, possam ser reconhecidas como realidade.

Trata-se, aqui, de uma escolha de objeto de base narcísica, pois há uma regressão da libido ao narcisismo devido às dificuldades encontradas na relação com o objeto. A identificação narcísica com o objeto surge como substituto ao investimento amoroso que, a partir de agora, não precisa ser deixado de lado, apesar do conflito com quem se ama. O que se constata nesta situação é a regressão da escolha objetual ao narcisismo e Freud reafirma algo que havia acrescentado aos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), na edição de 1915: que na fase oral o canibal do desenvolvimento da libido, o Eu, deseja incorporar o objeto a partir da devoração. Desta forma, a identificação está na origem da escolha de objeto, é a forma inicial utilizada pelo Eu para escolher um objeto e a manifestação desta escolha é marcada pela ambivalência. Esta descrição já havia sido feita também em *Totem e Tabu* (1913).

A relação ambivalente com o objeto nos quadros melancólicos pode ser constitucional, ou seja, própria da relação do Eu com o objeto e, portanto, ligada ao que é reprimido ou pode ser um resultado de vivências traumáticas com o objeto, ativando outro material reprimido. A partir disso, Freud afirma que os conflitos relacionados à ambivalência são inconscientes, restando na consciência apenas o conflito entre o Eu e a instância crítica, responsável pela depreciação e desvalorização do Eu. Esta relação conflitiva dará origem ao conceito de supereu e à análise da culpa na constituição do psiquismo, que será desenvolvida em *Mal-estar na cultura* (1930).

Com a introdução da identificação, o conceito de Eu passa por um remanejamento, permitindo a Freud perceber como o indivíduo é influenciado pelos outros, pela sociedade e como o Complexo de Édipo é estruturante de ambos (Mezan, [1982]/2013).

De modo resumido, pode-se dizer que, após a introdução do narcisismo e da identificação, o complexo de Édipo passa a ter um maior destaque na teoria freudiana, visto que a escolha narcísica de objeto se volta para o Eu, ao passo que a identificação, que inicialmente está ligada às figuras parentais, cria a possibilidade de traçar a gênese do Eu, “na qual, paulatinamente os fatores intersubjetivos e edipianos vão assumindo o papel de molas fundamentais” (Mezan, [1982]/2013, p. 194).

Em 1915 Freud acrescenta dois conceitos à discussão sobre a identificação e o complexo de Édipo infantil. Ao redigir a análise do Homem dos Lobos, publicada em 1918 sob o título de *História de uma neurose infantil*, trata da castração, que já vinha sendo discutida desde a análise de Hans (1909) e da cena originária ou primária, retomando as discussões sobre as fantasias infantis.

A ameaça de castração surge pela recusa da babá, Nânia, a uma investida sexual, o que o levou a abandonar a masturbação a que já se entregava, ocasionando a regressão de sua organização libidinal da fase genital para a sádico-anal, vivendo esse estágio sob a lógica do masoquismo, graças a sua tendência passiva, o que despertou fantasias de espancamento. (Mezan, [1982]/2013).

Em suas fantasias encontram-se meninos sendo castigados e espancados, recebendo pancadas no pênis. O que Freud nota é que o sadismo característico da fase anal se volta para a própria pessoa e se transforma em masoquismo. Essa tendência passiva surge simultaneamente, ou logo após, a manifestação das tendências sádico-ativas. O pai, que era o objeto de identificação, tomado a partir da corrente ativa, torna-se objeto sexual da corrente passiva.

[...] renovou assim a sua primeira e mais primordial eleição de objeto, que, em conformidade com o narcisismo do bebê, tinha se realizado pela via da identificação. [...]. Esse objeto de identificação da sua corrente ativa tornou-se então o objeto sexual de uma corrente passiva, na fase sádico-anal. [...] O pai era agora novamente seu objeto, a identificação era substituída pela escolha de objeto, correspondendo ao desenvolvimento mais elevado, e a transformação da postura ativa em passiva era resultado e indício da sedução que entretanto ocorrera. Naturalmente não teria sido fácil manter uma postura ativa diante do pai poderoso, na fase sádica. Quando o pai voltou no final do verão ou no outono, seus acessos de fúria e cenas raivosas tiveram nova função. Diante da Nãnia serviam a finalidades sádico-ativas; diante do pai seguiam propósitos masoquistas. Exibindo sua ruindade ele queria receber castigo e pancadas do pai, obtendo assim dele a desejada satisfação masoquista (Freud, [1918]/2010, p. 39).

O sonho que aparece na sequência desta análise demonstra como o desejo de ser possuído pelo pai será substituído pelo medo dele. O sonho com os lobos brancos está diretamente associado à cena originária em que o menino observa a relação sexual de seus pais, envoltos por roupas e lençóis brancos, com um ano e meio de idade. O sonho exprime a identificação com a mãe, ou seja, representa o desejo de ser objeto de amor passivo do pai, mas também a angústia de perceber a castração como exigência para a satisfação (Chemama; Vandermersch, 2007). Este sonho gera a fobia de lobos e, assim como em Hans, Freud descobre pela análise que os lobos são substitutos para o pai.

O processo pode ser resumido da seguinte maneira: o desejo de ser objeto sexual do pai foi reprimido e substituído pelo medo a ele, já que a recordação dava uma ideia aterradora do que significava obter dele a satisfação sexual. A condição necessária para isto era nada menos que a castração. [...] De acordo com o mecanismo geral das neuroses, a representação do pai foi reprimida e a libido converteu-se em angústia, a qual se ligou aos lobos para criar a fobia (Mezan, [1982]/2013, p. 197).

Com a análise do *Homem dos Lobos*, Freud ressalta a importância da sexualidade infantil na vida dos indivíduos, pois esclarece que as angústias infantis relatadas em análise não são retroprojeções de vivências da adolescência ou da vida adulta; na verdade, elas são determinantes na existência dos humanos (Chemama; Vandermersch, 2007). Considerando que nosso objetivo é compreender como o Complexo de Édipo passa a ser o núcleo da sexualidade infantil, faz-se necessário retomar alguns pontos para compreender a importância deste texto para a teoria do Complexo de Édipo.

De acordo com Mezan ([1982]/2013), é o narcisismo que conduz o menino à identificação com o pai, que se dá por meio da incorporação típica da fase oral²⁸, que introduz os objetos no Eu. Nesta época, o objeto sexual é a mãe, escolha que se dá por meio do apoio nas pulsões de autoconservação, ou seja, a criança, como pai incorporado, tem como seu objeto natural a mãe. Com o início do autoerotismo, devido à emancipação da pulsão sexual, o objeto passa a ser o corpo da criança, primeiro fragmentado e posteriormente unificado, em decorrência do narcisismo. A identificação permanece no interior do Eu, gerando a escolha de objeto heterossexual. Esta é a forma positiva do complexo de Édipo: “o menino escolhe a mãe, a menina o pai, em função da identificação com o progenitor do sexo oposto” (Mezan, [1982]/2013, p. 198).

A ocorrência de alguma perturbação nesse desenvolvimento faz com que a regressão da libido incida sobre o objeto incorporado. Ao regredir para a fase sádico-anal, a identificação da fase oral é substituída pela escolha de objeto homossexual. Pode-se falar em escolha de objeto, pois a fase sádico-anal não é mais autoerótica e sim homossexual em decorrência do narcisismo. Assim fica explicada a satisfação masoquista, representada no caso do *Homem dos Lobos* pelos delírios de perseguição e pelas fantasias de espancamento.

Com a descoberta da vagina é desfeita a crença infantil na universalidade do pênis; instaura-se a angústia de castração, que leva à fobia. O mecanismo que engendra esse processo está ligado ao complexo de Édipo negativo e à constituição predominantemente passiva, que levam o *Homem dos Lobos* a desenvolver pavor pelo pai, que ao ser reprimido, deixa livre a energia libidinal, sob forma de angústia, gerando a fobia (Mezan, [1982]/2013).

Neste caso, a força para gerar a repressão parte da libido narcísica, visto que essa energia é capaz de gerar a repressão quando o complexo de Édipo é invertido e a ideia a ser reprimida tem origem na castração. Esta repressão é que impede o prosseguimento da tendência passiva em relação ao pai, caracterizada pelo masoquismo, que levaria à organização genital homossexual. A fobia é a consequência dessa repressão (Mezan, [1982]/2013).

Ao ter contato com a religião e identificar-se com Cristo Sofredor, tem-se mais uma etapa do complexo de Édipo, agora associado com a sublimação: identifica-se com Cristo e volta-se contra Deus, representante de seu pai. Há, nesse momento, o declínio da tendência masoquista e o surgimento da neurose obsessiva ligada à religião que será a via de expressão da ambivalência vivida em relação ao pai (Mezan, [1982]/2013).

²⁸ FREUD, Sigmund. Duelo y melancolía. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**: Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico, Trabajos sobre metapsicología y otras obras (1914-1916), v. 14. Trad. de José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu editores, p. 235-56, 1992. Trabalho original publicado em 1917b.

Este caso exemplifica a forma completa do complexo de Édipo, pois, com ele, percebe-se a coincidência entre identificação e escolha de objeto, responsável por gerar a ambivalência nas relações do menino com o pai. Além disso, a identificação com a mãe também é percebida ao desejar ser objeto sexual do pai e a escolha de objeto segundo essa identificação está relacionada a cena em que vê a empregada agachada para limpar o chão, mesma posição em que viu a mãe na cena originária, e esta posição tem um valor erótico privilegiado durante toda sua vida (Mezan, [1982]/2013).

Apesar da análise do *Homem dos Lobos* oferecer uma explanação que contribui para a compreensão da sexualidade infantil, será apenas com os textos *Batem em uma criança* (1919) e *Sobre a Psicogênese de um caso de Homossexualidade Feminina* (1920b) que se verá o complexo de Édipo ser antecipado para a infância e compreendido como fator estruturante da personalidade, momento em que a puberdade é vista como a revivescência desse complexo.

De acordo com Jorge (2020), em *Dois ensaios sobre fantasia de surra*, o texto de 1919 foi escrito quando Freud preparava sua grande virada teórica que introduziria a segunda tópica e o novo dualismo pulsional, gerando uma modificação na forma como a fantasia é encarada na obra – anteriormente sobre a lógica do princípio do prazer e agora na relação entre dor e gozo.

Em *Batem numa criança*, Freud ([1919a]/2010) discorre sobre a fantasia de surra, comum entre alguns de seus pacientes que apresentam neurose obsessiva ou histeria. A reprodução repetida desta fantasia está associada ao prazer e à satisfação masturbatória que ela gera. Geralmente são fantasias que aparecem precocemente, entre 5 e 6 anos, mas que Freud vai perceber que se referem a conteúdos reprimidos de períodos anteriores.

Segundo ele, as fantasias de surra possuem três fases de desenvolvimento. A primeira destas fases corresponde a uma época remota da vida infantil. Nela, uma criança apanha, mas esta criança não coincide com quem conta a fantasia; em geral ela se refere a um irmão ou irmã menor que apanha de uma pessoa indefinida que representa o pai, caracterizando uma fantasia sádica. Freud afirma que neste momento ocorre, de modo prematuro, a escolha incestuosa de objeto, representada pelo desejo de ter um filho com o pai, no caso da menina, ou com a mãe, no caso do menino.

Existe uma fixação da menina em relação ao pai e uma relação ambígua com a mãe. Entretanto, no primeiro momento da fantasia, o ódio está direcionado à criança que concorre com ela pelo amor do pai; fantasiar o pai batendo nesta criança soa como uma afirmação do amor do pai pela criança que fantasia. Freud não classifica essa fantasia como sexual ou sádica, mas afirma que tanto a fantasia sexual quanto a sádica partem dessa primeira fase.

Isto equivale a dizer que a menina ainda está na época do narcisismo, pois as pulsões de autoconservação e as sexuais atuam na mesma direção; por outro lado, já se encaminham para a etapa sádico-anal, tendo escolhido um objeto libidinal – o pai – e começando a apresentar manifestações de agressividade (Mezan, [1982]/2013, p. 200).

A criança nota, devido à excitação nos genitais, que eles têm alguma relação com o nascimento de um bebê, o que leva a crer que, nesta fase, a organização genital do desenvolvimento da libido já se faz presente.

A fase seguinte terá a própria pessoa que fantasia como a criança que apanha do pai, assumindo o caráter masoquista e caracterizando-se como fonte de prazer. Freud argumenta que esta fase nunca é lembrada, sendo sempre uma construção da análise e, por isso, mais importante que a primeira. A repressão atua sobre a escolha incestuosa do objeto.

O mais provável é que desapareçam porque seu tempo acabou, porque as crianças entram em nova fase de desenvolvimento, na qual são obrigadas a repetir a repressão da escolha incestuosa de objeto que houve na história da humanidade, como anteriormente haviam sido levadas a empreender tal escolha de objeto. O que existe inconscientemente, como resultado psíquico dos impulsos de amor incestuosos, não é mais assumido pela consciência na nova fase, e o que deles já se tornou consciente é de novo repellido. Ao mesmo tempo que esse processo de repressão surge uma consciência de culpa, também de origem desconhecida, mas sem dúvida ligada àqueles desejos incestuosos e justificada pela permanência deles no inconsciente (Freud, [1919a]/2010, p. 307).

Aqui há uma escolha de objeto incestuosa que leva ao estágio sádico-anal, devido a regressão causada pela consciência de culpa que foi gerada a partir da repressão dos desejos incestuosos, que agora estão inconscientes. Ocorre a inversão da fantasia e a criança, que antes tinha prazer em ver o pai bater no irmão, agora ocupa o lugar de quem apanha do pai e a fantasia torna-se masoquista, expressando, assim, a consciência de culpa.

A fantasia tornou-se masoquista, portanto, que eu saiba, é sempre assim, a consciência de culpa é o fator que transforma o sadismo em masoquismo. Mas certamente esse não é o conteúdo inteiro do masoquismo. A consciência de culpa não pode haver dominado sozinha o campo; também o impulso amoroso deve ter seu quinhão. [...] Ser golpeado é agora uma convergência de consciência de culpa e erotismo; é não só o castigo pela relação genital proibida, mas também o substituto regressivo para ela, e desta última fonte retira a excitação libidinal que a partir de então estará unida a ele e que achará desafogo em atos masturbatórios. Essa é, enfim, a essência do masoquismo (Freud, [1919a]/2010, p. 307-8).

Esta fantasia permanece inconsciente e tem de ser reconstruída durante a análise, onde os pacientes, às vezes, se recordavam de ter sucumbido à masturbação, que primeiramente estava ligada às fantasias inconscientes que, depois, foram substituídas por conscientes, como aparece na terceira fase, ligadas a cenas escolares.

A terceira fase assemelha-se à primeira e é a fase comunicada pelas pacientes em análise. Aqui, quem bate nunca é o pai e sim uma pessoa indefinida ou um professor. A pessoa que fantasia aparece na cena como observadora, não mais como a criança que apanha e não há

apenas uma criança apanhando. Esta é a fase que desperta impulsos sexuais conscientes que levam à masturbação, ligada, novamente, ao complexo parental. A fantasia que aqui se apresenta é sádica em seu formato, e masoquista em sua satisfação, já que as crianças que levam surra do professor são substitutas da pessoa que fantasia.

As crianças que apanham são meninos, tanto para pacientes do sexo masculino quanto do feminino, o que leva Freud a afirmar que, ao afastar-se do pai enquanto objeto de amor incestuoso, a menina tende a romper com seu papel feminino, ativando o seu “complexo de masculinidade”, desejando ser menino, sendo, portanto, ela mesma surrada pelo pai.

Este texto centra-se na análise da origem das perversões, com ênfase especial no masoquismo, conforme discutido por Freud, inicialmente, em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905). Destaca-se, neste ponto, o direcionamento freudiano de integrar de forma típica a sexualidade infantil, que se vincula ao amor objetal incestuoso do complexo de Édipo. Assim, a perversão manifesta-se inicialmente com base nesse complexo e, após sua dissolução, herda a carga libidinal, sendo intensificada pela consciência de culpa.

Freud diz que o complexo de Édipo constitui o núcleo das neuroses, embora ressalte que a verdadeira origem dessas condições está na sexualidade infantil, a qual atinge seu auge no referido complexo e, ao seu fim, surgem as fantasias de surra e outras formas de perversão. O conteúdo que se torna inconsciente ao fim do complexo de Édipo é o que representa a disposição para a neurose na vida adulta.

Mas, se é possível que as perversões derivem geralmente do complexo de Édipo, nossa apreciação dele experimenta mais um reforço. Pois achamos que o complexo de Édipo é propriamente o núcleo da neurose, a sexualidade infantil que nele culmina, a verdadeira condição da neurose, e o que dele resta no inconsciente representa a disposição para o futuro adoecimento neurótico do adulto. A fantasia de surra e outras análogas fixações perversas seriam, então, apenas precipitados do complexo de Édipo, cicatrizes após o decurso do processo, digamos, exatamente como o famigerado “senso de inferioridade” corresponde a tal cicatriz narcísica [...] Sobre a origem do próprio complexo de Édipo e o destino reservado apenas ao homem entre os animais, provavelmente, de ter de começar duas vezes a vida sexual – na primeira infância, como as demais criaturas, e, após demorada interrupção, novamente no período da puberdade –, sobre tudo isso, ligado à “herança arcaica” humana, já me expressei em outro lugar, e não pretendo abordá-lo aqui (Freud, [1919a]/2010, p. 313).

Com este texto Freud situa o efeito estruturante do complexo de Édipo na constituição psíquica dos indivíduos, nos planos pulsional e egóico, afirmando que os humanos vivenciam o início da sexualidade duas vezes, na primeira infância e novamente na puberdade.

Deve-se recordar que, para Freud, a repressão dos desejos incestuosos é uma herança de algo vivido na história pelos antepassados, como tratado em *Totem e Tabu* (1913). De acordo com Jorge (2017), em *Fundamentos da Psicanálise – de Freud a Lacan*, a interdição do incesto

assume grande importância para Freud a partir de 1919, ano de publicação de *Batem numa criança* e de *O inquietante*, texto, este, em que a proibição do incesto surge ligada ao recalque originário – ainda que se possa ver claramente na obra de 1913 a ênfase dada à interdição do incesto como fundadora da cultura humana.

O inquietante pode ser definido como algo familiar que, ao passar pelo processo de repressão, torna-se infamiliar, que deveria ficar oculto, mas apareceu. Um dos exemplos utilizado para explicar o inquietante é a declaração de pacientes neuróticos perceberem a genitália feminina como algo inquietante. Para Freud, é o reencontro com o familiar o que dispara essa sensação.

Mas esse *unheimlich* é apenas a entrada do antigo lar [*Heimat*] da criatura humana, do local que cada um de nós habitou uma vez, em primeiro lugar. “Amor é nostalgia do lar” [*Liebe ist Heimweh*], diz uma frase espirituosa, e quando, num sonho, pensamos de um local ou uma paisagem: “Conheço isto, já estive aqui”, a interpretação pode substituí-lo pelo genital ou o ventre da mãe. O inquietante [*unheimlich*] é, também nesse caso, o que foi outrora familiar [*heimisch*], velho conhecido. O sufixo *un*, nessa palavra, é a marca da repressão (Freud, [1919b]/2010, p. 365, grifo do autor).

O desejo que subjaz no inquietante é o desejo incestuoso, aquele que foi interdito e institui a lei fundante da cultura. Ao descobrir a sexualidade da mãe e notá-la como mulher, o menino se depara com o traumático que encarna o desejo que jamais deveria ser revelado, o desejo de tomar a mãe como objeto sexual (Jorge, 2017; Roudinesco; Plon, 1998). Além deste ponto, o texto aborda também o medo da castração como origem do inquietante que “relaciona-se ao que é terrível, ao que desperta angústia e horror [...] geralmente equivale ao angustiante” (Freud, [1919b]/2010, p. 329).

Nota-se que, com esses textos, Freud já discutia temas que serão fundamentais para a compreensão de sua teorização final sobre o complexo de Édipo, mas que também estão na raiz da discussão sobre a noção de desamparo, que ganhará grande relevância na obra freudiana com a reformulação de sua teoria sobre a angústia.

No ano seguinte foi publicado *Sobre a Psicogênese de um caso de Homossexualidade Feminina* (1920b), texto em que a puberdade surge como a revivescência do complexo de Édipo vivido na infância, ou seja, o segundo tempo da sexualidade, lugar que ocupará durante o restante da obra freudiana.

2.3 Amadurecimento do complexo de Édipo

A partir da compreensão do funcionamento da pulsão de morte ocorre a grande reviravolta na elaboração da psicanálise freudiana e o complexo de Édipo sofrerá as

modificações pertinentes a essa reestruturação, principalmente com a definição da fase fálica e do complexo de castração.

Com objetivo de compreender a movimentação realizada no conceito de complexo de Édipo a partir da introdução da nova dualidade pulsional, pulsão de vida e pulsão de morte, é importante partir do texto *Psicologia das massas e análise do Eu* (1921).

É relevante tratar de uma análise ampla deste texto antes de entrar em seus detalhes. Ele foi publicado logo após *Além do princípio do prazer*, onde Freud (1920a) discute a respeito da pulsão de morte, primeira grande modificação apresentada na teoria freudiana. O texto de 1921 é reconhecido como o segundo estágio da mudança teórica estabelecida por Freud (Roudinesco; Plon, 1998).

Com este ensaio descarta a noção de uma psicologia exclusivamente individual, distinta da psicologia social. Nessa perspectiva, ele enfatiza o papel central da cultura na formação do indivíduo e estabelece, de maneira definitiva, a presença constante do outro no processo psíquico individual (Roudinesco; Plon, 1998). Para Mezan ([1985]/2006), o mecanismo de identificação contempla, simultaneamente, o individual e o coletivo e permite a compreensão da relação entre o psiquismo individual e a alteridade na segunda tópica freudiana.

Freud dedica um capítulo do livro publicado em 1921 para tratar da identificação e o inicia afirmando a importância da identificação na pré-história do complexo de Édipo, visto que ela é a primeira manifestação afetiva a outra pessoa. Para explicar como o mecanismo ocorre, parte do garoto, em que a identificação se manifesta como o desejo de crescer como o pai e assumir o lugar dele nas mais diversas situações. O pai é visto como o ideal, preparando o terreno para o desenvolvimento do complexo de Édipo. A identificação com o pai é possível a partir de uma diferenciação do Eu com o mundo. Nesse âmbito, é necessário que o lactente seja, nesse momento, uma pessoa diferenciada da mãe (Mezan, [1985]/2006).

Paralelamente à identificação, ou mesmo antes dela, há o investimento objetal por “apoio” na figura da mãe, devido aos laços criados pela necessidade de cuidado que a criança manifesta, configurando a posição tipicamente masculina.

O complexo de Édipo surge com a confluência da identificação e da escolha de objeto, levando o menino a perceber o pai como um obstáculo para sua relação com a mãe, criando a hostilidade e o desejo de assumir o lugar do pai na relação com a mãe. Retomando a explicação acrescentada em 1915 aos *Três ensaios da teoria da sexualidade*, Freud afirma a ambivalência como característica desta identificação, que é derivada da fase oral da organização da libido, na qual a criança incorpora o objeto de desejo ao mesmo tempo que o aniquila.

É possível ainda que o pai seja tomado como objeto, situação na qual há o desejo de satisfação sexual pelo pai e, neste caso, a identificação atuou como precursora da ligação objetual, caracterizando o complexo de Édipo invertido e uma atitude feminina. No primeiro caso, o pai é o que o garoto gostaria de *ser*; no segundo, o que ele gostaria de *ter*.

Com a intenção de estabelecer uma síntese, pode-se dizer que, neste texto, Freud discute o complexo de Édipo como um paralelo entre meninos e meninas, o qual, em sua forma simples e positiva, pode sofrer uma inversão por meio das identificações. São essas identificações que participam da definição das posições masculina e feminina, tanto no complexo positivo quanto no invertido. (Miguel, 2007).

Ao fim do complexo de Édipo, as pulsões direcionadas aos pais são reprimidas e a relação com eles se modifica, pois os impulsos sexuais inibidos tornaram-se inconscientes, restando as ligações afetuosas com o objeto. Apenas na puberdade os objetivos sexuais reaparecem e o jovem pode sintetizar a corrente de amor sexual e a afetuosas e direcioná-las a um objeto.

A discussão sobre a identificação, constante neste texto, permite que Freud inicie o desenvolvimento de sua teoria sobre o supereu, que é apresentado em 1923 como o herdeiro do complexo de Édipo.

O que a teoria psicanalítica havia apresentado até o texto de 1921 era um modelo inicial de ideal de Eu, formado a partir da imagem dos pais, situada no registro narcísico e que se formou a partir da identificação. Esse ideal do Eu estabelece um equilíbrio entre o que se é e o que se gostaria de ser (Mezan, [1985]/2006).

Em *Psicologia das massas e análise do Eu* (1921) essa discussão é retomada a partir do estudo da autorrecriminação comum aos quadros de melancolia, nos quais o objeto perdido é introjetado, gerando a diferenciação entre o Eu e a instância crítica, discutida em *Luto e Melancolia* (1917).

Pois bem, essas melancolias nos mostram também outra coisa que pode se tornar importante para nossas considerações posteriores. Elas nos mostram o eu dividido, decomposto em dois fragmentos, um dos quais lança sua fúria sobre o outro. Este outro fragmento é aquele alterado pela introjeção, que inclui o objeto perdido. Mas também não desconhecemos o fragmento que se comporta de maneira tão cruel. [...] fomos levados a supor que em nosso Eu se desenvolve uma instância assim, que se separa do restante do Eu e pode entrar em conflito com ele. Chamamos de “ideal do Eu” e lhe atribuímos as funções de auto-observação, consciência moral, censura onírica e principal influência na repressão. Dissemos que era a herança do narcisismo originário, no qual o eu infantil se satisfazia a si mesmo. Pouco a pouco, ele absorve, das influências do meio, as exigências que este coloca ao Eu, às quais o eu nem sempre pode cumprir, de modo que, o ser humano, sempre que não consegue se satisfazer em seu Eu, pode encontrar sua satisfação no ideal do Eu, diferenciado a partir daquele. Estabelecemos, além disso, que, no delírio de observação, torna-se patente a decomposição dessa instância, e assim se descobre sua origem nas influências das autoridades, sobretudo dos pais (Freud, [1921]/1992, p. 103-4, tradução nossa).

A diferença apresentada neste texto em relação ao que havia sido discutido em 1915 se expressa pela forma como o ideal de Eu é construído. Freud afirma que gradualmente são acrescentadas ao ideal de Eu as exigências do meio, inicialmente representadas pela família, principalmente pelos pais. É na relação com os pais que se encontra o embrião da agressividade inerente à instância crítica e à consciência moral. O supereu surge, então, como resultado do vínculo entre as relações edípicas e a consciência moral, intrinsecamente ligado à ameaça de castração e à interiorização da agressividade (Mezan, [1985]/2006).

Em *O Eu e o id*, Freud ([1923a]/1992) apresenta a sua segunda tópica do aparelho psíquico, formada por id, Eu e supereu. Nesta nova teorização, o id assume o lugar que antes era do inconsciente, sendo, portanto, um reservatório caótico das pulsões de vida e morte e dependente do Eu, que se liga ao mundo externo para garantir que não haja a submissão total às pulsões (Roudinesco; Plon, 1998).

O Eu, que já vinha sendo analisado pela teoria desde 1914, aparece em 1923 como a instância que participa da consciência e das percepções externas, englobando o pré-consciente e sendo parte inconsciente. Uma unidade que se consolida a partir das relações de objeto e que é “formada a partir de uma nova ação psíquica, a da unificação das pulsões” (Namba, 2020, p. 133). O Eu figura como a instância intermediária, que se liga ao mundo externo por meio do sistema percepção-consciência, mas também se funde ao id buscando exercer a função pacificadora das pulsões (Roudinesco; Plon, 1998).

É fácil compreender que o Eu é a parte do Id alterada pela influência direta do mundo exterior, com mediação do *Pcp-Cs*: por assim dizer, é uma continuação da diferenciação de superfícies. Além disso, ele se empenha em impor sobre o Id a influência do mundo externo, assim como seus próprios propósitos; esforça-se para substituir o princípio do prazer, que rege irrestritamente o Id, pelo princípio da realidade. Para o Eu, a percepção cumpre o papel que no Id corresponde à pulsão. O Eu é o representante do que pode ser chamado de razão e prudência, em oposição ao Id, que contém as paixões (Freud, [1923a]/1992, p. 27, grifo do autor, tradução nossa).

O supereu é o terceiro componente desta nova tópica. Ele deriva dos estudos de Freud sobre o ideal de Eu, que agora não figura mais como uma parte do eu, mas sim como uma instância psíquica, sem ligação estreita com a consciência. Em *O Eu e o id*, o supereu ainda se assemelha ao ideal de Eu; será apenas no final de sua obra que Freud tratará com clareza do funcionamento do supereu (Roudinesco; Plon, 1998). Mesmo assim, já em 1923 tem-se a noção da importância das primeiras identificações infantis para a formação do supereu.

Freud parte da identificação com o objeto que ocorre na melancolia e expande este mecanismo para todas as pessoas, afirmando que esta identificação com o objeto é fundamental para a formação do caráter. Portanto, seus efeitos são duradouros e estão ligados ao ideal do Eu.

Isso nos remete à origem do ideal do Eu, pois por trás dele se esconde a primeira e mais significativa identificação do indivíduo: a identificação com o pai da pré-história pessoal. À primeira vista, esta não parece ser resultado nem desfecho de um investimento objetual: é uma identificação direta e imediata, e mais precoce do que qualquer investimento no objeto. No entanto, as escolhas de objeto que correspondem aos primeiros períodos sexuais e dizem respeito ao pai e à mãe parecem ter seu desfecho, se o ciclo for normal, em uma identificação desse tipo, reforçando assim a identificação primária (Freud, [1923a]/1992, p. 33, tradução nossa).

De acordo com Namba (2020), em *Expressão e linguagem: aspectos da teoria freudiana*, as primeiras identificações adquirem grande importância por serem as responsáveis pela formação do ideal de Eu, que se formou pela identificação com o pai. Por ser precoce e sem mediação feita pela escolha de objeto, esta identificação, que ocorre a partir dos investimentos derivados do id, é chamada de primária. “Esses investimentos têm como primeiro objeto o seio materno, que não fora eleito, [...] mas que se transforma numa espécie de protótipo da eleição de objeto, numa “regra” de identificação e do modo de eleição de objeto” (Namba, 2020, p. 137).

Para explicar a complexidade deste mecanismo em que a identificação com o pai, que é, ao mesmo tempo, primária e origem dos investimentos objetuais (o que implica que o pai seja objeto e modelo), Freud utiliza o caráter triangular do Complexo e a bissexualidade constituinte como conceitos essenciais para tal dinâmica, que é fundamental para a formação do supereu e dos laços sociais (Mezan, [1985]/2006).

Segundo Costa (2016), em seu livro *Édipo*, a tese da bissexualidade constitucional retira a sexualidade e a feminilidade do registro biológico e as coloca como posições resultantes de uma organização psíquica estruturada a partir do complexo de Édipo. Devido à bissexualidade presente em todo sujeito, considera-se que o complexo de Édipo é dúplice, negativo e positivo, ou seja, o menino pode ligar-se afetivamente à mãe e identificar-se com o pai, ou pode manifestar uma atitude afetuosa direcionada ao pai e hostilidade direcionada à mãe, comportando-se como uma menina. Portanto, a partir da bissexualidade chega-se à compreensão do mecanismo das identificações.

[...] o menino não possui apenas uma atitude ambivalente em relação ao pai, e uma escolha terna de objeto em favor da mãe, mas também se comporta, simultaneamente, como uma menina: mostra a atitude feminina terna em relação ao pai, e a correspondente atitude ciumenta e hostil em relação à mãe. [...] Após a dissolução do complexo de Édipo, as quatro aspirações contidas nele se agrupam de tal maneira que delas resulta uma identificação com o pai e uma com a mãe; a identificação-pai reterá o objeto-mãe do complexo positivo e, simultaneamente, o objeto-pai do complexo invertido; e o análogo é válido para a identificação-mãe (Freud, [1923a]/1992, p. 35, tradução nossa).

A bissexualidade aparece neste contexto como explicação tanto para a rivalidade, quanto para a ambivalência de sentimentos que a criança dirige aos pais, possibilitando, ao final do

Complexo de Édipo, a identificação com essas figuras e determinando as escolhas objetivas da criança.

Todos os seres humanos, em função de sua constituição bissexual, possuem, ao mesmo tempo, características masculinas e femininas. Entretanto, a assunção de uma posição subjetiva masculina ou feminina é tributária do que acontece na infância do sujeito na sua passagem pelo Édipo. Cada criança deve percorrer um caminho para chegar à realização de uma identificação sexual (Costa, 2016, p. 21).

A identificação com os pais causa uma modificação no Eu da criança, que se confrontará com os outros conteúdos ali existentes, como um ideal do Eu ou supereu. O supereu se constitui como o resíduo das primeiras escolhas de objeto realizadas pelo id e como uma formação reativa que visa combater essas escolhas, visto que sua missão é a de reprimir o complexo de Édipo, do qual conseqüentemente se origina. Para exercer essa repressão, o Eu da criança precisa se fortalecer, como que erguendo uma barreira interna e, para isto, toma emprestada a força do pai.

O supereu conservará o caráter do pai, e quanto mais intenso foi o complexo de Édipo e mais rápida se deu sua repressão (pela influência da autoridade, da doutrina religiosa, do ensino escolar e da leitura), tanto mais rigoroso se tornará depois o império do supereu como consciência moral, quem sabe também como sentimento inconsciente de culpa sobre o Eu (Freud, [1923a]/1992, p. 36, tradução nossa).

Portanto, o supereu é o representante das relações com os pais, a internalização daquilo que se reconhece, se admira e se teme neles. Entretanto, por ser herdeiro do complexo de Édipo, constitui-se também como “a expressão dos mais poderosos impulsos e das mais importantes vicissitudes libidinais do id” (Freud, [1923a]/1992, p. 37, tradução nossa), assumindo o papel de representante do id, do mundo interno, enquanto o Eu é o representante do mundo externo, da realidade. Desta forma, os conflitos entre o Eu e a sua porção deslocada como supereu, representam os conflitos entre o que é real e o que é psíquico.

Devido a sua estruturação, o supereu passa a corresponder àquilo que é esperado como mais elevado no indivíduo. Na busca por um substituto do pai, o supereu passa a internalizar os valores transmitidos por pessoas em posição de autoridade, e suas proibições e sanções passam a permanecer no sujeito sob a forma de consciência, exercendo a censura moral, desenvolvendo um sentimento de culpa inconsciente.

Ao longo de sua obra, Freud tentou esclarecer, em diversas ocasiões, a origem do sentimento de culpa, associando-o à repressão dos desejos amorosos dirigidos à mãe e dos desejos destrutivos em relação ao pai durante o complexo de Édipo, bem como à identificação com a autoridade paterna, que se voltaria contra o Eu sob a forma de agressividade. Para tanto, Freud recorreu ao mito da horda primeva, no qual também localiza a repressão dos desejos e dos atos homossexuais presentes na sociedade formada entre os irmãos que se rebelam contra o pai. Em *O*

mal-estar na civilização (1930), Freud apresentará uma elaboração mais sistemática desse sentimento, o que será fundamental para a compreensão da noção de desamparo.

Ainda em 1923 Freud escreve outro artigo que contribuirá para as modificações realizadas no conceito de complexo de Édipo, *Organização genital infantil*, em que discute a fase fálica. Até aquele momento o desenvolvimento da sexualidade era entendido da seguinte forma:

[...] no início a atenção recaiu sobre a diferença fundamental entre a vida sexual das crianças e a dos adultos; depois, passaram a se destacar as *organizações pré-genitais* da libido, assim como o fato surpreendente, e cheio de consequências, do *desenvolvimento sexual ocorrido em dois tempos*. Por fim, a *investigação da sexualidade infantil* despertou nosso interesse, e a partir daí pôde-se discernir a *notável aproximação do desfecho da sexualidade infantil* (por volta do quinto ano de vida) à sua configuração final no adulto. Até esse ponto cheguei na última edição dos *Três Ensaios* (Freud, [1923b]/1992, p. 145, grifo do autor, tradução nossa).

É assim que a sexualidade infantil aparece nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, após as reedições realizadas até aquele momento. A diferença entre a sexualidade adulta e a infantil estava na impossibilidade de uma reunião das pulsões parciais e sua submissão à organização genital ocorrer na infância, sendo possível apenas na puberdade.

Ao apresentar a organização fálica do desenvolvimento libidinal, Freud aponta para o reconhecimento de apenas um órgão genital na infância, sem que haja distinção entre o menino e a menina, ou seja, apenas o genital masculino, o pênis, é considerado.

A referência neste texto é o menino, e este não reconhece outro genital que o próprio; assim, não se dá conta da diferença anatômica entre meninos e meninas. Mesmo com a visão do órgão genital feminino, a reação que prevalece é a recusa da diferença, acreditando que o pênis da menina ainda pode se desenvolver. Posteriormente, a ausência do pênis será percebida como castração, a retirada dele, tendo o menino que lidar com o complexo de castração que trará diversas repercussões em sua vida.

Com a introdução da fase fálica chega-se ao momento em que Freud situa o complexo de Édipo como o fenômeno central da sexualidade infantil, como descrito em *A dissolução do complexo de Édipo* (1924). Neste texto Freud discute como o complexo de castração torna-se responsável pela repressão do complexo de Édipo no menino, pois o investimento narcísico no pênis, em conflito com o investimento objetal, leva ao afastamento dos desejos edípicos, dando origem ao supereu, representante da autoridade dos pais, que se formou graças às identificações realizadas com eles.

Os investimentos de objeto são abandonados e substituídos pela identificação. A autoridade do pai, ou de ambos os genitores, introjetada no eu, forma ali o núcleo do supereu, que empresta do pai sua severidade, perpetua a proibição do incesto e, assim, protege o Eu contra o retorno da investidura libidinal do objeto. As aspirações libidinais

pertencentes ao complexo de Édipo são em parte dessexualizadas e sublimadas, o que provavelmente acontece em toda transformação em identificação, e em parte são inibidas em sua meta e transformadas em afeições ternas. O processo como um todo salvou os genitais, afastou deles o perigo de perda e, além disso, os paralisou, cancelando sua função. Com esse processo inicia-se o período de latência, que vem a interromper o desenvolvimento sexual da criança (Freud, [1924]/1992, p. 184, tradução nossa).

O complexo de castração se desenvolve com a percepção da ausência do pênis em meninas, que torna possível a concretização da ameaça de castração. Assim, cria-se o conflito entre os interesses narcísicos, direcionados ao pênis, e os interesses objetivos direcionados para os pais. Este conflito leva ao fim do complexo de Édipo, retrocedendo a escolha objeto à identificação, causando a repressão do desejo incestuoso e ao fortalecimento da identificação primária, sendo o supereu resultado dessa dinâmica.

Portanto, é a angústia de castração que barra o caminho do menino em direção ao amor pelo pai, fazendo com que ele renuncie ao pai como objeto de amor e se identifique com ele. Essa identificação se torna então possível porque o menino o amou e renunciou a esse amor. Ao se identificar com as insígnias do poder paterno, o menino efetua uma passagem do *ter* – ter o pai como objeto de amor – ao *ser* como ele. O complexo de Édipo é dissolvido na medida em que a angústia de castração põe fim tanto à ligação erótica com a mãe quanto à ligação amorosa com o pai. No final desse processo, o menino entra no período de latência (Costa, 2016, p. 22).

As discussões sobre a importância da ameaça de castração continuam em *Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos* (1925), onde Freud trata da diferença do complexo de Édipo entre o menino e a menina, a partir do que é nomeado como “pré-história” do complexo de Édipo.

De acordo com Mezan ([1985]/2006), a partir da introdução dos conceitos de fase fálica, complexo de castração e pré-história do complexo de Édipo, Freud consegue mapear o caminho que leva à formação de um homem e de uma mulher, algo que terá continuidade em seus estudos sobre a feminilidade.

Abordar os ensaios sobre a feminilidade não está no escopo deste trabalho, porém, parece importante situar como se dá a diferença do complexo de Édipo entre meninos e meninas. Nos meninos, a ameaça de castração aniquila o complexo de Édipo, pois coloca o menino em um dilema que sempre o leva à perda imaginada do pênis.

A introjeção da imago paterna e do rigor desta, que é representada pelo poder imaginário de castrar, ocorre graças à des fusão²⁹ pulsional, que retira o investimento do objeto e, ao mesmo tempo, dota o supereu de agressividade que mantém submetidos os impulsos do id direcionados ao objeto, pelo temor narcísico à castração (Mezan, [1985]/2006). Segue-se a isso o período de

²⁹ A fusão das pulsões é uma verdadeira mistura em que cada um dos dois componentes pode entrar em proporções variáveis; a des fusão designa um processo cujo limite redundaria num funcionamento separado das duas espécies de pulsões, em que cada uma procuraria atingir o seu objetivo de forma independente (Laplanche; Pontalis, 2008, p. 205-6).

latência, onde a repressão desses impulsos é garantida pela agressividade do supereu e pelas exigências da cultura que também representa.

No caso das meninas, a percepção da castração como algo concreto desenvolve a inveja do pênis e gera o desejo de ter um filho com o pai, que representa o falo que ela não possui. Pode-se dizer que o complexo de castração, que encerra o complexo de Édipo no menino, é o que possibilita que ele aconteça na menina.

Freud afirma que algumas das diferenças entre homens e mulheres são resultado da forma como ocorre o fim do complexo de Édipo para os sexos, pois, como a menina não passa pela exigência de renunciar a suas pulsões sexuais motivada pelo complexo de castração, sua saída do Édipo se dá de forma lenta, diferente do menino que renuncia a seus investimentos sexuais para garantir o pênis. A consequência disso é o afrouxamento ético que a mulher apresenta, visto que seu supereu não é tão rígido quanto o dos homens.

Como dito, não nos ateremos às diferenças entre os sexos na discussão deste trabalho, porém, faz-se necessário observar os posteriores estudos de Freud sobre o complexo de castração para se compreender como o desamparo se liga aos jovens.

3. A PUBERDADE E A VIVÊNCIA DO DESAMPARO

Segundo Matheus (2008), no artigo *Quando a adolescência não depende da puberdade*, durante o Império Romano o termo *adulescentia*, em sua forma latina, era empregado para marcar um período específico da vida dos cidadãos. Já na Idade Média europeia há registros de seu uso em descrições eruditas das etapas da vida, em contraste com o senso comum, que atribuía às funções sociais a definição de cada faixa etária.

A estruturação da adolescência como uma fase surge a partir da concepção de indivíduos formados através de etapas de desenvolvimento da vida; um processo histórico que se inicia no final do século XVII e se fortalece com a Revolução Francesa. Estabelece-se o processo de periodização das fases da vida, que se consolida ao longo do século XIX, devido a mudanças sociais pertinentes ao período, como a escolarização, a primeira comunhão e o serviço militar.

Instaura-se a demarcação da adolescência como o intervalo entre a infância e a vida adulta, exigindo do jovem a busca por um modo particular de enfrentar o processo de chegada à maturidade. A adolescência aparecerá neste cenário como o momento de transição entre o espaço privado da família e o espaço público, caracterizado pela esfera social (Matheus, 2020).

Entretanto, de acordo com Rosa e Carmo-Huerta (2020), no artigo *O que resta da adolescência: despertar nas fronteiras e nos fronts*, é apenas durante o século XX que o termo adolescente será utilizado indistintamente e a adolescência passa a ser objeto de estudo da psiquiatria e da psicologia, passando a ser patologizada.

Como se viu, Freud não aborda a adolescência, mas sim a puberdade, inicialmente sob uma perspectiva biológica, em consonância com a ciência de sua época. Com o avanço da psicanálise, a puberdade passa a ser compreendida como o momento em que a sexualidade adquire sua conformação adulta, o que implica diversas consequências na constituição psíquica dos indivíduos.

Em *Dependência e adolescência: a recusa da diferença*, Cardoso (2014) demonstra que na adolescência a sexualidade surge entre o cruzamento da revivescência do complexo de Édipo e do desamparo infantil, promovendo um retorno das fantasias sexuais recalçadas que emergem em um corpo diferente do infantil, apto à realização do ato sexual e à reprodução, mas sem proteção contra a sua condição infantil. “É neste movimento, historicizante, que o novo corpo, vivido de início como estrangeiro, poderá, no melhor dos casos, vir a ser integrado, tornando familiar” (Cardoso, 2014, p. 66).

Isso justifica o extenso percurso anteriormente realizado para compreender como Freud estruturou o complexo de Édipo ao longo do desenvolvimento de sua teoria. Pretende-se, agora,

analisar de que modo os conceitos apresentados articulam-se à noção de desamparo, presente desde o início da escrita freudiana – com o *Projeto para uma psicologia científica* (1895) – e que adquire grande relevância nos anos finais de sua teorização, em textos como *Inibições, sintoma e angústia* (1926), *O futuro de uma ilusão* (1927) e *O mal-estar na cultura* (1930). A partir disso, busca-se compreender como a puberdade se caracteriza como um momento de enfrentamento e elaboração do desamparo fundamental intrínseco ao humano.

Como se tentou mostrar neste trabalho, Freud não se referiu durante sua obra a uma puberdade puramente fisiológica; antes, abordou-a como o segundo tempo da sexualidade humana, momento em que, após um longo período de latência, o infantil é resgatado e ressignificado, de acordo com as possibilidades e recursos disponíveis para cada indivíduo. Isto ocorre graças à “inversão temporal que o mecanismo de posterioridade estabelece entre as marcas infantis e esse segundo momento, que retroage sobre os primeiros, atribuindo-lhes um sentido outro” (Matheus, 2008, p. 621).

Entende-se que o segundo momento da sexualidade humana ocorre após o período de amortecimento (latência), no qual uma experiência sexual, narcísica e enigmática, surpreende o sujeito, sendo então convocado a resgatar e ressignificar suas lembranças precedentes, marcando (definitivamente) sua constituição psíquica. É o efeito retardado do segundo momento que incide sobre as marcas anteriores que lhes confere um sentido, deixando um resto carente de sentido o traumático – a partir do qual o psiquismo se organiza. Esse resto diz respeito tanto ao sexual diretamente considerado, quanto às questões narcísicas que entram em cena em função dos conflitos de autoridade e poder. É o momento de confronto com as fissuras do tecido social, inicialmente amortecido (Matheus, 2008, p. 622).

O caráter plástico e enigmático que Freud atribui à sexualidade, já apresentado nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), assim como seus desenvolvimentos teóricos sobre a identificação e a pulsão de morte, impedem que a sexualidade e, conseqüentemente, a puberdade, sejam encaradas por uma perspectiva finalista, servindo apenas para a reprodução.

Neste texto, Freud estabelece que a escolha do objeto sexual é realizada em dois tempos, sendo o segundo a configuração definitiva da vida sexual. Entretanto, aponta a possibilidade de haver desarranjos nessas escolhas, visto que a “normalidade” da vida sexual só poderia ser assegurada pela precisa convergência entre as correntes de ternura e a sexual dirigidas à meta e ao objeto sexual. “É como a perfuração de um túnel a partir dos dois lados” (Freud [1905]/2016, p. 121).

O que Freud tenta exprimir é a dificuldade dessa convergência das correntes sensual e de ternura, que consistiria, caso ocorresse, em uma conclusão do desenvolvimento sexual. Nesse mesmo sentido, não há plena convergência das pulsões parciais em uma pulsão genital a serviço da reprodução. Disso podemos depreender que a sexualidade humana permanece infantil, posto que essa almejada convergência, que seria necessária para a sexualidade adulta, só ocorre no infinito, no ponto de fuga das correntes pulsionais infantis (Viola; Vorcaro, 2013, p. 467).

A compreensão inicial estabelecida por Freud sobre a puberdade surgir como o momento de síntese das pulsões será substituída, ao fim de sua obra, pela descoberta do caráter incompleto desse processo, assim como do mal-estar que resulta dele (Matheus, 2008).

É a partir desta dimensão que desamparo e puberdade se encontram, visto que as vivências comuns deste período são marcadas por perdas e rupturas: perda da infância, dos pais da vida infantil, do corpo infantil, dos ideais outrora construídos.

3.1 Desamparo em Freud

Existe alguma discordância entre psicanalistas sobre o desamparo (*Hilflosigkeit*) ser ou não um conceito em Freud. Em *Pânico e desamparo*, Pereira (2024) afirma que o desamparo não é um conceito preciso descrito na obra freudiana, e sim uma problemática desenvolvida ao longo desta. O autor sugere que o desamparo aparece mais como uma “noção” do que como um “conceito”; uma noção que se impõe a partir de questões teórico-clínicas, como a teoria da angústia, que também passou por reformulação após 1920. Já Birman (1999), em *A dádiva e o Outro: sobre o conceito de desamparo no discurso freudiano*, defende que Freud utiliza ao longo de sua obra a palavra desamparo, havendo a formulação tardia do conceito, a partir de 1920, com a mudança na visão de Freud sobre a vida. Segundo Birman (1999), é possível perceber que Freud utiliza o desamparo como palavra ao servir-se dela como adjetivo e como conceito, quando aparece como substantivo. De todo modo, não parece pertinente ao escopo deste trabalho aprofundar essa questão, portanto se utilizará apenas o termo desamparo.

Apesar das divergências quanto ao desamparo, se noção ou conceito, verifica-se que, desde muito cedo, Freud se ocupa deste tema. Em *Projeto para uma psicologia científica* (1905), o desamparo aparece pela primeira vez de modo sistematizado e ligado à incapacidade de o bebê realizar a *ação específica* que eliminaria o desprazer. Por conta de sua impotência psicomotora, torna-se necessária a presença do adulto para realizar esta tarefa, criando uma experiência inaugural de satisfação por meio da intervenção do outro. Assim, a partir do desamparo inicial do humano surge a abertura para o outro, para o mundo adulto e esse encontro com o outro é inscrito no psiquismo como processo de desejo.

O desamparo motor e psíquico do bebê é apresentado como a base de um fenômeno psíquico bastante importante e, no decorrer da obra freudiana, o desamparo será retomado e reelaborado a partir da teoria da angústia e dos ideais. Portanto, após o desenvolvimento de conceitos como narcisismo, supereu e castração, que participam da teorização do complexo de Édipo, e, sobretudo, com a descoberta da pulsão de morte, foi possível a Freud compreender o

desamparo enquanto constituinte do psiquismo humano e presente na metapsicologia. “A evolução do pensamento de Freud leva-o [...], a conceber o desamparo como a base mesma sobre a qual se desenrola o funcionamento do aparelho psíquico” (Pereira, 2024, p. 22).

Em *Por uma visão freudiana da dimensão do desamparo no psiquismo e o aspecto sociopolítico do sofrimento*, Menezes (2021) afirma que a problemática do desamparo na psicanálise freudiana apresenta uma dupla face: uma erótica e sexual, que remete ao lugar infantil e à sexualidade traumática decorrente da função materna, caracterizando o desamparo estruturante do psiquismo; e outra que se refere à falta de garantias do sujeito diante de sua existência e de seu futuro, o que resulta na renúncia pulsional como condição para a vida em sociedade – renúncia que está na origem do mal-estar experimentado pelos indivíduos na vida social.

Como se viu, no início de sua obra, Freud entendia o desamparo ligado à incapacidade do bebê de satisfazer as necessidades vitais, precisando de outras pessoas, os pais, para garantir a satisfação dessas necessidades. Posteriormente, o desamparo passa a ocupar lugar relevante na teoria da angústia, na formação dos ideais e na estrutura do supereu. Ao fim de sua vida, Freud trata o desamparo como intimamente relacionado ao complexo de Édipo e ao complexo paterno, atribuindo a ele uma dimensão cultural. Não é ao acaso que o desamparo assume valor fundamental na obra freudiana quando o autor está se interrogando sobre a origem da religião e da criação dos deuses (Pereira, 2024).

No *Projeto para uma Psicologia científica*, Freud (1895b) trata do desamparo relacionado à dependência do bebê humano em relação à sua mãe, visto que ele é incapaz de conter o desconforto gerado por suas necessidades de autoconservação (Menezes, 2012). É a mãe que traduz as necessidades do bebê e, assim, coloca fim à sua excitação pulsional. Esta dependência coloca à criança a obrigação de corresponder aos desejos dos pais para ter assegurado seu amor, o que transforma a impotência original da criança na fonte de sua moralidade (Pereira, 2024).

O organismo humano é no início incapaz de levar a cabo a ação específica. Ela efetua-se por *ajuda externa*, na medida em que, por meio da eliminação pelo caminho da alteração interna, um indivíduo experiente atenta para o estado da criança. Esta trilha de eliminação passa a ter, assim, a função secundária da mais alta importância de *comunicação*, e o desamparo inicial do ser humano é a *fonte originária* de todos os *motivos morais*. [...] Se o indivíduo prestativo realizou o trabalho da ação específica no mundo externo para o desamparado, então este foi capaz, por meio de dispositivos reflexos, de executar sem demora o desempenho necessário do interior do seu corpo para cancelar o estímulo endógeno (Freud, [1895b]/2003, p. 196, grifo do autor).

O bebê exhibe o desconforto causado pelas exigências vitais através de descargas emocionais, exteriorizadas por meio de gritos, choros e expressões de sofrimento. O evidente desprazer vivenciado pelo bebê abre caminho para as interpolações dos adultos, e, a partir desse momento, tem início a comunicação entre os bebês e seus pais. O adulto compreende esse

desamparo infantil como uma forma de apelo, e os sinais que a criança emite passam a ter um significado semântico atribuído pelo adulto.

O desamparo inicial instaura a situação de dependência do bebê frente ao outro, já que com a ajuda deste outro se torna possível eliminar o excesso pulsional, visto que ele “traduz e promove aquilo que o recém-nascido necessita” (Menezes, 2012, p. 36).

De acordo com Bocchi (2021) em *Narcisismo e castração: a ausência do desamparo psíquico e o corpo como destino*, o grito e as expressões de emoção emitidas pelo bebê têm como função primária eliminar o desconforto. Todavia, à medida que ele é ouvido, termina por ser inserido no circuito desiderativo, instaurando-se como traço mnêmico nas representações do objeto de satisfação e das imagens motoras que solucionam as necessidades. Assim, “o grito adquire uma função secundária na comunicação do estado de carência orgânica ao adulto e terá um papel na associação linguística evocativa da memória do objeto hostil” (Bocchi, 2021, p. 200).

Deste modo, pode-se afirmar que, ao mesmo tempo que o desamparo cria a dependência da criança em relação ao outro, também cria abertura para a manifestação do desejo, da satisfação.

A hipótese freudiana propunha, pois, que o processo desiderativo instaura-se a partir de uma experiência inaugural de satisfação propiciada pela intervenção benfazeja do outro. O caráter necessário dessa abertura ao outro funda-se, em última instância, no desamparo inicial do humano. [...] o desamparo infantil implica uma abertura desde o início do bebê para o mundo adulto. Esse encontro primordial inscreve-se definitivamente como processo de desejo. O desejo surge no mesmo lugar onde anteriormente tinham-se manifestado o desamparo e a impotência (Pereira, 2024, p. 146-7).

Os cuidados ofertados pela mãe ou por quem cumpra essa função constituem-se em um investimento fundamental, que garante à criança algo além da conservação da vida, “que é de caráter sexual, inconsciente e enigmático (Menezes, 2021, p. 22). A presença do outro gera tanto a dependência quanto o desejo. É desse ponto de vista que se pode dizer que o desamparo motor será o protótipo para o desamparo psíquico, que Freud vai mapear durante o desenvolvimento de sua teoria ao elaborar conceitos como narcisismo, identificação, supereu e, principalmente, a partir da introdução do conceito de pulsão de morte.

De acordo com Birman (1999), a partir de 1920 há uma mudança da concepção freudiana a respeito da vida, o que levará a apresentar a nova dualidade pulsional e a reestruturar sua concepção sobre o desamparo. No início de sua obra, Freud entendia a vida como um grande bem e a morte como o desgaste natural, uma consequência da vida. Com a descoberta da pulsão de morte, conceituada em *Além do Princípio do Prazer* (1920), ocorre uma mudança do posicionamento sobre a vida: “após os anos vinte não era mais a vida que estaria nas origens do ser, mas a morte, sendo a vida, então, a possibilidade que o ser adquiria para se opor à iminência e à irrupção da morte”

(Birman, 1999, p. 16). Freud passa a entender vida e morte como imbricadas: a morte não é mais uma consequência da vida; esta que se torna uma luta contra aquela.

Assim, no campo dessas escolhas, Freud atribuiu inicialmente à *vida* a condição de origem insofismável do ser, sendo a *morte* então a perda desse bem originário, o produto inevitável e a resultante do seu desgaste. A morte seria, pois, não [...] aquilo que se opõe a ela [vida] radicalmente, como também aquilo que mantém com aquela uma relação de exterioridade. A vida e a morte seriam então neste contexto dois estados opostos, estabelecendo relações *extrínsecas* entre si. [...] Foi esta a escolha que Freud realizou desde os capítulos iniciais do *Projeto de uma psicologia científica* de maneira bastante evidente e que retomou, logo em seguida, no capítulo VII de *A interpretação dos sonhos*. Em contrapartida, após os anos vinte não era mais a vida o que estaria nas origens do ser, mas a morte, sendo a vida então a possibilidade que o ser adquiriria para se opor à iminência e à irrupção da morte. [...] Haveria então uma imbricação entre vida e morte nesta segunda suposição, e não mais uma relação de exterioridades entre essas possibilidades. Vale dizer, a morte estaria no interior da vida, carcomendo interiormente as possibilidades vitais (Birman, 1999, p. 16, grifo do autor).

Portanto, para Freud, a vida passa a ser vista como uma aquisição, já que o movimento primordial do organismo o leva para a descarga e para a quietude, não existindo no interior dele algo que se contraponha a isso. Segundo Birman (1999), a ordem vital se instaura a partir de algo externo ao organismo, que se contrapõe ao movimento de descarga como uma contraforça vital, representada pelo outro, que, ao oferecer cuidados e a erogeneização, permite a instauração da ordem vital.

As excitações pulsionais que não podem ser contidas pelo próprio organismo. Elas se caracterizam como um excesso decorrente da prematuridade humana e, portanto, o organismo humano estaria fadado à morte se não fosse a presença do outro que lhe empresta instrumentos que possibilitam construir diferentes destinos para a força pulsional que permitem a construção da força vital, ou seja, da ordem sexual, visto que é a erogeneidade ofertada pelo outro que viabiliza a vida (Birman, 1999).

A origem do desamparo psíquico está no desamparo motor. Isto se torna claro a partir de *O Eu e o Id*, quando Freud ([1923a]/1992) afirma que o desamparo é um dos fatores ligados à origem do supereu, ganhando importância na constituição dos ideais e do psiquismo (Menezes, 2012).

É neste texto que há a apresentação da segunda tópica do aparelho psíquico, formado a partir de então por id, Eu e supereu. Menezes (2012) destaca dois pontos principais desse texto: a conceituação do Eu como uma organização especial, diferenciada a partir do id e em contato com a realidade externa, e, também, como produto de identificações que formam, no interior do indivíduo, um objeto de amor que pode ser investido pelo id, gerando uma distinção entre Eu e corpo. De acordo com a autora, essa separação contribui para a noção de desamparo psíquico que surge em 1926, ligada à teorização sobre a angústia. O outro ponto ressaltado é justamente a referência ao supereu como um dos fatores presentes na origem do desamparo.

Considerando uma vez mais a gênese do supereu tal como a descrevemos, vemos que este último é o resultado de dois fatores biológicos de extrema importância: o desamparo e a dependência do ser humano durante sua prolongada infância, e o fato de seu complexo de Édipo, que relacionamos à interrupção do desenvolvimento libidinal durante o período de latência e, portanto, ao *começo em dois tempos da vida sexual*. Esta última propriedade, especificamente humana, ao que parece, foi caracterizada, em uma hipótese psicanalítica, como herança do desenvolvimento em direção à cultura imposto pela era glacial. Assim, a separação do supereu em relação ao Eu não é algo contingente: representa os traços mais significativos do desenvolvimento do indivíduo e da espécie e, mais ainda, na medida em que procura dar expressão duradoura à influência parental, eterniza a existência dos fatores aos quais deve sua origem (Freud, [1923a]/1992, p. 37, grifo do autor, tradução nossa).

O supereu está relacionado às funções de interdição e ideal e, como mencionado, desenvolve-se a partir do declínio do complexo de Édipo. Nesse processo, a criança deixa de buscar a satisfação dos desejos edípicos proibidos e transforma o investimento afetivo nos pais em identificações com eles, passando a interiorizar a interdição (Laplanche; Pontalis, 2008).

Enquanto agente de interdição, o supereu é também o representante da cultura, da herança filogenética discutida em *Totem e Tabu* (1913), que está na origem do complexo paterno, onde o pai opera como ideal de Eu, organizando o psiquismo individual e a norma cultural, surgindo, portanto, como ‘lei’, reafirmando a necessidade do outro para a constituição subjetiva dos indivíduos.

Ao tratar sobre a perpétua influência dos pais na vida dos indivíduos, Freud reafirma a presença da sexualidade infantil mesmo após a fase de latência, período em que o indivíduo revisita suas escolhas de objeto infantis, distancia-se das figuras de autoridade relacionadas às identificações e idealizações e enfrenta questões ligadas ao desamparo. Isso remete à relação entre a puberdade e a dependência do outro, tema que será abordado a seguir.

Porém, para melhor compreensão da relação entre desamparo e puberdade, faz-se necessário um passo a mais na elaboração freudiana sobre o desamparo. Em *Inibição, sintoma e angústia*, Freud ([1926]/1992) apresenta uma nova teoria sobre a angústia, que aparece neste texto como uma reação a um modelo específico de situações de perigo, condição necessária para que haja a repressão. Essa nova teorização muda o status que a noção de desamparo ocupa na obra.

A angústia é compreendida como um estado afetivo desprazeroso com um traço particular, as sensações físicas ligadas a ela são definidas e ligadas a determinados órgãos, como o coração e órgãos respiratórios, o que prova a ocorrência de descargas motoras, diferenciando-a de outros afetos desprazerosos.

Portanto, a angústia é um estado desagradável particular, com reações de descarga que seguem caminhos específicos. De acordo com nossas opiniões gerais, acreditamos que na base da angústia existe um aumento da excitação, aumento que, por um lado, dá origem ao caráter desagradável e, por outro, é aliviado por meio das descargas mencionadas.

Entretanto, é difícil que nos satisfaça essa síntese puramente fisiológica; estamos tentados a supor que é um fator histórico que liga firmemente entre si as sensações e inervações da angústia. Em outras palavras: que o estado de angústia é a reprodução de uma vivência que reuniu as condições para um aumento do estímulo como o mencionado e para a descarga por caminhos específicos, em consequência do qual, também, o desprazer da angústia recebeu seu caráter específico. No caso dos seres humanos, o nascimento nos oferece uma vivência prototípica dessa natureza, e por isso nos tendemos a ver no estado de angústia uma reprodução do trauma do nascimento (Freud, [1926]/1992, p. 126, tradução nossa).

A angústia é concebida como um fenômeno do Eu, sede e produtor desse afeto que indica um perigo de natureza pulsional. O sinal de angústia impede o desenvolvimento do afeto até o ponto em que ele se torne excessivo e provoque a desestabilização dos conteúdos psíquicos. Assim, a angústia surge como reação a um estado de perigo e se reproduz sempre que uma situação similar se repete. O nascimento aparece como protótipo dessas situações, pela fragilidade fisiológica do bebê ao nascer, o que caracteriza o seu desamparo (Pereira, 2024).

A mãe assume um papel relevante nesse momento, pois o nascimento – primeira experiência de separação em relação à ela – proporciona à criança a primeira vivência representável de separação traumática. Dessa forma, o nascimento torna-se o modelo de qualquer situação traumática.

Ao nascer, diz Freud, o bebê pode apenas experimentar um abalo muito importante em sua economia narcísica. É somente ao lado da mãe que o nascimento pode ter significado de uma separação dado que ainda lhe faltam as condições psíquicas para tal. É apenas retrospectivamente que, para a criança, a separação da mãe representará o maior dos perigos, uma vez que tal evento terrível carrega consigo o risco de abandono a seu próprio desamparo (Pereira, 2024, p. 208).

Posteriormente, a criança vivencia outras experiências importantes como o desmame, a separação de seus excrementos e a interdição à mãe durante o complexo de Édipo. Estas experiências inscrevem de modo definitivo as situações de perda e separação como sinais de perigo que remetem ao desamparo.

A mãe se constitui como objeto à medida que a criança reconhece nela a fonte de satisfação de suas necessidades. A perda desse objeto passa, então, a ser temida pela criança e vivida como perigo. A angústia, que antes ocorria de forma involuntária, passa a ser reproduzida intencionalmente pelo Eu diante do sinal de perigo, como expressão do desamparo psíquico, correspondente ao desamparo biológico. O reconhecimento da mãe como objeto representa, portanto, a garantia de proteção contra o desamparo (Menezes, 2012). Dessa forma, a falta da mãe, ou seja, a perda do objeto, constitui a condição que determina a situação de desamparo.

De acordo com o desenvolvimento da série angústia-perigo-desamparo (trauma), podemos resumir: a situação de perigo é a situação de desamparo reconhecida, recordada e esperada. A angústia é a reação original frente ao desamparo no trauma, que mais tarde é reproduzida como sinal de socorro na situação de perigo. O Eu, que vivenciou passivamente o trauma, repete agora de maneira ativa uma reprodução

atenuada dele, com a esperança de poder conduzir de forma autônoma seu curso (Freud, [1926]/1992, p. 156, tradução nossa).

A situação de perigo é caracterizada pela ameaça de reviver a situação traumática, isto é devido a “expectativa e lembrança da situação de desamparo” (Menezes, 2021, p. 25). De acordo com Pereira (2024), todas as situações de perigo se estruturam em função da castração e não da experiência traumática, visto que esta é a referência estruturante fundamental que reorganiza presente e passado. As experiências de perda apenas podem ser compreendidas como perigo posteriormente e em relação à representação de castração. O complexo de Édipo, portanto, aparece nesta obra com seu caráter estruturante e vivido a partir do desamparo, entendido como o núcleo da situação de perigo. “Os perigos assinalados no Édipo têm como horizonte o abandono do sujeito a um estado de completo desamparo” (Pereira, 2024, p. 209).

Azevedo (2021), no ensaio *Para introduzir o desamparo na obra de Freud*, afirma que a castração se estabelece como um sistema de limitação pulsional. Como a sexualidade e agressividade aparecem soltas no humano, servindo de energia para condutas e processos mentais, faz-se necessário a criação de um sistema de contenção e elaboração dos impulsos de amor e ódio, para que eles sejam direcionados à sexualidade genital, organizada e inserida em um sistema simbólico de referência e normatização. Ao mesmo tempo em que se cria esse sistema que limita as pulsões, é necessário desenvolver um sistema para lhe proteger dos perigos da vida em decorrência de sua fragilidade. Duas tarefas competem ao ser humano: “domesticar seus impulsos e desenvolver um sistema que emita alguma sinalização para o perigo” (Azevedo, 2021, p. 51).

O sinal de proteção refere-se ao *sinal de angústia*, elaborado por Freud em 1926, ou seja, frente ao perigo o indivíduo emite um sinal de angústia, que possibilita que haja a defesa ou a fuga. Em determinado momento esse sistema que gera angústia se encontra com o sistema de limitação pulsional conhecido como *castração*, que é a operação que gera a repressão das pulsões.

A integração de ambos esses sistemas formará a angústia de castração. Em outras palavras, o impulso anárquico (solto) é perigoso ao projeto civilizatório. Esse é, a meu ver e de forma bem resumida, o motivo pelo qual a angústia de castração é o centro de gravidade do sistema freudiano. A angústia de castração é o núcleo de todas as psicopatologias para Freud, pois o ser humano vai se ver diante de um perigo relacionado à realização de seus impulsos de amor e ódio. Essa ameaça relacionada a amor e ódio, que causa muita angústia, vai fazer que o indivíduo precise reprimir aspectos de sua vida instintual (Azevedo, 2021, p. 52).

É na fase fálica que a criança se depara com a angústia de castração, que se constitui no medo narcísico de perder o falo e em um medo da separação. A angústia de castração tem relação estreita com o complexo de Édipo e ao fim deste tem-se o supereu como instância formada pela internalização da interdição e dos ideais, portanto o representante da ameaça de

castração. O Eu passa, desse modo, a temer a perda do amor do supereu e a angústia de castração é transformada em angústia moral.

Expresso em termos gerais, é a raiva, o castigo do supereu, a perda de amor por parte deste, aquilo que o Eu valoriza como perigo e ao qual responde com o sinal de angústia. Parece-me que a última mudança dessa angústia frente ao supereu é a angústia de morte (pela vida), a angústia frente à projeção do supereu nos poderes do destino (Freud, [1926]/1992, p. 132, grifo nosso).

O pai é internalizado no supereu como ideal, mantendo o temor da castração. É o temor ao supereu que permite ao sujeito manter relações sociais, visto que este oferece a proteção contra conflitos e perigos fora das relações com os pais. Neste sentido, o desamparo se encontra no meio da relação entre o eu e os ideais e o complexo de castração permanece como um dos complexos estruturantes do psiquismo.

Em 1926, o desamparo é apresentado como uma possibilidade efetiva da vida psíquica, pois se refere à capacidade do aparelho psíquico, em determinadas condições, de experimentar uma situação traumática. Entretanto, os textos posteriores de Freud conduzem à compreensão do desamparo como uma condição própria do ser humano diante da natureza e das incertezas da vida, impossíveis de serem simbolizadas de forma definitiva. O funcionamento psíquico sempre deixa um resto irrepresentável. Deste modo, “não há qualquer garantia definitiva contra a instalação do traumático” (Pereira, 2014, p. 214).

O desamparo é, dessa forma, a condição de funcionamento do psiquismo, visto que a impotência diante do excesso pulsional gera a dependência do outro para conter a angústia inerente ao traumático. Apesar dessa dependência, não há possibilidade de superação do desamparo fundamental. Nos anos seguintes, Freud descreve como a impossibilidade de garantia de proteção estrutura o psiquismo. De acordo com Menezes (2012), o desamparo é colocado na obra de Freud como a condição de existência do sujeito no mundo, na civilização. Em *O futuro de uma ilusão* (1927), o desamparo aparece como uma dimensão concreta e insuperável da condição humana, ligado ao complexo paterno e à necessidade de proteção de todos os seres humanos.

Inicialmente, o objeto de satisfação das necessidades infantis e proteção contra os perigos do mundo é a mãe, que logo é substituída pelo pai, que ocupará este lugar por toda a infância; ao mesmo tempo que a criança o admira, o teme.

Ora, quando o adolescente percebe que está destinado a continuar sendo sempre uma criança, que nunca poderá prescindir da proteção contra superiores poderes desconhecidos, atribui a esses as características da figura paterna, cria os deuses diante dos quais se assusta, cujo favor procura conquistar e a quem, entretanto, transfere a tarefa de protegê-lo. Assim, o motivo do anseio pelo pai é idêntico à necessidade de ser protegido das consequências da impotência humana; a defesa contra o desamparo infantil confere suas características à reação diante do desamparo que o próprio adulto

se vê obrigado a reconhecer, reação que é justamente a formação da religião. Mas não é nosso propósito continuar investigando o desenvolvimento da ideia de Deus; nos ocupamos aqui do tesouro já acabado de representações religiosas, assim como a cultura o transmite ao indivíduo (Freud, [1927]/1992, p. 24, tradução nossa).

Assim como a religião, a cultura é construída a partir do anseio humano de proteção diante da fragilidade frente à natureza. Nesse movimento, o homem submete-se tanto à cultura quanto à religião como meios de assegurar sua sobrevivência. As figuras que representam os ideais e a proteção configuram-se como substitutos do pai, objeto simultaneamente de amor e de temor.

Neste sentido, Pereira (2024) diz que, a partir de *O futuro de uma ilusão*, o desamparo infantil ainda é tido como o protótipo do desamparo adulto, não mais como a impossibilidade de dominar suas necessidades, mas como o perigo de enfrentar os pais, sobretudo o pai, visto que ele é simultaneamente o ideal e o representante da castração. Às leis simbólicas que Freud tratou em *Totem e tabu* cabe a tarefa introduzir alguma ordenação no caos interno do psiquismo.

Assim, seu anseio por um pai constitui o motivo idêntico à sua necessidade de proteção contra as consequências de sua debilidade humana. É a defesa contra o desamparo infantil que empresta suas feições características à reação do adulto ao desamparo que ele tem que reconhecer [...] (Birman, 1999, p. 33).

Ser amado coloca-se então como questão fundamental para a proteção do indivíduo, pois desse amor depende a vida. Todas as construções sociais são substitutas do pai que o homem desenvolve para proteger-se do desamparo fundamental. Ao deparar-se com a impossibilidade de proteção, com a castração, com o vazio, “poderá surgir existencialmente algo da ordem de um projeto” (Pereira, 2024, p. 227).

Perceber que o outro não pode garantir proteção é reconhecer que este outro também é castrado e impotente frente ao desamparo. Lidar com essa impotência será um dos grandes trabalhos que o jovem terá que desenvolver durante a adolescência (Alberti, 2010).

A discussão em torno da dependência do indivíduo em relação à sociedade é realizada em *O mal-estar na civilização*. Neste texto, Freud (1930) afirma que a civilização tem duas finalidades: a proteção contra as forças da natureza e a regulação do vínculo entre os homens. Afirma, ainda, que o ser humano depende das relações com os outros para sobreviver, sendo obrigado a realizar uma renúncia pulsional como garantia para essas relações. A consequência da frustração das exigências pulsionais é o que Freud chama de *mal-estar* (Menezes, 2012)

A civilização está organizada sobre a renúncia das pulsões de amor e ódio. A vida em sociedade só é possível porque os indivíduos abdicaram de suas pulsões em nome da vida coletiva, sendo o processo civilizatório uma obra coletiva (Azevedo, 2021).

Boa parte da luta da humanidade gira em torno de uma tarefa: encontrar um equilíbrio adequado, ou seja, que traga felicidade, entre as tais demandas individuais e as exigências culturais do grupo e um dos problemas que dizem respeito ao seu destino é saber se, por meio de determinada configuração cultural, esse equilíbrio pode ser alcançado ou se o conflito é insuperável (Freud, [1930]/1992, p. 94, tradução nossa).

Sendo a sociedade organizada a partir da renúncia pulsional, a serviço de Eros, pressupõe-se que os indivíduos não alcançarão satisfação de suas pulsões. Essa frustração marca os vínculos sociais entre os homens e é fonte de hostilidade. É de se esperar que as pulsões agressivas, derivadas da pulsão de morte, se oponham a essa ligação libidinal que agrupa os indivíduos, gerando a hostilidade entre os humanos.

E agora, eu acredito, o sentido do desenvolvimento cultural deixou de parecer-nos obscuro. Ele deve nos apresentar a luta entre Eros e Morte, a pulsão de vida e a pulsão de destruição, tal como se desenrola na espécie humana. Essa luta é o conteúdo essencial da vida em geral, e por isso o desenvolvimento cultural pode ser caracterizado sucintamente como a luta pela vida da espécie humana (Freud, [1930]/1992, p. 118, tradução nossa).

A grande sociedade humana, como diz Freud, protege os indivíduos do sofrimento, assim como o pai protegia a criança pequena. O que está na origem da necessidade de proteção é o desamparo que surge devido ao antagonismo impossível de remediar entre as exigências pulsionais e as restrições originárias da civilização. “Este interminável é constitutivo da condição subjetiva do humano, sendo o desamparo a base dessa condição” (Menezes, 2012, p. 91-2).

Segundo Menezes (2012), o desamparo representa a finitude humana e o mal-estar é a expressão utilizada por Freud para se referir a esse destino. Cabe ao indivíduo criar possibilidades afetivas que auxiliem no enfrentamento desta condição fundamental de desamparo, inventar novos destinos para o desamparo e tornar a vida possível: um dos grandes desafios da adolescência é criar estratégias para enfrentá-lo.

3.2 Adolescência e desamparo

Enfrentar o desamparo e as diferentes formas de vivenciar a castração constitui o principal trabalho de elaboração realizado pelo adolescente. É necessário que ele compreenda que não há como escapar do desamparo intrínseco ao ser humano e que não pode esperar ser plenamente protegido pelos outros que o cercam, mas, sim, perceber-se enriquecido e dotado de recursos para enfrentar o desamparo (Alberti, 2010).

Cardoso (2001), em *Violência e alteridade: o mal-estar na adolescência*, recorda que a adolescência pode ser um momento de intensos conflitos internos e relacionais, resultado das múltiplas experiências de transformação, experiências subjetivas que podem ser complexas,

problemáticas e dolorosas, geradoras de angústia e de sofrimento psíquico, com consequências pessoais e em relação às experiências sociais.

A autora ainda ressalta que o psiquismo é construído sobre um campo pulsional, o que implica em uma condição de excesso permanente e de demanda constante de trabalho psíquico para dar conta desse excesso. A adolescência coloca para o indivíduo a necessidade de buscar formas, diferentes daquelas que utilizava na infância, para lidar com essa demanda.

Mas na adolescência, com suas transformações pubertárias, em primeiro lugar, há uma espécie de potencialização de todos os excessos anteriores que pareciam ter sido ultrapassados, elaborados. As vivências da puberdade não permitem que o sujeito possa viver as mudanças corporais e organizar o seu mundo da mesma maneira que o fazia quando criança (Cardoso, 2001, p. 29).

As situações que geram rupturas, que incidem sobre a dinâmica das pulsões e sobre a economia da libido, levam à repetição da experiência de desamparo, de passividade frente ao outro e a necessidade de exercer alguma forma de controle sobre esse excesso interno.

De acordo com Cardoso (2001), a partir de 1920, com a introdução da pulsão de morte, o trauma, que havia sido abandonado no início da teoria sobre a fantasia, volta a ter relevância na compreensão freudiana do psiquismo, aparecendo articulado com a angústia, nas bases da constituição psíquica dos humanos. O excesso pulsional irrepresentável do trauma pode ser causado por excitações externas e internas, que colocam o Eu na condição de passividade frente ao outro, característica do desamparo original.

O trauma ressurgiu na teoria freudiana como algo que escapa à ordem das representações, registro do inassimilável, do “intraduzível”. Tanto as excitações vindas do exterior quanto as excitações pulsionais produzem efeitos traumáticos num ego incipiente, marcas de uma situação de desamparo originário, situação de passividade fundamental diante do outro: situação de inescapável submissão do sujeito, na qual se reencontra, de forma privilegiada, a dimensão de alteridade e a de sexualidade (Cardoso, 2001, p. 33).

Haddad *et al.* (2001), no ensaio intitulado *Violência e adolescência: a questão da relação com o objeto*, dizem que a adolescência implica na resignificação do vivido infantil, principalmente os processos relativos ao complexo de Édipo, ao narcisismo e das relações de objeto. As modificações corporais próprias da puberdade despertam no jovem questões relativas à sexualidade, e este novo corpo pode ser percebido como *estrangeiro*, levando ao sentimento de angústia e desamparo.

Essa reviravolta psíquica, que clama pelo estabelecimento de uma nova posição subjetiva, vem potencializar os excessos anteriores. Estes se inserem numa complexa trama na qual vêm entrecruzar-se as dimensões narcísica, edípica e alteritária. O complexo de Édipo e processos ainda mais arcaicos, tais como o narcisismo, são revividos e tomam corpo nessa travessia que é a adolescência. Essa árdua e intensa

retomada do passado resultará em diferentes destinos de acordo com as marcas e representações do passado infantil (Haddad *et al.*, 2001, p. 187).

Como se viu, para Freud a puberdade é o reencontro com a sexualidade. Tal reencontro é sempre inesperado, por isso produz angústia. Nesse momento, o adolescente é convidado pelo meio que o cerca e por suas determinações internas (inconscientes, pulsionais e identificatórias) a tomar uma posição na partilha dos sexos. Para assumir uma identidade sexual é necessário que se invista o outro de sua diferença, é reconhecer, desde o começo, a própria castração (Kaufmann, 1996).

É preciso seguir deparando-se com desencontros, com a impossibilidade da harmonia imaginada na infância, com a percepção que os encontros com o outro sexo são sempre faltosos e marcados pela incompletude. No encontro sexual o jovem se depara com suas fantasias inconscientes projetadas no outro. A fantasia inconsciente é edípica e é nela que se inscreve o desejo, que sempre reedita a história, a linguagem, a cultura e os pais (Alberti, 2010).

Assim, a adolescência revela a falha no ideal do pai, da imagem ideal que o indivíduo tinha de seus pais infantis, que ele cria pelas necessidades da vida. É o pai que garante o simbolismo que sustenta o psiquismo; é o pai que sustenta o adolescente na cultura e lhe oferece um lugar na sociedade (Alberti, 2010).

Trata-se da falha da autoridade simbólica³⁰, segundo Mograb e Herzog (2006) em *Sob o signo da incerteza: autoridade simbólica e desamparo*. Para a Psicanálise, a autoridade simbólica se refere à relação do indivíduo com a lei interiorizada a partir da castração e se insere no processo de subjetivação. O pai é responsável pela coesão do grupo, tal como em *Totem e Tabu*; é o que garante a filiação comum que permite que todos os membros se identifiquem com ele; o pai é aquele que norteia moralmente o grupo, assumindo o lugar de ideal (Freud, 1921). O pai ideal é, ao mesmo tempo, exemplo moral, protetor contra as forças da natureza e as incertezas do destino (Freud, 1927). Os homens precisam de um pai protetor e que os ame devido ao infantilismo, insuperável, que os acompanhará por toda a vida (Mograb; Herzog, 2006).

Segundo os autores, a hostilidade própria das relações humanas gerada pelo conflito entre as pulsões e a sociedade faz com que a relação humana seja repleta de riscos e sem garantias, marcada pelo impacto da violência no trato entre os indivíduos.

Não há laço social ou pacto simbólico capaz de resguardar o sujeito da ação destrutiva do outro. Freud sublinha, até mesmo, os limites da linguagem, e de suas construções ilusórias, no resguardo das relações com o outro. Há um desamparo próprio a essa

³⁰ De acordo com os autores, Lacan, no tópico “O mito de Édipo hoje – um comentário da trilogia dos Coûfontaine, de Paul Claudel” (Seminário Livro 8 - A transferência, 1992/1960-61), analisa a tragédia contemporânea, ressaltando a figura do pai humilhado, figura bastante diversa daquela introduzida no mito de origem da sociedade apresentada em *Totem e Tabu*. É nesse contexto que se pode situar a expressão *declínio da autoridade simbólica*.

falha simbólica, resultado da desilusão a que este pacto simbólico remete, e da desproteção a que o sujeito é lançado, por se sentir despido de suas ilusões, diante de um outro desejante e destrutivo (Mograb; Herzog, 2006, p. 131).

O supereu, a instância, se estrutura, portanto, a partir do amor e da agressividade. Devido ao desamparo psíquico acata-se a lei para não ser destruído pela autoridade; submete-se graças à falta de regulação própria da relação com o outro. Entretanto, o indivíduo também pode odiar e atacar a autoridade: o ódio ao pai somente é combatido por meio de formações reativas que dirigem os impulsos agressivos para os objetivos culturais. Ao passo que a internalização do pai ocorre, ao fim do complexo de Édipo, o supereu aparece como herdeiro dessa agressividade, usando esta força para controlar o Eu e determinar as ações dos indivíduos. A agressividade que sobra dessa operação resta no supereu, nunca representada, formando um excesso pulsional, que coloca o Eu em uma posição de perigo, levando à reedição do desamparo (Mograb; Herzog, 2006). Por mais potentes que sejam as ilusões criadas para oferecer suporte ao desamparo, elas não são suficientes para lidar com o excesso pulsional, com o traumático.

As grandes mudanças sociais que ocorreram nas últimas décadas, a ausência das figuras parentais no espaço domiciliar, a mudança no referencial dos papéis que estes ocupam no cuidado com os filhos e o abandono das crianças à televisão (e, porque não dizer, às telas de modo geral?), apontados por Birman (2024) em *Tatuando o desamparo. A juventude na atualidade*, levaram ao alongamento da adolescência. Hoje, a adolescência se inicia mais cedo e termina consideravelmente mais tarde do que nos anos 1960, por exemplo.

A criança é exposta cada vez mais a exigências de performance, sendo cobrada a realizar diversas tarefas ligadas à educação e ao aprendizado. As relações entre crianças são marcadas mais pela rivalidade, esvaziando trocas genuínas entre os pares. A criança é, nesse âmbito, lançada à solidão, tendo como companhia as telas, interagindo com personagens virtuais que deixam ainda mais precária a experiência de alteridade. Ao mesmo tempo, elas estão mais expostas a temas e situações pertinentes ao mundo adulto, como sexualidade, violência e drogas.

Todas estas experiências confrontam as crianças radicalmente com a quase ausência dos *limites*, de forma que a frouxidão dos *interditos* se destaca aqui como uma problemática fundamental na constituição psíquica. A maior ausência dos pais, no transcorrer do dia, deixa as crianças sem um contraponto seguro ante aquilo que incide sobre elas, impossibilitando a metabolização simbólica dessas mensagens e temáticas (Birman, 2001, p. 33).

A ausência dos pais desperta na criança a sensação de abandono. A dificuldade em reestabelecer os papéis sociais, além da maternidade e da paternidade, a difícil decisão sobre o lugar que a família ocupa em seus projetos de vida, revela a fragilidade dos investimentos afetivos, podendo causar graves consequências aos filhos. Por outro lado, a grande exposição

às temáticas adultas, como sexo e violência, gera novas modalidades de sexuação e engendramento da agressividade, que surgem como formas que o jovem encontra para suprir a carência de cuidados e a solidão (Birman, 2001).

Herzog e Salztrager (2021), em *O sentido da revolta adolescente na contemporaneidade*, afirmam que o declínio da autoridade simbólica e das instituições sociais que lhes serviam de referência (família, escola tradicional e igreja) gera o aumento do sentimento de vazio e desamparo, levando à procura de novos elementos identificatórios. Os adolescentes passam a buscar formas de inclusão no pacto social; alguma formação grupal que possibilite substituir as instituições em falência. Buscam, assim, alguma referência ou valor que lhes ofereça amparo.

A passagem da cena familiar para a social é marcada inversão de lugares e funções e pela dificuldade do reconhecimento do mal-estar e do desamparo. Muitas vezes as produções adolescentes, sejam elas artísticas, políticas, sexuais ou identitárias, são desvalorizadas, consideradas patológicas, violentas ou criminalizadas (Rosa; Carmo-Huerta, 2020).

Nesse contexto surgem as formações grupais massificantes e alienantes que trazem a ilusão de preenchimento do vazio e eliminação do desamparo. Entretanto, o adolescente imerso nessas formações grupais experimenta o sentimento de exclusão subjetiva, presentificado na alienação que se encontra no seio desses grupos, ou seja, “em prol de obedecer aos padrões [...] o adolescente pode tornar-se autômato, isento de qualquer faculdade crítica, capacidade reflexiva ou vontade própria” (Herzog; Salztrager, 2021, p. 83).

Birman (2001) afirma que o grande efeito causado por essas mudanças é a fragilização psíquica de crianças e jovens. Por estarem restritos ao espaço da casa, não ocuparem os espaços sociais, não experimentam as dificuldades e os impasses que os espaços públicos impõem. Assim, são impossibilitados de construir medidas de proteção que lhes são necessárias quando se deparam com a vida fora de casa. O trauma passa, desta forma, a ser uma experiência comum, pois se não lhes foi permitido aprender a antecipar o perigo: ficam expostos constantemente à experiência traumática. A infantilização se prolonga ao ponto de a adolescência confundir-se com a fase adulta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao retomar a obra de Freud para buscar compreender como a puberdade aparece no início dos estudos psicanalíticos, notou-se que, apesar de não ser uma temática de destaque na obra, é transversal nos trabalhos de Freud.

Desde os primeiros anos de seu trabalho com pacientes neuróticos, principalmente mulheres diagnosticadas com histeria, Freud atribui papel fundamental à sexualidade na eclosão das neuroses e a puberdade aparece neste cenário como o momento em que há o afloramento do interesse sexual e das grandes mudanças fisiológicas e corporais que transformam o corpo infantil em um corpo adulto.

É importante ressaltar que, deste ponto de vista, a sexualidade é entendida como traumática devido ao grande aumento da excitação e do afeto sexual característicos deste momento. A puberdade ganha destaque nesses anos iniciais da teoria psicanalítica justamente por ser o período em que há o afloramento da excitação sexual e o surgimento dos sintomas histéricos. Em princípio, e principalmente em seus estudos com Breuer, os fatores biológicos ligados ao amadurecimento sexual são elencados como a causa dos sintomas histéricos na puberdade.

Ao romper com Breuer e estabelecer seu trabalho independente, Freud passa a perceber que os fatores biológicos são menos importantes que os fatores psíquicos. Ao desenvolver sua teoria sobre a sedução traumática, atribuindo os sintomas neuróticos a uma experiência sexual precoce revivida na puberdade, esta passa a ser compreendida como o segundo tempo da sexualidade, lugar que ocupará durante todo o percurso teórico e clínico de Freud. Neste contexto, a investida sexual sofrida na infância ganha sentido traumático na puberdade por conta da capacidade que o jovem possui de perceber o caráter sexual da vivência infantil, dando origem aos sintomas histéricos a partir da repressão dessa experiência.

Percebeu-se, a partir da leitura dos textos conhecidos como pré-psicanalíticos e dos textos ligados aos anos iniciais da construção da psicanálise, que puberdade tem um destaque nas reflexões de Freud a respeito da sexualidade e, conseqüentemente, na eclosão das neuroses. A compreensão destes textos permitiu vislumbrar a ‘pré-história’ da teoria sexual infantil, mesmo que esta não esteja formulada nesse contexto.

Ao afirmar a puberdade como segundo tempo da sexualidade e da formação da neurose, Freud destaca a importância da experiência sexual infantil vivida para a formação da sexualidade adulta – assim, de modo regressivo, a partir de observações sobre a puberdade, foi possível ao autor olhar para a sexualidade infantil.

Mesmo após o abandono da teoria da sedução e da descoberta da sexualidade infantil, a puberdade permanece na obra como segundo tempo da sexualidade. No único texto dedicado à puberdade, de 1905, ela figura como o período da escolha de objeto, que só seria possível após a repressão da sexualidade infantil e do período de latência. Durante a primeira tópica, a puberdade se situa como o momento em que ocorre o complexo de Édipo e, apenas depois das modificações propostas a partir do estabelecimento de conceitos como narcisismo, identificação e da construção da segunda tópica, ela deixa de ser o momento em que ocorre o complexo de Édipo para ser compreendida como a revivescência deste complexo e das vivências narcísicas, momento em que ocorre a conformação da sexualidade adulta.

Notou-se que, ao longo do trabalho de consolidação da psicanálise, Freud não deixou de atribuir importância à puberdade. Nesse sentido, tentou-se, aqui, demonstrar que a puberdade é um tema que percorre a obra de Freud de modo transversal, surgindo como momento de eclosão da neurose ou de constituição do psiquismo e da sexualidade. Apesar das mudanças teóricas desenvolvidas ao longo do tempo, Freud não deixou de perceber a puberdade como um momento relevante e significativo, no qual as fantasias, desejos e conflitos infantis são resgatados e ressignificados, marcando profundamente a configuração do psiquismo do adulto.

Paralelamente, propôs-se a demonstrar que, devido à reviravolta ocorrida na posição subjetiva do púbere, há a potencialização dos excessos psíquicos que se cruzam com as dimensões narcísica, edípica e alteritária, que, ao serem resgatadas, resultarão em diferentes destinos. O efeito do atraso desse segundo momento incide sobre as marcas infantis e lhes oferece novo sentido, deixando um resto traumático carente de representação. Esse resto se refere tanto às questões narcísicas, relacionadas aos conflitos com a autoridade, quanto às questões sexuais, colocando ao sujeito o enfrentamento do desamparo.

A noção de desamparo ganha centralidade na teoria freudiana especialmente após 1920, tornando-se um operador fundamental para pensar o sofrimento humano. A puberdade articula-se ao desamparo justamente por exigir do sujeito o confronto com a perda dos referenciais infantis, com a sexualidade e com o excesso pulsional que marca esse momento de transição. Nesse sentido, a travessia da puberdade estabelece-se como uma reedição dos conflitos infantis, em que o sujeito é chamado a criar arranjos psíquicos que possibilitem lidar com a própria vulnerabilidade e com os riscos da experiência sexual, condição inerente a todos os seres humanos.

Assim, ao situar a puberdade como eixo transversal na obra de Freud e relacioná-la com o desamparo, este trabalho buscou contribuir para o entendimento das angústias que marcam a relação dos jovens com o corpo, a sexualidade e a separação dos pais, refletindo sobre como o processo dinâmico pelo qual sexualidade, desejo e lei são internalizados e sobre como cada

sujeito, a seu modo, pode enfrentar a tarefa de tornar suportável o desamparo constitutivo, inaugurando possibilidades singulares de subjetivação.

De todo modo, este assunto não se esgota neste trabalho, pois há margem para buscar outras compreensões mais aprofundadas sobre as dimensões que o desamparo ocupa na psicopatologia da adolescência.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Sônia. **O adolescente e o Outro**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010

AZEVEDO, Guilherme Magnoler Guedes. Para introduzir o desamparo na obra de Freud. In: CAMPOS, Érico Bruno Viana; BOCCHI, Josiane Cristina, LOFFREDO, Ana Maria (orgs.). **Psicanálise face ao desamparo e seus destinos**. São Paulo: Editora Unesp, p. 46-69, 2021.

BIRMAN, Joel. A dádiva e o Outro: sobre o conceito de desamparo no discurso freudiano. **Physis. Revista de Saúde Coletiva**. v. 9, n. 2, p. 09-30, jul. 1999. <https://doi.org/10.1590/S0103-73311999000200002>. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/physis/v9n2/02.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2021.

BIRMAN, Joel. Tatuando o desamparo. In: CARDOSO, Marta Rezende (org.). **Adolescentes**. 2. ed. São Paulo: Editora Escuta, 2001.

BOCCHI, Josiane Cristina. Narcisismo e castração: a ausência do desamparo psíquico e o corpo como destino. In: CAMPOS, Érico Bruno Viana; BOCCHI, Josiane Cristina, LOFFREDO, Ana Maria (orgs.). **Psicanálise face ao desamparo e seus destinos**. São Paulo: Editora Unesp, p. 293-321, 2021.

BREUER, Josef; FREUD, Sigmund. Estudios sobre la histeria. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas: Estudios sobre la histeria (1893-1895)**, v. 2. Trad. José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu editores, p. 1-316, 1992. Trabalho original publicado em 1895a.

CARDOSO, Marta Rezende. Violência e alteridade: o mal-estar na adolescência. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 4, n. 1, p. 27-36, 2001. <https://doi.org/10.1590/1415-47142001001004>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/NY5HQPSjHHYrsYFkZDQb8jw/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 24 set. 2022.

CARDOSO, Marta Rezende. Dependência e adolescência: a recusa da diferença. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 17, p. 63-74, 2014. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982014000300006>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/Nsm6Y8QN5HMWSfJZgg5htnD/?lang=pt>. Acesso em: 26 set. 2023.

CHEMAMA, Roland; VANDERMERSCH, Bernard. **Dicionário de psicanálise**. São Leopoldo: Unisinos, 2007.

COELHO Jr., Nelson Ernesto. A noção de objeto na psicanálise freudiana. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 4, p. 37-49, 2001. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982001000200003>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/DBd6m78YwQ7sP3ZnrHTdNmB/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 30 ago. 2024.

COSTA, Teresinha. **Édipo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

FREUD, Sigmund. Prólogo y notas de la traducción de J.-M. Charcot, Leçons du mardi de la Salpêtrière. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas: Publicaciones prepsicoanalíticas y**

manuscritos inéditos en vida de Freud (1886-1899), v. 1. Trad. José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu editores, p. 163-78, 1992. Trabalho original publicado em 1892-1894.

FREUD, Sigmund. Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**: primeiros escritos psicanalíticos (1893-1899), v. 3. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, p. 81-115, 2023. Trabalho original publicado em 1893.

FREUD, Sigmund. As neuropsicoses de defesa. In: In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**: primeiros escritos psicanalíticos (1893-1899), v. 3. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, p. 49-67, 2023. Trabalho original publicado em 1894.

FREUD, Sigmund. Projeto de uma psicologia científica. In: GABBI JR., Osmyr Faria. **Notas a projeto de uma psicologia científica**: as origens utilitaristas da Psicanálise. Rio de Janeiro: Imago, p. 171-260, 2013. Trabalho original publicado em 1895b.

FREUD, Sigmund. A hereditariedade na etiologia das neuroses. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**: primeiros escritos psicanalíticos (1893-1899), v. 3. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, p. 139-58, 2023. Trabalho original publicado em 1896a.

FREUD, Sigmund. Novas observações sobre as psiconeuroses de defesa. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**: primeiros escritos psicanalíticos (1893-1899), v. 3. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, p. 159-90, 2023. Trabalho original publicado em 1896b.

FREUD, Sigmund. Carta 46, maio de 1896. In: MASSON, Jeffrey Moussaieff. **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess (1887-1904)**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, p. 188-91, 1986. Trabalho original publicado em 1896c.

FREUD, Sigmund. Rascunho N de 31 de maio de 1897. In: MASSON, Jeffrey Moussaieff. **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess (1887-1904)**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, p. 254-9, 1986. Trabalho original publicado em 1897.

FREUD, Sigmund. Carta 71, 15 de outubro de 1897. In: MASSON, Jeffrey Moussaieff. **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess (1887-1904)**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, p. 271-4, 1986. Trabalho original publicado em 1897.

FREUD, Sigmund. Carta 72, 27 de outubro de 1897. In: MASSON, Jeffrey Moussaieff. **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess (1887-1904)**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, p. 274-6, 1986. Trabalho original publicado em 1897a.

FREUD, Sigmund. Carta 75, 14 de novembro de 1897. In: MASSON, Jeffrey Moussaieff. **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess (1887-1904)**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, p. 279-83, 1986. Trabalho original publicado em 1897b.

FREUD, Sigmund. La interpretación de los sueños. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**: La interpretación de los sueños (primeira parte) (1900), v. 4. Trad. José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu editores, p. 1-343, 1992. Trabalho original publicado em 1900.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**: três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905), v. 6. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, p. 13–172, 2016. Trabalho original publicado em 1905a.

FREUD, Sigmund. Análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”). In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**: três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905), v. 6. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, p. 173-320, 2016. Trabalho original publicado em 1905b.

FREUD, Sigmund. El creador literário y el fantaseo. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**: El delírio y los sueños em la “Gradiva” de W. Jensen y otras obras (1906-1908), v. 9. Trad. José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu editores, p. 123-36, 1992. Trabalho original publicado em 1908a.

FREUD, Sigmund. Las fantasías histéricas y su relación con la bisexualidad. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**: El delírio y los sueños em la “Gradiva” de W. Jensen y otras obras (1906-1908), v. 9. Trad. José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu editores, p. 137-48, 1992. Trabalho original publicado em 1908b.

FREUD, Sigmund. Sobre las teorías sexuales infantiles. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**: El delírio y los sueños em la “Gradiva” de W. Jensen y otras obras (1906-1908), v. 9. Trad. José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu editores, p. 183-202, 1992. Trabalho original publicado em 1908c.

FREUD, Sigmund. Carácter y erotismo anal. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**: El delírio y los sueños em la “Gradiva” de W. Jensen y otras obras (1906-1908), v. 9. Trad. José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu editores, p. 149-158, 1992. Trabalho original publicado em 1908d.

FREUD, Sigmund. Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**: o delírio e os sonhos na Gradiva, análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906-1909), v. 9. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, p. 123-284, 2015. Trabalho original publicado em 1909a.

FREUD, Sigmund. Observações sobre um caso de neurose obsessiva (“O homem dos ratos”). In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**: observações sobre um caso de neurose obsessiva (“O homem dos ratos”), uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos (1909-1910), v. 9. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, p. 13-112, 2013. Trabalho original publicado em 1909b.

FREUD, Sigmund. La novela familiar de los neuróticos. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**: El delírio y los sueños em la “Gradiva” de W. Jensen y otras obras (1906-1908), v. 9. Trad. José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu editores, p. 213-20, 1992. Trabalho original publicado em 1909c.

FREUD, Sigmund. Concepção psicanalítica do transtorno psicogênico da visão. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**: observações sobre um caso de neurose obsessiva (“O homem dos ratos”), uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos (1909-1910), v. 9.

Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, p. 313-23, 2013. Trabalho original publicado em 1910a.

FREUD, Sigmund. Um tipo especial de escolha de objeto feita pelo homem. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**: observações sobre um caso de neurose obsessiva (“O homem dos ratos”), uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos (1909-1910), v. 9. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, p. 334-46, 2013. Trabalho original publicado em 1910b.

FREUD, Sigmund. Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico. In: FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas de Sigmund Freud**: escritos sobre a psicologia do inconsciente (1911-1915), v. 1. Trad. Luiz Alberto Hans. Rio de Janeiro: Imago, p. 63-78, 2004. Trabalho original publicado em 1911a.

FREUD, Sigmund. Pontualizaciones psicoanalíticas sobre um caso de paranoia (Dementia oaranoides) descrito autobiográficamente. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**: Sobre um caso de paranoia descrito autobiograficamente, Trabajos sobre técnica psicoanalítica y otras obras (1911-1913), v. 12. Trad. José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu editores, p. 1-164, 1992. Trabalho original publicado em 1911b.

FREUD, Sigmund. Sobre la dinámica de la transferencia. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**: Sobre um caso de paranoia descrito autobiograficamente, Trabajos sobre técnica psicoanalítica y otras obras (1911-1913), v. 12. Trad. José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu editores, p. 93-106, 1992. Trabalho original publicado em 1912.

FREUD, Sigmund. La predisposición a la neurosis obsesiva. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**: Sobre um caso de paranoia descrito autobiograficamente, Trabajos sobre técnica psicoanalítica y otras obras (1911-1913), v. 12. Trad. José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu editores, p. 329-46, 1992. Trabalho original publicado em 1913a.

FREUD, Sigmund. Tótem y tabú. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**: Tótem y tabú y otras obras (1913-1914), v. 13. Trad. José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu editores, p. 1-164, 1992. Trabalho original publicado em 1913b.

FREUD, Sigmund. À guisa de introdução ao narcisismo. In: FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas de Sigmund Freud**: escritos sobre a psicologia do inconsciente (1911-1915), v. 1. Trad. Luiz Alberto Hans. Rio de Janeiro: Imago, p. 95-132, 2004. Trabalho original publicado em 1914.

FREUD, Sigmund. Pulsões e o destino da pulsão. In: FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas de Sigmund Freud**: escritos sobre a psicologia do inconsciente (1911-1915), v. 1. Trad. Luiz Alberto Hans. Rio de Janeiro: Imago, p. 133-74, 2004. Trabalho original publicado em 1915.

FREUD, Sigmund. Complemento metapsicológico a la doctrina de los sueños. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**: Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico, Trabajos sobre metapsicología y otras obras (1914-1916), v. 14. Trad. José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu editores, p. 215-34, 1992. Trabalho original publicado em 1917a.

FREUD, Sigmund. Duelo y melancolía. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**: Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico, Trabajos sobre metapsicología y otras

obras (1914-1916), v. 14. Trad. José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu editores, p. 235-56, 1992. Trabalho original publicado em 1917b.

FREUD, Sigmund. História de uma neurose infantil (“Homem dos lobos”). In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**: história de uma neurose infantil (“Homem dos lobos”), além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920), v. 14. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, p. 13-160, 2010. Trabalho original publicado em 1918.

FREUD, Sigmund. Batem numa criança. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**: história de uma neurose infantil (“Homem dos lobos”), além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920), v. 14. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, p. 161-239, 2010. Trabalho original publicado em 1919a.

FREUD, Sigmund. O inquietante. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**: história de uma neurose infantil (“Homem dos lobos”), além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920), v. 14. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, p. 328-376, 2010. Trabalho original publicado em 1919b.

FREUD, Sigmund. Más allá del principio de placer. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**: Más allá del principio de placer, Psicología de las masas y análisis del yo y otras obras (1920-1922), v. 18. Trad. José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu editores, p. 1-62, 1992. Trabalho original publicado em 1920a.

FREUD, Sigmund. Sobre la psicogénesis de un caso de homosexualidad femenina. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**: Más allá del principio de placer, Psicología de las masas y análisis del yo y otras obras (1920-1922), v. 18. Trad. José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu editores, p. 137-64, 1992. Trabalho original publicado em 1920b.

FREUD, Sigmund. Psicología de las masas y análisis del yo. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**: Más allá del principio de placer, Psicología de las masas y análisis del yo y otras obras (1920-1922), v. 18. Trad. José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu editores, p. 63-136, 1992. Trabalho original publicado em 1921.

FREUD, Sigmund. El yo y el ello. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**: El yo u el ello y otras obras (1923-1925), v. 19. Trad. José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu editores, p. 1-66, 1992. Trabalho original publicado em 1923a.

FREUD, Sigmund. La organización genital infantil. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**: El yo u el ello y otras obras (1923-1925), v. 21. Trad. José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu editores, p. 141-50, 1992. Trabalho original publicado em 1923b.

FREUD, Sigmund. El sepultamento del complejo de Edipo. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**: El yo u el ello y otras obras (1923-1925), v. 21. Trad. José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu editores, p. 179-88, 1992. Trabalho original publicado em 1924.

FREUD, Sigmund. Algunas consecuencias psíquicas de la diferencia anatómica entre los sexos. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**: El yo u el ello y otras obras (1923-1925), v. 21. Trad. José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu editores, p. 259-76, 1992. Trabalho original publicado em 1925.

FREUD, Sigmund. Inibição, sintoma y angustia. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas: Presentación autobiográfica, Inhibición, sintoma y angústia, ¿Pueden los legos ejercer el análisis? Y otras obras (1925-1926)**, v. 20. Trad. José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu editores, p. 71-164, 1992. Trabalho original publicado em 1926.

FREUD, Sigmund. El porvenir de una ilusión. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas: El porvenir de una ilusión, El malestar da cultura y otras obras (1927-1931)**, v. 21. Trad. José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu editores, p. 1-56, 1992. Trabalho original publicado em 1927.

FREUD, Sigmund. El malestar em la cultura. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas: El porvenir de una ilusión, El malestar da cultura y otras obras (1927-1931)**, v. 21. Trad. José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu editores, p. 57-140, 1992. Trabalho original publicado em 1930.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Introdução à metapsicologia: artigos de metapsicologia, 1914-1917**. 7. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

HADDAD, Camila *et al.* Violência e adolescência: a questão da relação com o objeto. In: CARDOSO, Marta Rezende (org.). **Adolescentes**. 2. ed. São Paulo: Editora Escuta, p. 183-96, 2001.

HERZOG, Regina, SALZTRAGER, Ricardo. O sentido da revolta adolescente na contemporaneidade. In: CARDOSO, Marta Rezende (org.). **Adolescentes**. 2. ed. São Paulo: Editora Escuta, p. 77-87, 2001.

JORGE, Marco Antônio Coutinho. **Fundamentos da psicanálise de Freud à Lacan: as bases conceituais**, v. 1. 5. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

JORGE, Marco Antônio Coutinho. **Fundamentos da psicanálise de Freud à Lacan: a prática analítica**, v. 3. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

JORGE, Marco Antônio Coutinho. Dois ensaios sobre fantasias de surra. In: FREUD, Sigmund. **Bate-se numa criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

KAUFMANN, Pierre. **Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Fantasia originária, fantasias das origens, origem da fantasia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário da Psicanálise**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008. Trabalho original publicado em 1982.

LIMA, Felipe. **A questão da identidade em psicanálise: divisão e identificação**. Dissertação (Mestrado em Teoria Psicanalítica) - Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: https://teopsic.psicologia.ufrj.br/wp-content/uploads/2021/06/DISSERTACAO-FELIPE-NUNES-DE-LIMA_2014.pdf. Acesso em: 25 mar. 2025.

MATHEUS, Tiago Corbisier. Quando a adolescência não depende da puberdade. **Revista latinoamericana de psicopatologia fundamental**, v. 11, p. 616-25, 2008. <https://doi.org/10.1590/S1415-47142008000400008>. Disponível em: <https://qa1.scielo.br/j/rlpf/a/BTW9XHQHmFfx9bKhWYJt6n/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 26 out. 2023.

MATHEUS, Tiago Corbisier. **Adolescência: história e política do conceito na psicanálise**. 3. ed. Belo Horizonte: Artesã, 2020.

MENEZES, Lucianne Sant'Anna. **Desamparo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.

MENEZES, Lucianne Sant'Anna. Por uma visão freudiana da dimensão do desamparo no psiquismo e o aspecto sociopolítico do sofrimento. In: CAMPOS, Érico Bruno Viana; BOCCHI, Josiane Cristina; LOFFREDO, Ana Maria. **Psicanálise face ao desamparo e seus destinos**. São Paulo: Editora Unesp, p. 17-41, 2021.

MEZAN, Renato. **Freud: a trama dos conceitos**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013. Trabalho original publicado em 1982.

MEZAN, Renato. **Freud, pensador da cultura**. 7. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. Trabalho original publicado em 1985.

MIGUELEZ, Nora B. Susmansky. **Complexo de Édipo: novas psicopatologias, novas mulheres, novos homens**. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.

MOGRABI, Daniel; HERZOG, Regina. Sob o signo da incerteza: autoridade simbólica e desamparo. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 11, p. 127-33, 2006. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2006000200001>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/9BHLf85CL6J8r7yrRt4pKfr/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 23 mar. 2023.

MONZANI, Luiz Roberto. **Freud: o movimento de um pensamento**. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014. Trabalho original publicado em 1989.

MOREIRA, Jacqueline de Oliveira. Édipo em Freud: o movimento de uma teoria. **Psicologia em Estudo**, v. 9, p. 219-27, 2004. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722004000200008>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/9HW3v6rz3q6hxDnyx6QQ9JB/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 15 fev. 2024.

NAMBA, Janaína. **Expressão e linguagem: aspectos da teoria freudiana**. São Paulo: Blucher, 2014.

PEREIRA, Mario Eduardo Costa. **Pânico e Desamparo**. 3. ed. São Paulo: Editora Escuta, 2024.

NEVES, Carla Maria de Medeiros. **Reflexões sobre a identificação no pensamento freudiano**. Dissertação (Mestrado em Teoria Psicanalítica) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <http://objdig.ufrj.br/30/teses/792293.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2025.

ROSA, Miriam Debieux; CARMO-HUERTA, Viviani. O que resta da adolescência: despertar nas fronteiras e nos fronts. **Estilos da Clínica**, v. 25, n. 1, p. 5-20, 2020. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v25i1p5-20>. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282020000100002&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 30 ago. 2022.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SALES, Jôse Lane; HERZOG, Regina. O corpo em psicanálise: entre a fragmentação e a ilusória unificação. In: HERZOG, Regina; PACHECO-FERREIRA, Fernanda (orgs.). **De Édipo a Narciso: a clínica e seus dispositivos**. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2014.

SANCHES, Aline; BOCCHI, Josiane Cristina. Defesa psíquica na primeira tópica freudiana: por que as pulsões são reprimidas? **Revista de Filosofia Aurora**, v. 33, n. 58, 2021. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/6733/673373986015/673373986015.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2025.

VIEIRA, Alessandra Aguiar; VORCARO, Ângela Maria Resende. Concepções freudianas sobre a irrupção da puberdade ea etiologia das neuroses. **Psicologia USP**, v. 25, n. 2, p. 144-54, 2014. <https://doi.org/10.1590/0103-6564A20135113>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/QYdzGq7gHz8vwYCMwJbdBsJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 set. 2023.

VIOLA, Daniela Teixeira Dutra; VORCARO, Ângela Maria Resende. Latência, adolescência e saber. **Estilos da clínica**, v. 18, n. 3, p. 461-76, 2013. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1415-71282013000300002&script=sci_abstract. Acesso em: 15 fev. 2023.